

# AS MUSAS INQUIETANTES

Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras

*Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica*

*orientada pelo Professor Doutor Carlos Amaral Dias*

Ref. 6947  
Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
BIBLIOTECA

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

LISBOA 1993

Imagem da capa:  
**As Musas Inquietantes**  
Giorgio de Chirico, 1925

---

Deu-se então a revelação. Marino viu a rosa, como Adão a pôde ver no Paraíso, e sentiu que ela estava na sua eternidade e não nas suas palavras e que podemos mencionar ou aludir mas não exprimir e que os altos e soberbos volumes que formavam, num ângulo da sala, uma penumbra de ouro não eram (como na sua vaidade chegou a sonhar) um espelho do mundo, mas sim uma coisa mais a acrescentar ao mundo.

(Jorge Luis Borges)

---

**PRELÚDIOS**

---

Quelle inquiétante étrangeté, quand  
les mères chancellent, seules à se  
tenir entre nous et la rédemption!

(S. Freud)

---

Conheci a obra de Chirico, "As Musas Inquietantes", na minha adolescência. E recordo que encontrei nessa pintura um halo de familiaridade e, simultaneamente, de estranheza, de inquietação... Uma praça ampla, gerada por uma perspectiva acentuada e, nela, uma tepidez mediterrânica, sombras e luz, e musas — estátuas sem rosto e sem expressão... Musas, inspiradoras dos poetas e, ao mesmo tempo, personagens vazias de vida, de história... Mortas?...

Hoje, ao percorrer os corredores do hospital onde me desloco com frequência, e ao contemplar as mães sentadas junto das camas dos seus filhos doentes, esse quadro e esses velhos sentimentos ressurgem... Mães, musas, envoltas nos gemidos e no calor da febre dos filhos e na luz intensa que jorra das janelas amplas, olhar vazio, braços cruzados, presentes e ausentes, parecendo aguardar que um tempo sem tempo se escape... Que se passa com elas?...

Acerca da sua obra, escreve Chirico: *"Il ne faut pas oublier qu'un tableau doit être toujours le reflet d'une sensation profonde et que profond signifie étrange et qu'étrange signifie pas connu ou tout à fait inconnu."* <sup>1</sup>

Freud, que se debruçou sobre o sentimento de "inquietante estranheza", afirma: "*lo siniestro en las vivencias se da quando complejos infantiles reprimidos son reanimados por una impresión exterior, o cuando convicciones primitivas superadas parecen hallar una nueva confirmación.* (...) Si se tiene en cuenta que las convicciones primitivas están íntimamente vinculadas a los complejos infantiles y que en realidad arraigan en ellos, no causará gran asombro ver cómo se confunden sus límites" (Freud, 1919, p. 2503).

Tanto Chirico como Freud parecem falar-nos, cada um à sua maneira, de pensamentos à procura dum pensador, de conteúdos dispersos que buscam um continente (num quadro, numa impressão exterior, numa "nova confirmação"). Também eu, ao longo deste trabalho, a que resolvi dar o título "As Musas Inquietantes", procurarei dar forma a inquietações que pressinto, mas não conheço nem sei. O seu pano de fundo são histórias inquietantes, construídas entre mim e várias mães. Histórias da inquietude *versus* quietude das Musas que me inspiraram-inquietaram. Mas é, também, necessariamente, uma história sobre a minha inquietude em transmutação. Assim, neste estudo há mitos, histórias, poesias, reflexões, dúvidas com resposta e dúvidas sem resposta, vínculos, conhecimento, erros, equívocos... Um ensaio?...

## 2

Tudo é quieto e calmo quando perfeito, concordante, sem mácula, quando Belo / Bom / Vida / Amor se conjugam em simultâneo e em oposição, clara e definida, a Feio / Mau / Morte / Ódio. Aí reina Harmonia. A superfície do lago é lisa e podemos rever-nos nela. Mas Harmonia casa-se com Cadmo e, na boda, os deuses oferecem-lhe um colar maravilhoso que faz pender sobre os seus descendentes terríveis desgraças. Então as águas do lago agitam-se, as imagens reflectidas perdem o contorno, o rosto de cada um assume partes da face odiosa do Demónio e a quietude finda. O Belo torna-se Mau, a Morte é Amada, as águas mentais misturam-se e confundem-se. Como conciliar categorias inconciliáveis? Não é sempre a Morte Má e Odiosa? E a Vida Boa e Amada? Não se deseja a vida dos filhos que se amam? Como se pode amar o "mau" filho que vai morrer? Deseja-se a morte do "bom" filho que se odeia? Continua-se a amar o "mau" e "feio" filho que nos "ataca" podendo morrer?

Esta é uma história que teve um começo e um longo caminhar, por veredas que cruzavam e descruzavam o traçado inicial. Havia nevoeiro, chuva miúda, horizontes pouco definidos que se foram clareando e, ao mesmo tempo, obscurecendo de novo, como quando a Terra penetra, vagorosamente, na penumbra, à hora da sesta solar.

Foi, então, uma história com vários tempos.

### **Primeiro tempo - A tentação**

Há alguns anos atrás comecei a colaborar, enquanto psicóloga, com a Equipa da Unidade Pediátrica de Hemodiálise da Clínica de Doenças Renais.

Fui tecendo uma teia terapêutica com várias crianças e adolescentes, em programa regular de hemodiálise, bem como com as suas mães. E fui constatando:

- que algumas crianças (felizmente poucas) apresentavam um atraso global do desenvolvimento, facto esse que parecia ocorrer quando variáveis "pesadas" se entrecruzavam (insuficiência renal crónica precoce e grave, crise familiar disruptiva, estrato sócio-económico pouco favorecido);
- uma vivência de grande proximidade na relação mãe-criança, com inevitáveis dificuldades de autonomização para esta última e, por vezes, centração da vida da mãe em torno do filho doente e da sua doença;
- que muitas crianças manifestavam uma expressão verbal e gráfica pobre, como se o seu universo mental fosse pouco povoado ou apenas preenchido com "fazer" quotidianos.

Integrada numa equipa pluridisciplinar tenho desenvolvido diversas intervenções. No entanto, não posso deixar de reconhecer que essas intervenções têm efeitos muito restritos, proporcionando, na generalidade, apenas uma melhor adaptação à doença e aos tratamentos inerentes.

Então começou a esboçar-se, em mim, a Ideia de que seriam necessárias intervenções precoces, nomeadamente aquando do diagnóstico da doença, para prevenir a instalação de quadros mais graves, tardiamente. Penso, com efeito, que a vida destas crianças e de seus familiares está profundamente alterada pela presença ameaçadora da doença que, como um "papão", invadiu a casa e pousou sobre a criança, deixando nos pais um sentimento difuso de desadequação na protecção ao filho.

*Incluido*

Assim, o meu desejo de saber (e de curar) levou-me a formular algumas questões. Como é que, após o diagnóstico da doença, mãe e filho vivem esta situação? Como é que, a partir desse momento, se organizam as trocas entre ambos? E como é que, a partir de aí, se constroem as particularidades estruturais do funcionamento psíquico de cada criança?

É um desejo de saber a génese...

### **Segundo tempo - A maçã**

Eu queria construir uma história sobre as origens... Mas como?

Esse era um desejo vago e impreciso, a busca de uma quimera... Uma investigação urge desejos concretos, materializados, medições, variáveis controladas...

Assim, após vários esboços e esforços, após conversas com Amigos, o objecto tentador delimita-se, o desejo esfumado ganha contornos: como vive uma mãe, após o parto, o facto de o seu bebé ser portador de uma mal-formação no aparelho urinário?

É o retorno às minhas deambulações pela primeira infância, ao desejo de conhecer o Enigma, ao desejo de saber sobre o desejo da mãe...

### **Terceiro tempo - A partida**

Entrei na nave e parti à descoberta do espaço, ainda que sem rumos bem delimitados, vagueando pelas Terras-mães azuis e luminosas que encontrava no meu percurso... Extasiada com elas, contente por as encontrar, o meu prazer foi sobretudo o da descoberta e da contemplação...

Viagem de exploração pelo sofrimento dessas mães, pelo universo mental do "homem animal aflito", é, também, um confronto e uma exploração do meu próprio universo mental. Percurso de encontro, comigo, com as mães, com a infinitude do espaço...

Pouco a pouco uma história foi surgindo, escrita, substituindo uma realidade vivida e indescritível por uma outra. Ganhou existência em si própria, tornou-se independente, ela...

Ela aí está.

**SOBRE O FAZER, O SABER E O SABER FAZER**

---

There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.

(W. Shakespeare)

---

## 1. SOBRE O FAZER

Quando se redige um trabalho, pena-se...

É preciso encontrar um fio de Ariadne — nem sempre muito visível — que organize as reflexões, hesitações, esboços, avanços, retrocessos, que constituem qualquer investigação, num todo passível de partilha e de crescimento — para quem escreve e para quem lê...

O fio de Ariadne que agarrei levou-me através de um labirinto, onde encontrei recônditos desconhecidos, que desembocavam noutros labirintos, numa viagem sem fim feita de certezas precárias, alguma insegurança e bastante prazer...

Como contá-la? E por onde começar? Talvez pela questão presa à ponta do fio — "Como vive uma mãe, após o parto, o facto de o seu bebé ser portador de uma mal-formação no aparelho urinário?" —, a partir da qual teci, com o meu orientador, a teia sintética dum fazer organizador (e questionador).

- De entre as várias mal-formações possíveis no aparelho urinário foi escolhida a hidronefrose.

A hidronefrose corresponde a uma dilatação das vias urinárias, com maior ou menor gravidade, e com diferentes localizações na parte excretora desse sistema. Actualmente é possível a sua detecção no feto, através das ecografias de rotina realizadas durante a gravidez materna. A ecografia permite, com efeito, a visualização do aparelho urinário do feto a partir da 15<sup>a</sup> semana de gestação (Mathieu, 1973), o que torna possível, então, o diagnóstico e o seguimento, a partir dessa altura, de anomalias no seu desenvolvimento. O principal interesse do diagnóstico pré-natal é o de permitir um acompanhamento ao recém-nascido desde o nascimento, uma vez que qualquer intervenção cirúrgica realizada in útero permanece do domínio da pesquisa e só deve ser encarada para casos excepcionais (Longaker, Golbus, Filly et al., 1991).

Assim, se um recém-nascido teve um diagnóstico pré-natal de hidronefrose, ao segundo dia de vida realiza uma ecografia para confirmar a avaliação anterior. Depois, no decurso dos três primeiros meses, é sujeito a uma série de exames médicos, a fim de se detectar a origem e o porquê da hidronefrose e instituir a terapêutica adequada.

A hidronefrose pode resultar de uma obstrução congénita nas vias excretoras renais, nomeadamente de anomalias na junção pielo-ureteral, anomalias na junção uretero-vesical, válvulas uretrais posteriores, etc. (Colodny, 1987).

A terapia é variável, dependendo da problemática encontrada. A maior parte das situações obstrutivas tem a indicação de correção cirúrgica. Outras situações controlam-se, em geral, de um modo conservador, através da profilaxia das infecções. De qualquer forma a intervenção médica visa sempre impedir a deterioração da função renal.

Quanto ao prognóstico, também é variável, dependendo do tipo de lesão anatómica, da precocidade do diagnóstico e da terapêutica instituída. É difícil apreciar o prognóstico a longo termo, uma vez que está intimamente relacionado com o grau de falência da função renal provocado pela lesão anatómica.

- Decidiu-se que a amostra seria constituída por 10 mães, a cujos filhos tivesse sido diagnosticada, durante a gravidez ou logo após o nascimento, hidronefrose.
- A metodologia a utilizar seria a entrevista clínica, no decurso da qual procuraria reenviar cada mãe para a vivência interna do problema físico apresentado pelo seu bebé, bem como para a expressão do investimento afectivo no filho.

Face aos primeiros casos que surgiram (Eva e Fernanda) realizei três entrevistas. Depois, como considerámos que o material recolhido no decurso de uma entrevista era suficiente e, também, devido a problemas pessoais relacionados com o tempo disponível para a investigação, passei a efectuar apenas uma entrevista.

- As entrevistas foram **gravadas**, com excepção de um caso (Eva), em que só a segunda entrevista o foi.
- As entrevistas ocorreram durante **os primeiros três meses de vida do bebé**, na fase de pesquisa médica em que as origens e o porquê da hidronefrose ainda não estavam completamente esclarecidos.

(A idade média dos bebés, à primeira entrevista, foi 1 M e 4 d, tendo o mais velho 2 M e 10 d e o mais novo 8 d).

- Na generalidade dos casos, estabeleci, através do médico assistente, um primeiro contacto, com cada mãe, no hospital (onde o bebé estava internado ou onde frequentava a consulta). Sabia, então, da sua disponibilidade para colaborar no meu estudo e, caso afirmativo, combinava a entrevista, que se realizava ou no hospital ou em casa da mãe.
- A recolha da amostra demorou cerca de um ano.

Todas as mães referenciadas fizeram parte do estudo, com excepção de cinco: uma, que foi excluída por ser de raça negra; duas, que após manifestarem disponibilidade no primeiro contacto, desistiram; outras duas que foram perdidas por problemas técnicos (a primeira e única entrevista não ficou gravada e, quando me apercebi disso, era impossível reconstituí-la).

## 2. SOBRE O SABER

Qualquer investigação é fruto do encontro criador entre a rede conceptual do investigador — alicerçada na cultura científica em que está inserido — e o objecto de estudo. Através da sua rede conceptual, o investigador delimita e questiona esse objecto, urdindo com ele uma teia que levanta, inevitavelmente, novas questões (sobre o objecto, sobre o investigador, sobre o saber, sobre a relação estabelecida) que geram novos saberes, novas relações e novas questões...

Assim, o saber e o fazer coabitam e crescem juntos. E, à medida que o meu fazer se ia fazendo, muitas questões me foram surgindo...

O que é conhecer? O que é o conhecimento científico? Qual é a possibilidade do saber sobre o subjectivo do Homem? E se o é, como lhe posso aceder? Distancio-me e, como ser distinto, observo o meu objecto de estudo? Ou entrego-me e nessa entrega, no encontro com o objecto, é que o descubro, descobrindo-me?

O que é que as minhas teorias e os meus métodos fazem ao meu objecto de estudo? E que objecto constroem? (Pereira, 1980)

Não será todo o saber sobre o Homem um saber tornado suspenso pela finitude da palavra?

O investigador é um decodificador de signos ou um construtor de signos?

Qual a relação entre o que uma mãe vive e o que me conta? E entre o que ela sente e eu intuo? E qual a relação entre a intimidade do que vivo (numa entrevista, num trabalho de investigação) e o que descrevo e torno público?

E foi então que, fio de Ariadne na mão, procurando escapar ao Minotauro do anti-conhecimento, penetrei em labirintos que outros me ajudaram a pensar...

## 2.1. Da Ciência

Boaventura de Sousa Santos, nas suas obras "Um Discurso sobre as Ciências" (1987) e "Introdução a uma Ciência Pós-Moderna" (1989), traça uma panorâmica global sobre o paradigma dominante na Ciência Moderna e salienta, ao mesmo tempo, a sua crise. Tentarei resumir algumas das suas ideias, por as considerar pertinentes para as questões por mim levantadas.

A partir da revolução científica do século XVI, começa a constituir-se o modelo vigente na Ciência Moderna, que vai possibilitar uma transformação técnica e social sem precedentes na história da Humanidade. Esse modelo acaba por se impôr de uma maneira totalitária, negando o carácter racional a todas as formas de conhecimento que não fossem regidas pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas, como, por exemplo, o senso comum. O que o separa do saber aristotélico e medieval é, sobretudo, uma nova relação do homem com o mundo, que se alicerça, em primeiro lugar, na dicotomia ser humano/natureza e, em segundo lugar, no desejo de domínio do Homem sobre a natureza.

Para a Ciência Moderna, "a natureza é tão-só extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, mecanismo cujos elementos se podem demonstrar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de

desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes activo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar" (Santos, 1987, p. 13).

Assim, a Ciência Moderna desconfia sistematicamente das evidências da experiência imediata e exige uma observação rigorosa dos fenómenos, observação essa que deve ser norteadada por ideias claras e simples, a partir das quais se possa aspirar a um conhecimento mais profundo da natureza. Ora para a Ciência Moderna, as ideias mais "puras", isto é, que fornecem o modelo de representação da própria estrutura da matéria, são as ideias matemáticas. "Conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objecto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. (...) Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou" (Santos, 1987, p. 15).

Estamos, assim, face a um conhecimento causal que aspira à formulação de leis que prevejam o comportamento futuro dos fenómenos, independentemente do lugar e do tempo. Isto é, a descoberta das leis da natureza "assenta no princípio de que a posição absoluta e o tempo absoluto nunca são condições iniciais relevantes" (Santos, 1987, p. 16).

Por outro lado, o êxito que a Ciência Moderna obteve na manipulação e na transformação do real ficou a dever-se, também, ao tipo de causa formal que ela privilegia: ao romper com o senso comum, o novo paradigma científico dissocia a causa da intenção, expulsando esta última. **Enfatiza como funcionam as coisas, em detrimento de qual o agente ou qual o fim delas.**

Estamos, com estas leis, face a um mundo que "é uma máquina cujas operações se podem determinar exactamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar num espaço vazio, um mundo que o racionalismo cartesiano torna cognoscível por via da sua decomposição nos elementos que o constituem" (Santos, 1987, p. 17).

Esta ideia de um mundo-máquina ordenado, estável, previsível, corresponde à grande teoria da época moderna, o mecanicismo, que constitui uma forma de conhecimento utilitário, funcional, capaz de dominar e transformar o mundo, mas muito menos de o compreender.

Segundo Boaventura de Sousa Santos o paradigma da Ciência Moderna está em crise profunda e irreversível. Com efeito, o grande avanço que ele proporcionou, nomeadamente no campo teórico, veio evidenciar a precaridade das suas fundações. A revolução científica que se inicia com a teoria da relatividade de Einstein, na astrofísica, e continua com Heisenberg e Bohr, no domínio da microfísica, apontam-nos as insuficiências estruturais do paradigma científico moderno. Se a partir de Einstein se torna evidente que a simultaneidade de dois acontecimentos está relacionada com o seu sistema de referência, com Heisenberg e Bohr a distinção sujeito/objecto perde os seus contornos dicotómicos.

Sobre este assunto afirma Cândido Martins Agra (1982, p. 532): "A Física, para explicar o segundo princípio da termodinâmica teve de socorrer-se do problema epistemológico da relação entre sujeito cognoscente e objecto observado. E põe-no em termos que se opõem radicalmente ao idealismo, ao realismo, ao empirismo: sujeito e objecto constituem elementos dum mesmo sistema. (...) A relação sujeito-objecto constitui uma rede/sistema de comunicação-informação de objectos que recebem, registam, traduzem, transformam e emitem mensagens, informações. Sujeito e objecto não são mais que estruturas de informação em interacção da qual resulta uma objectivação do sujeito e uma subjectivação do objecto."

Boaventura de Sousa Santos acentua, ainda, a importância das investigações de Godel, no campo da matemática, que vêm questionar o rigor das formalizações matemáticas e redefini-lo como uma forma de rigor que se opõe a outras possíveis.

Também os avanços recentes do conhecimento, nos domínios da microfísica, da química e da biologia, nomeadamente as investigações do físico-químico Ilya Prigogine, contribuem para a crise do paradigma vigente na Ciência Moderna. Assim, por exemplo, os trabalhos de Prigogine "estabelecem que em sistemas abertos, ou seja, em sistemas que funcionam nas margens da estabilidade, a evolução explica-se por flutuações de energia que em determinados momentos, nunca inteiramente previsíveis, desencadeiam espontaneamente reacções que, por via de mecanismos não lineares, pressionam o sistema para além de um limite máximo de instabilidade e o conduzem a um novo estado macroscópico. Esta transformação (...) é o resultado da interacção de processos microscópicos segundo uma lógica de auto-organização numa situação de não-equilíbrio. A situação de bifurcação, ou seja, o ponto crítico em que a mínima flutuação de energia pode conduzir a um novo estado, representa a potencialidade do sistema em ser atraído para um novo estado de menor entropia. Deste modo a irreversibilidade nos sistemas abertos significa que estes são produto

da sua história" (Santos, 1987, pp. 27-28). A teoria de Prigogine dá asas ao delinear de uma nova concepção da matéria e da natureza. "Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente" (Santos, op. cit., p. 28).

Também a difusão do modelo cibernético e da teoria do processamento de informação abalou, como um sismo, a partir da segunda metade deste século, o edifício das ciências, fazendo-o explodir na lógica dos sistemas organizados. Efectivamente, "era necessário abandonar o registo criador de linearidades bipolares ou antinómicas em que as relações duais mantêm a individualidade e o meio nos espaços do ontológico e substituí-lo por um registo que permita decifrar para além das simplicidades lineares as complexidades circulares, para além das determinações, o jogo das indeterminações e das regulações, para além da interioridade e da exterioridade o encadeamento das integrações, para além das relações de entidades-termos, as inter/intra/retro-acções dos sistemas abertos organizados" (Agra, 1982, p. 534).

Ora todas estas novas conceptualizações, não constituem fenómenos isolados, meras ilhas que emergem no oceano do modelo científico vigente. Elas fazem parte de um movimento pujante, rico e diversificado, em suma de uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico. Como diz Santos (op. cit., p. 30), "depois da euforia cientista do século XIX e da conseqüente aversão à reflexão filosófica, bem simbolizada pelo positivismo, chegámos a finais do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios." Após cerca de dois mil anos, a célebre frase de Sócrates "Conhece-te a ti mesmo!" ganha uma nova dimensão.

Boaventura de Sousa Santos esboça, então, algumas das características do conhecimento do paradigma da Ciência Pós-Moderna.

- O conhecimento do paradigma emergente tende a ser um conhecimento não dualista, que ultrapassa a ruptura ontológica entre o homem e a natureza, o sujeito e o objecto, o singular e o universal, o mental e o material, e, deste modo, assume que todo o conhecimento científico é auto-conhecimento.

- No paradigma emergente o conhecimento é total e, simultaneamente local, uma vez que a sua fragmentação não é disciplinar, mas temática. Constitui-se em redor de temas adoptados por grupos sociais concretos, e avança à medida que o objecto de estudo se amplia e ganha novas e mais variadas interfaces. Apoia-se numa pluralidade metodológica, uma vez que só uma constelação "imetódica" de métodos pode gerar conhecimentos realmente inovadores.
- O conhecimento pós-moderno não é determinístico nem descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade da acção humana, projectada no mundo a partir dum espaço-tempo local. Emigra analogicamente para fora do seu contexto de origem, apoiando-se na qualidade e na exemplaridade.
- O conhecimento pós-moderno será "mais formativo do que informativo, tanto na contemplação como na transformação do mundo, criador e não destruidor da competência social dos não cientistas, um conhecimento envolvido emocionalmente no alargamento e no aprofundamento da conversação da humanidade." (...) Defenderá, por isso, "uma interacção mais profunda e tolerante entre processos cognitivos e processos não cognitivos, entre ciência e emoção" (Santos, 1989, pp. 134-135).
- A ciência pós-moderna não utiliza, na sua escrita, um estilo unidimensional, em que a palavra vive pelo seu sentido directo. Ela socorre-se das analogias e das metáforas, e o seu estilo aproxima-se do literário.

Enfim, todo o conhecimento científico é social, quer na sua constituição, quer nas consequências que produz. A razão porque hoje privilegiamos uma forma de conhecimento baseada na previsão e no controle dos fenómenos, nada tem de científico. É um juízo de valor.

O edifício intelectual construído pela Ciência Moderna teve um fim prático, que foi o de criar um conhecimento que pudesse instrumentalizar e controlar a natureza. A concepção instrumentalista e unidimensional da natureza reduz esta a uma matéria-prima, sobre a qual o homem inscreve o sentido histórico do processo de desenvolvimento. Assim, a desumanização da natureza é correlativa da desnaturalização do homem.

Mas este homem desnaturalizado não é um homem qualquer; é, aquando do advento da Ciência Moderna, a burguesia, a classe que transporta em si o espírito do capitalismo, e que vai utilizar a relação de exploração da natureza para produzir um desenvolvimento das forças produtivas sem precedentes na história da humanidade.

Mas o avanço da Ciência e as alterações nas condições de produção científica, conduziram à superação do paradigma da Ciência Moderna e ao emergir de novas possibilidades de conhecimento...

Pessoalmente penso (e desejo) que a Ciência Pós-Moderna apresentará características mais descritivas e compreensivas do que o paradigma científico anterior, e que será uma ciência mais bondosa, menos onipotente e, como sugere Meltzer (1975), mais amável e paciente.

Será, além disso, uma ciência que dialoga e integra outras formas de conhecimento (o senso comum, o discurso religioso,...) reabilitando, assim, o valor do mito, na dimensão que ele transporta de harmonia e comunhão entre o homem e o que rodeia (Levi-Strauss, 1978) que, no fundo, e como diz Santos (1987), não é mais do que a união com "o mais íntimo de nós."

## 2.2. De uma Ciência chamada Psicologia

A Psicologia instituiu-se como Ciência, segundo o modelo de racionalidade das Ciências Naturais clássicas, em 1879, com a criação, por Wundt, do célebre Laboratório de Psicologia Experimental de Leipzig.

A partir daí, e numa visão bastante simplista, podemos encontrar, na Psicologia, duas vertentes principais.

A primeira, influenciada pela metodologia analítica elementarista cartesiana, pelo empirismo inglês e pelo positivismo de Comte, aponta para a construção de um saber baseado em dados empíricos, e formalizado por leis gerais, estabelecidas por intermédio de uma metodologia experimental e, por conseguinte, susceptíveis de verificação. Tende a eliminar a consciência e a explicar os comportamentos a partir das suas características

exteriores, objectiváveis. A sua expressão mais radical é o behaviorismo, desenvolvido por Watson.

A segunda, herdeira da tradição humanista e filosófica, reivindica um estatuto metodológico próprio, argumentando que a característica específica dos fenómenos psicológicos é a sua subjectividade. Como refere Daniel Lagache (1949), os factos psicológicos são "consciências" (Sartre), "experiências vividas" (Stern) ou "expressões" (Jaspers, Lagache). Para esta vertente, a Psicologia, como ciência subjectiva, deve compreender o comportamento a partir do sentido que cada sujeito confere à sua acção, para o que é necessário privilegiar métodos qualitativos em vez de quantitativos, a fim de obter um conhecimento inter-subjectivo, descritivo e compreensivo.

A reflexão epistemológica iniciada noutras ciências, como por exemplo na Física, e referida anteriormente, atravessa o reino da Psicologia e questiona-o bem fundo.

"Como lidar com a complexidade interaccional do humano, agora que o finalismo estrebucha e a indeterminação renasce?"

Se (...) não podemos esperar captar a complexidade da Natureza, como conceber captar a complexidade da natureza humana?" (Dias, 1990).

Penso, no entanto, que a Psicologia, como ciência madura, tem de procurar — e de criar — os seus próprios fundamentos epistemológicos e metodológicos. E nessa procura será tributária da Psicanálise, dos muitos contributos que ela tem dado, quer para a Ciência, em geral, quer para a Psicologia, em particular.

E é sobre alguns desses contributos que irei falar seguidamente, dada a sua importância para o meu estudo.

## 2.3. De alguns dos contributos da Psicanálise para a Psicologia, em particular, e para a Ciência, em geral

### 2.3.1. A Psicanálise e o seu objecto de estudo

Freud, ao fundar a Psicanálise, com o objectivo de estudar o inconsciente, coloca, inequivocamente, no centro da sua investigação a vivência psicológica, subjectiva, individual.

"Chamámos psicanálise ao trabalho pelo qual levamos à consciência do doente o psíquico recalcado nele. (...) Os sintomas e as manifestações patológicas do paciente são, como todas as suas actividades psíquicas, de natureza altamente compósita; os elementos desta composição são em última análise motivos, moções pulsionais. Mas o doente nada sabe, ou sabe muito pouco, desses motivos elementares. Ensinamos-lhe, pois, a compreender a composição dessas formações psíquicas altamente complicadas, reconduzimos os sintomas às moções pulsionais que os motivam, apontamos ao doente nos seus sintomas os motivos pulsionais até aí ignorados, como o químico separa a substância fundamental, o elemento químico, do sal em que, em composição com outros elementos, se tornara irreconhecível" (Freud, 1918, citado por Laplanche e Pontalis, 1967, p. 496).

A exploração do inconsciente vai ganhar uma nova dimensão com a descoberta, por Freud, da transferência. "Ce fait nouveau que nous reconnaissons ainsi comme à contre coeur, n'est autre que ce que nous appelons le transfert. Il s'agirait donc d'un transfert de sentiments sur la personne du médecin, car nous ne croyons pas que la situation créée par le traitement puisse justifier l'éclosion de ces sentiments" (Freud, 1916-1917, p. 471). "Nous surmontons le transfert, en montrant au malade que ses sentiments, au lieu d'être produits par la situation actuelle et s'appliquer à la personne du médecin, ne font que reproduire une situation dans laquelle il s'était déjà trouvé auparavant. Nous le forçons ainsi à remonter de cette reproduction au souvenir. Quand ce résultat est obtenu, le transfert, tendre ou hostile, qui semblait constituer la plus grave menace en ce qui concerne le succès du traitement, met entre nos mains la clé à l'aide de laquelle nous pouvons ouvrir les compartiments les plus fermés de la vie psychique" (Freud, op. cit. p. 476).

Freud inaugura, assim, uma nova concepção de observação em ciência, tal como questiona, de forma implícita, o papel da palavra como expressão do não-dito.

Ao longo da sua vida, Freud delinea o método e a especificidade da Psicanálise, enraizados no epistema positivista da época. Mas, amante profundo da Verdade, não cessará de interrogar e reformular o seu modelo teórico, lançando os gérmenes para o salto epistemológico, da teoria da pulsão para a teoria da relação de objecto, que os seus continuadores realizarão.

Melanie Klein acentua, muito cedo na sua obra, a ideia que vivemos em dois mundos, e que um desses mundos, o mundo interno, o mundo concreto da realidade psíquica que habita a nossa mente, está povoado, e é a vida dessa população que constitui a base da nossa vida mental.

"O mundo interno consiste de objectos — sendo o primeiro de todos a mãe — internalizados em vários aspectos e situações emocionais. As relações entre essas figuras internalizadas, e entre elas e o ego, tendem a ser vivenciadas, quando a ansiedade persecutória é dominante, como essencialmente hostis e perigosas; são sentidas como amorosas e boas quando o bebé é gratificado e prevalecem sentimentos positivos. Esse mundo interno, que pode ser descrito em termos de relações e acontecimentos internos, é o produto dos próprios impulsos, emoções e fantasias do bebé. Sem dúvida, esse mundo é profundamente influenciado pelas boas e más experiências do bebé, provindas de fontes externas. Mas, ao mesmo tempo, o mundo interno influencia sua percepção do mundo externo de uma maneira não menos decisiva para seu desenvolvimento" (Klein, 1955, pp. 170-171).

Então podemos conceber o espaço mental como um palco, em que os actores (que têm o seu próprio espaço psíquico) são "pessoas" (ou partes delas), internalizadas pelo sujeito, e partes do próprio *self* clivadas, rejeitadas ou amadas. Estas personagens vão interagindo entre si, numa miríade de hipóteses combinatórias, onde o passado, o presente e o futuro coexistem (ou não?). E então criam dramas, comédias, narrativas, mitos...

Meltzer di-lo de uma outra forma: "a mente é a função geradora de metáforas que usa o grande computador [que é o cérebro] para escrever a sua poesia e pintar os seus quadros de um mundo cintilante de significados. E significado é, mais do que tudo, a manifestação fundamental das paixões nas relações íntimas com a beleza do mundo." (Meltzer, 1990 b, p. 11)

Assim, de Freud aos dias de hoje, a Psicanálise tem-se deslocado "de um ponto de vista explicativo e causalista para um modelo descritivo no seio do qual a descrição e a interdescrição dos fenómenos tende para uma infinitude de possibilidades" (Dias, 1988, p.17). E ficou radicalmente de pé um edifício teórico cujo objecto de estudo é o conhecimento do inconsciente/realidade interna, bem como uma concepção da vida psíquica como um processo dinâmico, com formas próprias e específicas de organização.

### 2.3.2. A Psicanálise e uma nova conceptualização da relação sujeito/objecto

Para Freud, a psicanálise dedica-se à descoberta da realidade histórica do paciente, através de uma relação estabelecida entre duas pessoas, e em que cada uma desempenha um papel distinto. "Y lo que buscamos es una imagen del paciente de los años olvidados que sea verdadera y completa en todos los aspectos esenciales. Pero en este punto hemos de recordar que el trabajo analítico consta de dos porciones completamente distintas, que se llevan a cabo en dos localizaciones diferentes, que afecta a dos personas, a cada una de las cuales le es asignada una tarea distinta." (Freud, 1937, p. 134) E quais são, teoricamente, essas tarefas? O analisando recorda, associando livremente. O analista, apoiado numa neutralidade benevolente e numa atenção flutuante, deve deduzir, a partir do material fornecido pelo analisando, o seu passado.

Assim, num primeiro tempo, a psicanálise, "cirurgia da alma" como descreve Freud, é uma espécie de investigação pura onde o analisando reconstrói historicamente o seu passado, através da descoberta das reminiscências reprimidas.

Mas, a partir da concepção de mundo interno, desenvolvida por Melanie Klein, e da chamada de atenção, de Paula Heimann, para o papel e a importância dos sentimentos despertados no analista, pelo analisando, nada ficará como dantes... No decorrer do processo analítico — viagem realizada a dois — uma nova história é construída. "L'histoire de l'analyse n'est pas la reconstruction de l'histoire qui a eu lieu dans le réel (le fameux enfant réel d'Anna Freud), c'est la *construction de la réalité psychique du sujet*" (Green, 1990, p. 361).

Mas ouçamos Paula Heimann acerca do que é a contra-transferência: "My thesis is that the analyst's emotional response to his patient within the analytic situation represents

one of the most important tools for his work. The analyst's counter-transference in an instrument of research into the patient's unconscious. The analytic situation has been investigated and described from many angles, and there is general agreement about its unique character. But my impression is that it is a relationship between two persons. What distinguishes this relationship from others, is not the presence of feelings in one partner, the patient, and their absence in the other, the analyst, but above all the degree of the feelings experienced and the use made of them, these factors being interdependent. The aim of the analyst's own analysis, from this point of view, is not to turn him into a mechanical brain which can produce interpretations on the basis of a purely intellectual procedure, but to enable him, to *sustain* the feelings which are stirred in him, as opposed to discharging them (as does the patient), in order to *subordinate* them to the analytic task in which he functions as the patient's mirror reflection" (Heimann, 1950, pp. 81-82).

Green vai ainda um pouco mais longe nesta formulação. Afirma: "Avec Neyraut (1974) je pense que le contre-transfert ne se limite pas aux effets affectifs négatifs ou positifs produit par le transfert, mais qu'il inclut tout le fonctionnement mental de l'analyste, tel qu'il est influencé, non seulement par le matériel du patient, mais aussi par ses lectures ou ses discussions avec ses collègues. On peut même parler de contre-transfert comme précédant le transfert, condition sans laquelle aucune élaboration de ce qui est transmis par le patient ne pourrait avoir lieu" (Green, 1990, p. 68).

Então um novo olhar desponta na prática clínica: a ênfase é agora colocada na análise da transferência e da contra-transferência, enquanto manifestações das relações internas que se processam *hic et nunc* no psiquismo do analisando.

Amaral Dias, apoiando-se em conceitos desenvolvidos por Bion, afirma: "Porém, o fundamental, na análise, é o processo de comunicação específico da relação analítica, isto é, a sua dimensão transferencial e contratransferencial. Aquela pode de novo ser vista em dois planos: como repetição e como vivência. A transferência como repetição faz do analista, na sua neutralidade e impavidez, um receptor passivo e um descodificador do passado repetido. Como vivência, a transferência opera noutra registo: como projecção no interior do analista das partes do *self* do analisando, de forma a que aquele a possa compreender e mudar sob a forma de interpretação. O conceito de Bion de continente/conteúdo, aplicável em primeiro lugar à relação precoce (mãe-filho), ao ser vertida na relação analítica implica precisamente uma mudança qualitativa na compreensão da transferência e da contra-transferência. O analista como continente do analisando procura, em termos de comunicação, recebê-lo

integralmente no seu interior, realizando o que Bion designou por *at-one-ment*. A contratransferência é então *pensar com, sentir com*. A interpretação é a formulação verbal desta empatia. Através da capacidade de *rêverie*, o analista diz pela palavra o que primeiro pensou e sentiu, não do seu analisando, mas do seu analisando em si" (Dias, 1988, p. 132).

Então, e nesta perspectiva, o analista não desvenda um sentido oculto. Ele constrói um **sentido ausente**, jamais formulado antes da relação analítica (Green, 1974, referido em Green, 1990).

Assim, o analista, continente dos conteúdos do seu analisando, através da rede interna do seu pulsar, dá existência e significado a esses conteúdos, sabendo, no entanto, que esse significado, ainda que novo e vivo, é expresso pelo continente efêmero e pobre da palavra.

E esse significado, criado no espaço que separa analista e analisando, transforma-o num espaço de criação (Winnicott, 1951) e de crescimento mútuo. Como diz Pereira (1992, p. 166), parafrazeando Sócrates: "O conhecimento não está em mim, não está em ti, está no espaço que medeia entre nós."

### 2.3.3 A Psicanálise e o seu questionar constante

A psicanálise, propondo-se fazer falar a fala do fundo dos tempos — o inconsciente — aponta para o irrepresentável, para o que está presente e se furta, num movimento de fuga eterna. Assim, a psicanálise, mais do que qualquer outra área do conhecimento humano, constrói-se inquietando-se, criticando, rectificando, interrogando o que porventura parecia definitivamente conhecido.

Freud em "A Interpretação dos Sonhos" (1900), refere que a natureza íntima do inconsciente é tão desconhecida como a realidade do mundo exterior — o ser humano só conhece do objecto as suas emanções (qualidades sensoriais e perceptivas, verbalizadas ou figuradas).

Para Bion, que retoma o desafio da possibilidade *versus* impossibilidade de conhecer na relação analítica, a "verdadeira realidade psíquica" (Freud), "coisa em si" (Kant),

"realidade última" ou "verdade absoluta" (Bion), representada por O, é passível de apreensão através das suas transformações. "Mais je veux qu'il soit clair que si je dis que O est inconnaissable, ce n'est pas parce que je considère que la capacité humaine n'est pas à la hauteur de la tâche, mais parce que C, A ou H<sup>2</sup> sont inappropriés à O. Ils sont appropriés à des transformations de O, mais non à O" (Bion, 1965, p. 159).

Assim, durante o processo analítico, o analisando (e o analista), que buscava conhecer-se, renuncia, através do novo conhecimento que constrói de si mesmo, a conhecer completamente o não conhecido.

Afirma Jean Guillaumin: "Le jugement d'irreprésentabilité consiste à admettre en profondeur, *dans le champ du discours réaliste*, que *tout n'est pas actuellement ni finalement pensable, ni connaissable*, pour ces sujets-là que nous sommes ici et maintenant, et que *quelque chose* demeure irréductiblement en mal de sens, qui ne peut être qu'*évoqué* par les arabesques de la vie et de l'imagination. Vivre, créer, penser est alors possible, *de ce jugement même de renoncement au contrôle totalitaire du sens*, du "représentable", qui ne peut engendrer le devenir psychique qu'au prix de concéder la fragilité, la dépendance, la relativité, la précarité enfin de la psyché désirante" (Guillaumin, 1992, p. 21).

Por outro lado, é inevitável que a psicanálise se questione sobre as potencialidades representativas da linguagem verbal e que, ao tentar nomear o inominável, representar o irrepresentável, descrever o indescritível, falar do "fundo dinâmico onde o real se reelabora e se cria a si mesmo" (Ramos Rosa), recorra, frequentemente, à linguagem poética. Pois não é ela, como diz Herberto Helder, "a língua fora do tempo, fora do espaço," onde encontramos "ouvidos para escutar a música do fundo da água"?...

### 3. SOBRE O SABER FAZER

Saber fazer, título estranho, porque ilusório, porque, em verdade, o que é saber fazer?

Será que o fio de Ariadne me levou a um local de anti-conhecimento, chamado "saber fazer"?

Afinal o que sei?

Sei pensar melhor o que os meus métodos fazem ao meu objecto de estudo, e que objecto fazem, porque, dentro de mim, está mais nítida a sombra do que sei, isto é, o não sei.

#### 3.1. Da entrevista

Como já foi referido, recorri, neste estudo, à entrevista clínica, mais propriamente, à entrevista clínica de investigação (Castarède, 1983).

Este tipo de entrevista, tal como a entrevista clínica, está centrada na pessoa!

entrevistada, na sua integridade, originalidade e unicidade. O entrevistador "apaga-se" para acolher a vivência do outro, numa atitude de compreensão empática. Apesar de ser ele a formular as questões, relacionadas com o tema em estudo, o respeito, o interesse genuíno pelo entrevistado, está no centro das suas preocupações.

O entrevistador deve procurar estabelecer uma relação tolerante, contentora, interactiva, com o objectivo de suscitar a expressão verbal autêntica, por parte do entrevistado, e poder, assim, compreender a sua vivência, face ao problema colocado.

O clínico deve, ainda, assumir uma atitude de neutralidade acolhedora, de disponibilidade emocional, o que implica modular os sentimentos que o entrevistado lhe desperta através da sua capacidade de empatia e compreensão.

A entrevista constitui-se como um momento privilegiado de encontro entre mim e cada mãe.

Eu encontro uma mãe, uma mãe cujo bebé teve um diagnóstico de hidronefrose, durante a gestação ou imediatamente após o parto. E encontro-me com ela não como sujeito que sabe, mas como sujeito que não sabe, que deseja saber... A minha postura é de escuta, de entrega ao momento que vivo, de estar com... No entanto, há coisas que sei... Sei... Tenho todo um saber teórico dentro de mim, teia de pressupostos — até acerca do que é uma entrevista — que vão, necessariamente, modelar a minha postura, inflectir o meu dizer, dirigir o meu olhar... E sem ele não saberia mesmo olhar... Tenho todo um saber estar com o outro, acumulado ao longo da minha história, — que passa por saber estar comigo, com as diversas personagens que me habitam — que estrutura a forma única como estou com cada mãe... E sem ele não seria eu... Assim, oscilo entre o não saber e o saber, entre o desejo de apreender a singularidade de cada mãe e o risco de confirmar o que sei, entre a Carídis da hermenêutica e a Cila da redução... Aonde chegarei ao longo desta viagem?...

Enfim, assomo à janela da minha casa, com a sua interioridade povoada de recordações, aromas, imagens, luzes, sombras, personagens. Lá fora há um exterior que me fascina e que só posso apreender deixando que circulem e ressoem em mim os seus dizeres e a sua forma de estar.

Então formulo questões vastas, que procuram reenviar cada mãe para a sua experiência interna... "Gostaria que me contasse um pouco da sua história..." E desejaria que os meus dizeres fossem palavras mágicas, uma espécie de "Abre-te Sésamo!" Então as pedras enormes e pesadas, que tapam a entrada da gruta do tesouro, deslizariam... Ou, então, as comportas da barragem abririam e surgiria água, em cachão vertiginoso, a saltar, a luz solar a incidir nela e a desdobrar-se em mil cores...

Isso é o meu desejo. Até porque tenho medo de magoar, de fragilizar. Sei que vou levantar questões que doem, eventualmente até abrir feridas cicatrizadas à pressa. Também sei que, ao acolher em mim o sofrimento de cada mãe, ao oferecer-lhe uma escuta empática, posso proporcionar-lhe uma re-significação num espaço interno tornado mais amplo... Sei... E no entanto tenho medo, e o gravador às vezes não funciona, a *cassete* está ao contrário... Pequenos percalços que revelam as minhas próprias dificuldades...

Mas dá-se o encontro, que é sempre, também, um desencontro. Diz o senso comum que "é a falar que a gente se entende". E, em parte, é verdade. Os homens construíram, através da linguagem verbal, código abstracto e sistema de signos, "um prodigioso campo representativo, um processo de comunicação e um veículo expressivo" (Pereira, 1990, p. 327).

Mas a palavra, cada palavra, é um pobre continente dos conteúdos que lhe estão associados. Como narrar a palavra "mãe", por exemplo? E como descrever os sentimentos que em mim evoca o Concerto para flauta, harpa e orquestra, em Dó maior, K. 299, de Mozart? A palavra é uma finitude a partir da qual pensamos, e sabemos e comunicamos, o infinito daquilo que somos em cada momento.

E aquilo que cada mãe me diz, através das suas palavras, não é mais do que uma palavra finita, estranha, sons, se eu, dentro de mim, não for capaz de lhe dar espessura, isto é, se no meu mundo interno não encontrar uma "nova" infinitude para essa finitude.

E quem, ou o quê, dentro de mim, pode construir um "texto" para o dizer do outro, senão o meu teatro interno, a "função geradora de metáforas da minha mente"? (Meltzer, 1988).

Mas esse meu teatro interno não é apenas sensível à fala de cada mãe. É-o também à sua postura, à expressão da sua emoção, à sua proximidade *versus* fuga, ao seu silêncio, em

suma, a mil e um índices que revelam a forma de se relacionar comigo, e que são outros tantos "dizeres" à procura, através da reverberação em mim, dum "texto" que lhe outorgue um sentido.

Por seu turno, cada mãe vai ser sensível, à sua maneira, à minha presença, aos meus dizeres. É certo que a sua forma de estar, o seu discurso, estão relacionados com o local onde nos encontramos, com a relação com o bebé, naquele momento, com a sua capacidade de se exprimir, ..., mas também estão, necessariamente, ligados com a maneira como me sente e vive.

É por tudo isto que penso que uma entrevista clínica (de investigação ou não) constitui um momento privilegiado e único de encontro (e desencontro) entre duas pessoas, em que uma se apaga — para potencializar a luz emitida pela outra — e se "esvazia" ("sem memória e sem desejo") — para se "encher" com o outro —, nunca se apagando nem esvaziando completamente, sob pena de não haver constituição de uma relação. E o que ocorre, entre essas duas pessoas, é algo de único e específico, que tem a ver com a totalidade daquilo que cada um é, e com o contexto da ocorrência, e não é um nem o outro, mas qualquer coisa de novo criado por ambos.

Então, a entrevista, articulação entre o desejo do entrevistado (de ser escutado, compreendido,...) e o desejo do entrevistador (de saber, de curar, de criar,...), verso que sai solto pelo vento do entrevistado ao encontro do verso que sai solto pelo vento do entrevistador, e desperto pelo entrevistado, e desperto pelo entrevistador, transforma-se num "outro", combinatória de metáforas riscadas num espaço, tornada possível pela diferença e proliferação dos conteúdos do entrevistador e do entrevistado.

E, então, uma entrevista é um espaço de vida, irreduzível a uma gravação auditiva e, ainda mais, à sua transcrição fria para folhas de papel branco. São memórias afectivas, cheiros, dizeres, lágrimas e sorrisos, olhares que se encontram, um rosto fechado, uma cortina que esvoaça... Goethe diria:

*"Cinzenta, caro amigo, é toda a teoria,  
E verde a dourada árvore da vida."*

### 3.2. Da construção das "histórias"

Perante mim, sobre a mesa, jazem *cassettes* com entrevistas gravadas e, mais ao lado, folhas de papel branco onde, numa escrita desenhada, se encontram as transcrições dessas mesmas entrevistas.

Depois, olho dentro de mim, e encontro cada uma das mães que entrevistei. E recordo luzes, silêncios, obscuridades, labirintos sinuosos, flautas dos Andes, um princípio de tarde chuvoso... Emoções tecidas, rendas feitas a duas... Que fazer com elas, senão música? Mas música eu não sei... E no entanto...

Ocorrem-me palavras de Maria Gabriela Llansol: *"Eu sentei-me aqui para tentar modificar uma ideia principal modulando-a por ideias acessórias. Dispus de um ambiente, incluindo a música que fazia, como um primeiro degrau; depois, subir é fácil, há sempre um terreno superior aos que nos encerravam; há um intervalo, e eu parto para outro texto com os componentes passados desta luz"*<sup>3</sup>

Mas como, como passar para outro texto?

A análise de conteúdo, tal como é proposta por Laurence Bardin (1977), é frequentemente utilizada nas investigações que se apoiam em entrevistas clínicas únicas — como é o caso deste estudo — uma vez que permite ultrapassar a contingência e a particularidade inerente a elas. Mas, ao abrir categorias, ainda que suficientemente vastas, ao fraccionar o discurso de cada mãe nessas categorias, fico sem "mães", sem musas, sem a personagem única que é cada uma delas, sem a poesia e a história do encontro, efêmero, que ocorreu entre nós... Perco tudo isto e também não o transmuto num conhecimento compartilhado. Que fazer?

É, então, que nasce em mim a ideia de construir uma "história" para cada mãe, espécie de relato poético do que de fundamental se passou entre nós. Uma história que reúna os seus dizeres, os meus sentimentos, a luz, a sombra e os aromas do encontro. Uma, várias musas... E talvez desponte uma rapsódia...

Cada história que construo não é uma mãe e também não é a vivência de uma dada mãe. É um enredo significativo construído por mim, portador das marcas da minha

individualidade. Através daquilo que eu sou, e dos meus pressupostos teóricos, debruçei-me sobre a transcrição escrita das entrevistas e sobre as memórias, em mim guardadas, do encontro com cada mãe. Essas memórias são o fruto de um encontro entre duas pessoas, focalizado num tema, ocorrido num tempo e num espaço determinados, tal como foi vivido por mim. Têm, subjacentes a elas, uma estruturação inevitavelmente pessoal. Por outro lado, cada história não contém, em si, a totalidade do discurso verbal produzido nem a totalidade das minhas memórias. É uma "apropriação", sobre determinados índices, e a sua organização num todo significativo, ao qual não escapa o meu desejo de produzir objectos estéticos.

Cada história é uma "capela imperfeita" e incompleta, passível de aperfeiçoamento e acabamento, ao longo do tempo.

Cada história é fruto do meu olhar. Outros olhares descreveriam, necessariamente, outras vertentes, outras zonas de claro-escuro. O meu próprio olhar é histórico, isto é, a sua capacidade discriminativa aumenta à medida que o meu espaço interno se amplifica e diversifica. Sim, hoje novas músicas vibram em mim quer porque a capacidade de ressonância dos meus instrumentos musicais aumentou, quer porque eles são outros... Agora muitos mais instrumentos me habitam: a harpa, o cravo, o clarinete... É uma "camerata" que toca melhor as minhas músicas e escuta e recria mais harmonicamente a dos outros... Hoje é-me mais fácil a intimidade, a empatia, a consonância... Será que quando tiver escrito a última história, farei a primeira da mesma forma?

Cada história procura descrever e compreender movimentos psíquicos individuais, únicos, irrepitíveis, desenrolados no espaço e no tempo, o que pressupõe conceber a sua transfinitude. Afirma Abreu (1990, pp. 25-26): "A fundamentação epistemológica do comportamento subjectivo exige uma lógica que legitime a possibilidade de construção de *conceitos individuais* ou singulares que, na proposta de Miranda Barbosa (1947), sob a influência da fenomenologia husserliana e no seguimento da monadologia de Leibniz, teriam como característica principal a transfinitude, no sentido de se poder sempre acrescentar uma nova nota característica às notas já existentes. A transfinitude do conteúdo dos conceitos individuais ou únicos é correlativa da sua indeterminação. E é nesta indeterminação que radica não apenas o carácter probabilístico do conhecimento científico em Psicologia mas também a possibilidade de *irrupção do novo* e do *imprevisto* que o espírito científico deve acolher numa atitude de humildade e de respeito pelo dinamismo da própria vida."

A construção de cada história foi um processo longo. Como cada história não é uma descrição circunstanciada da entrevista, implica uma seleção e uma ordenação do material, de acordo com uma estrutura, que não existia, mas foi "descoberta" para cada mãe.

Penso que posso fazer equivaler cada história, enquanto unidade construída portadora de uma significação, ao conceito de conjunção constante desenvolvido por Bion.

"Une conjonction constante est une fonction de la conscience chez l'observateur. L'observateur a le sentiment que c'est *pour lui* une nécessité que la conjonction ait une signification *pour lui*. La signification est une fonction de l'amour de soi, de la haine de soi ou de la connaissance de soi. Elle n'est pas logiquement nécessaire: elle est psychologiquement nécessaire. Une fois dénommée, la conjonction constante doit — c'est une question de nécessité psychique — se révéler porteuse d'une signification. Lorsque cette signification psychologiquement nécessaire a été atteinte, la raison, en tant qu'elle est esclave des passions, transforme la signification psychologiquement nécessaire en une signification logiquement nécessaire. (...) L'objection élevée contre un univers dénué de signification (quelle que soit la grandeur ou la petitesse supposée de cet univers) dérive de la peur que le manque de signification ne soit le signe que la signification a été détruite et de la menace que cette destruction représente pour le narcissisme fondamental" (Bion, 1965, p. 86).

Assim, fazer uma história é, face à multiplicidade dos dados existentes, face ao caos de cada caso, encontrar uma **conjunção constante** e nomeá-la, através do relato escrito.

Mas como transformei as entrevistas em histórias? Não sei, fez tão parte de mim!... Mas alguns dizeres sei partilhar...

Procurava silenciar-me de tudo o que não se prendesse com uma dada mãe, e lia e relia a sua entrevista, e recordava as imagens e os sentimentos guardados do encontro com ela. Assim, depois de "cheia" pelos seus conteúdos, procurava, apoiando-me quer nos pressupostos teóricos que me pareciam mais adequados para a compreensão do caso, quer na rede da minha capacidade de *rêverie*, que uma história se estruturasse, pouco a pouco, dentro de mim. Deixava-me, no fundo, habitar e transitar por ideias que pugnavam pela sua existência. A análise de contra-transferência (Heimann, 1950; Devereux, 1967), foi sempre bastante produtiva. Através dela pude iluminar muitas áreas confusas, de sombra.

Construir, desta forma, uma personagem é um processo mental criativo, gerador de crescimento, mas é, também, um processo doloroso pelo que ele implica de re-leituras de partes de mim.

Para o descrever vou retomar palavras de Dario Sor e de Maria Rosa Gazzano que, ainda que longas e em espanhol, me parecem extraordinariamente claras e fecundas. A sua conceptualização, relacionada com a situação analítica, apoia-se na função  $Ps \leftrightarrow D$ , desenvolvida por Bion, e que, basicamente, trata da dinâmica mental entre flutuação dispersiva (Ps) e ponto(s) de integração (D), imprescindível para a descoberta de novas significações.

"El analista debe estar proclive a desarticular sus conjuntos de creencias, y estar dispuesto a observar lo obvio, que a veces ni por asomo resulta ser tan obvio, en la medida en que los hechos están ocurriendo. Esto es en parte debido a los fenómenos conocidos como transferencia, que como Freud decía, tienden a presentarse con "fidelidad indeseada". Esta "fidelidad" de la estructura de repetición, se nos ocurre que es "indeseada" en la medida que se está desplegando un contenido con cualidad de "hecho-en-sí-mismo", en el medio llamado "transferencia". Resulta lógico que estos fenómenos sean indeseadas para el analista, ya que justamente le impiden el ejercicio de la desestructuración D, tarea para la cual debe relajar su sentido común, y poner en marcha el menos común de los sentidos, que a nuestro juicio es el sentido de darse cuenta de lo obvio. Esta función de la mente del analista, ha sido conceptualizada como: "función psicoanalítica de la personalidad". Comporta el desarrollo de todo un sistema mental, que puede llamarse "aparato preconceptual", aparato que justamente está centrado en la capacidad para desestructurar D en su camino hacia Ps. El pasaje de D a Ps es corto, pensamos que ocurre en un momento, si se da la precondition de colocar a la mente en estructura pre-conceptual. Si bien el proceso es rápido, no creemos que sea instantáneo, quizá la palabra "desmoronamiento" refleje bien el desencadenamiento de una serie de sucesos conjuntamente unidos. Imaginemos el desmoronamiento sucesivamente creciente de un enorme edificio al caer, filmado en cámara lenta. El estado pre-conceptual es un estado de expectativa. Una vez que se abandona, se llega a un estado de unicidad o de at-one-ment, de "sí memoria, sin deseo, y sin comprensión". La idea de "desmoronamiento" nos sugiere que con cierta rapidez, se produce un desprendimiento de lo superfluo, de lo que envuelve a lo obvio, de la apariencia trivial del enunciado manifiesto del analizando. No hay un desprendimiento total de la identidad y de la memoria. Subyace o queda un remanente de estructura, que es el aspecto que va a escoger el punto C [hipótesis provisoria] e iniciar la dispersión Ps, algo así como

un laxo tejido de significantes sin significados. Una vez liberados los elementos  $\alpha$ , comienza su dispersión hacia Ps, y la memoria se torna oniroide" (Sor e Gazzano, 1988, pp. 171-172).

Essa dispersão Ps contém "significantes sin significados, pensamientos sin pensador en busca de un pensador que los piense, y quizá otros objetos que no conocemos. Sabemos que no contiene un nombre, pero está implícito que ese nombre emergerá. Cuando la red D de un nuevo ciclo es echada, surge el nombre. En realidad, el nombre es la red que detiene la dispersión" (op. cit., p. 174).

Com estas palavras espero ter tornado mais claro aquilo que, de qualquer maneira, não é claro para mim, porque velhas (e novas) questões persistem: o que é pensar? o que é criar? o que é uma experiência emocional geradora de significado?

Mas fiquemos pela margem, pelo espaço onde "o aleatório pode ensaiar as suas aventuras", deixemos que o jogo dos dados brinque com o predeterminado... Herberto Helder sussura-me ao ouvido: "O caos nunca impediu nada, foi sempre um alimento inebriante".

Fio de Ariadne na mão, a viagem prossegue...

**AS MUSAS**

---

Ninguém sabe se as luas vistas pulsam da pulsação  
das águas, ou se as águas pulsam  
pela força das luas  
exaltadas. E o mundo, o espelho que as luas acordam e de onde  
transbordam as águas, sou eu que o contemplo,  
é ele que me contempla,  
ou trocamos-nos? (...)

(Herberto Helder)

---

## SER MÃE NO REINO DO IMPENSÁVEL

Penélope está no fundo do quarto, deitada numa pequena cama de ferro. No cartão pendurado sobre a cama, à frente da palavra "nome" permanece um espaço vazio. Penélope, dois meses e dez dias, apresenta uma tez amarelada, rosto esguio, cabelo rapado lateralmente para permitir a perfusão venosa. Do seu ventre, desmesuradamente desenvolvido, saem dois tubos, que se ligam a aparelhos colocados exteriormente, de cada lado da cama.

A mãe, bata branca vestida, está sentada junto da cama da filha. Com as mãos e o rosto apoiados nas grades da cama, expressão mortíca, olha o infinito vazio do seu pensamento.

Penélope abre os olhos e agita os bracitos, num movimento sonolento. Eva inclina o rosto lateralmente, fixa-a nos olhos e diz: "Que é?... Que é?... Olha quem está aqui!... É a mãe!..."

A bebé fecha os olhos. A mãe passa com o indicador direito na planta do pé esquerdo da bebé. Penélope entreabre os olhos, que permanecem abertos, inexpressivos e vagos durante um curto segundo. Fecha-os novamente e adormece. Reina o silêncio.

Eva ergue os olhos para mim e diz: "Vê-me sempre de bata branca! Julga que eu sou uma enfermeira e já não me acha graça!"

Foi assim que, pela primeira vez, conheci Penélope e a sua mãe.

A partir daqui pudémos, juntas, construir uma relação, uma história...

Eva, ao fim de alguns anos de espera, engravidou.

A semente, jorrada no seu corpo, encontrou terreno fértil e medrou. Está feliz. Desde pequena que desejava ter filhos, ser como a sua mãe, com o ventre bojudo pelas gravidezes sucessivas. Sempre desejou uma filha, uma menina, bocado dela própria projectado no futuro, um pouco a companheira, a irmã que nunca teve.

À tarde, depois da lida da casa, senta-se no sofá e tricota, para o amanhã da bebé, casaquinhos de lã, rosa, amarelo e branco.

À noite, com o marido, na cama, mão sobre o ventre onde se esboçam os movimentos dum novo ser, sonha com um futuro povoado de risos e brincadeiras travessas de crianças — ambos vão poder voltar a ser crianças, que bom! —, planeia o futuro e imagina o rosto redondo, luminoso, orlado de caracóis dourados, da bebé. Olho azul, como o da mãe, ou negro, como o do pai?

Assim, durante a gravidez, e paralelamente às transformações físicas vividas, Eva vai tecendo longas e diversas cadeias associativas, ligando o seu desejo precoce de ter um filho com o seu presente e com uma história futura, imaginada. Serão estas novas significações que possibilitam, mais tarde, a identificação da mãe ao seu bebé e a atribuição de uma historicidade, de um significado, a todas as produções da criança.

Às vinte e duas semanas de gravidez uma revelação brutal e atroz irrompe: a bebé que a mãe traz e aconchega em si é uma criança portadora de uma má formação renal.

Dessa época, Eva recorda uma grande tristeza, uma tristeza para a qual não encontra explicação.

No fundo de si mesma emergem desejos mortíferos face aquele pequeno ser que cresce em si e que, imperfeito, deformado, a transforma numa má mãe. E esses desejos desfazem, deslaçam a trama afectiva já construída. Sem ligações é impossível pensar, encontrar uma explicação, para além da culpa que carrega, mais pesada que o rochedo de Sísifo.

Mas a esperança surge e começa a cerzir as tramas desfeitas. Com o tempo tudo se recuperaria, dizem-lhe. O problema da bebé ultrapassa-se facilmente, talvez com uma pequena e simples operação...

Às quarenta semanas Penélope nasce, de parto normal. Choro imediato, tamanho normal, peso dentro dos valores médios. Indicadores, para a mãe, de que tudo está bem. Mas, a partir daí, começa a fazer uma série de exames médicos.

E Eva conta:

"E... havia sempre uma incerteza! Não sabiam bem, bem ao certo... Havia ali sempre uma incerteza! Fez uma série de exames! (...) Andou sempre ali uma grande incerteza..."

"Eu imaginava... sei lá! Eu imaginava tanta coisa!... Imaginava que... sei lá! Não sei! Uma coisa mais grave... que... pronto! Estava... estava totalmente... uma coisa assim tão... encoberta que... que achava que era uma coisa... mais grave... que não... pronto! Não tinha solução! Sei lá! Porque uns exames acusavam uma coisa! Outros acusavam outras! E eu estava sempre naquela incerteza!... O que é que será?! O que é que não será?! Será que é uma coisa... que não se consegue resolver?!"

E continua:

"Eu sou uma pessoa que fico assim muito, muito triste... Não sei explicar.

Fico magoada..."

"Estou sempre a pensar o pior (...) Penso que as coisas podem ser mais graves ainda do que aquilo que são!"

"Ela tem-nos dado muito desgosto!"

"Estou tão cansada! Não sei se tenho coragem já de ouvir tantas coisas! Estou cansada de fazer perguntas! Prefiro já nem perguntar!"

"Já me custa procurar as coisas, com medo... sei lá... das coisas terem que ser piores e eu não ter coragem para as enfrentar!"

"Era melhor não saber de nada... Já não sei se hei-de ter esperança... Sinto, na minha cabeça, uma grande confusão... Estou completamente perdida..."

"Não sei quem sofre mais... se sou eu se é a bebé... Não se poderia evitar sofrer tanto?"

"É uma situação muito difícil, sem explicação..."

"Está tudo tão confuso na nossa cabeça que a gente nem sabe, nem explicar... realmente as coisas... como é que elas são ou como é que elas virão a ser..."

"O que eu queria era saber por que é que isto tudo aconteceu! Se tem alguma coisa a ver com o meu organismo, alguma coisa que eu tomei..."

Penso que a bebé real, com a sua doença, suscita, na mãe, sentimentos de rejeição. Estes afectos são, na sua intensidade e nas suas características, combatidos antes de poderem ser elaborados; desta forma eles não vão alimentar um sistema de representações e constituem-se como núcleos de anti-pensamento.

E a mãe, incapaz de estabelecer uma continuidade entre o bebé interno e o bebé

externo, deixa por acabar os casaquinhos tricotados com a lã da sua fantasia.

A culpa (a sua culpa) é a única reconstrução que lhe permite atribuir um sentido a um acontecimento vivido como intolerável, inscrever a sua gravidez numa lógica em que os factos se transformam em signos e em causas que fazem do azar do acontecimento a necessidade da história.

E é esta culpa que a torna, cada dia, presente no hospital.

Afirma:

"Só estou bem no hospital. Só aqui tenho sossego. Em casa não consigo fazer nada. Estou sempre a pensar que a bebé está a chorar!"

E continua:

"... gosto muito que ela esteja acordada! Que esteja assim... sei lá! Sorridente! Que não esteja assim... Acho que... não se sentem bem!... Também!... Imagino... Só agora ela está assim... mais sonolenta... também... Pode ser que ela... Que não esteja a reagir muito bem! Sei lá! A gente tem tanto medo, que a gente não sabe o que é que há-de pensar... quando os vê assim! Se ela realmente estivesse acordada, se estivesse assim com... com outro ânimo... seria melhor! Não sei! Preferia estar com ela... sempre a conversar com ela! Ela gosta, também!"

Entretanto, no hospital, deambula dum piso para outro, mudando sucessivamente de equipa médica. Sem possibilidade de estabelecer uma relação de confiança estável com os técnicos, sente-se abandonada e sem apoio. Quem a ampara no seio de uma instituição vivida como uma amíeba gigante, que tudo engloba no seu citoplasma uniforme?

Mas, paralelamente aos momentos em que a Morte se insinua, através das roupagens do impensável, da ausência de ligações, surgem outros, que eu chamaria de Vida. Nesses a mãe recupera a capacidade de dar um significado interno à bebé real, reinscreve-a nas fantasias acerca de si própria enquanto bebé da sua mãe e enquanto mãe da sua bebé.

Eva diz que os momentos que lhe dão esperança são aqueles em que a bebé palra e ri.

E acrescenta:

"Ela tem-se desenvolvido bem... Já cresceu muito... Mama muito bem. Já é muito sentida... Está a crescer e começa a sentir sofrimento... Agora, por isso, chora mais... Mas não é muito chorona..."

"Ainda há-de fazer muita marotice ao pai e à mãe... Ainda há-de correr muito..."

"Gosta de música, como o pai! Sai a ele... Ainda há-de ser uma grande rapariga e dançarina..."

A relação entre Eva e Pénélope é uma teia continuamente tecida e destecida.

Nuns momentos predomina, no aparelho psíquico materno, a confusão e a ruptura e, noutros, a coesão e a continuidade.

Nos primeiros, a mãe, porque incapaz de dar um valor na fantasia à sua filha, não a pode sonhar. Só existe o presente.

[ Noutros, a mãe re-inventa a bebé real, ligando-a aos seus sonhos, ao seu desejo de ser mãe, às suas fantasias acerca da forma como a sua mãe (e até o seu pai) a viveram a ela enquanto bebé. No fundo utiliza o seu aparelho mental para transformar as suas incertezas, as suas angústias, os seus desejos face à bebé, e fazer, do confronto real com ela, um acto criativo. Nestes momentos, capaz de pensar intuitivamente e de comunicar com as necessidades da filha, Eva acolhe nela o sofrimento que Penélope lhe envia e devolve-lho, de forma elaborada. Torna-se, para a bebé, no que Ruy Belo tão bem descreve: ]

*"Tu és ainda o maior dos mares  
e embrulho-me na voz com que desdobras  
o inumerável número dos dias".<sup>4</sup>*

Faço uma pausa. Olho as folhas brancas, que preenchi com letras e sinais gráficos, e leio o que criei. E tenho o sentimento que descrevi as vivências de Eva como segmentadas, sem laços coesivos que permitam unificar os aspectos destrutivos com os bons e idealizados, absurdas.

Mas absurda não é qualquer relação humana, a própria vida, o Universo? Ou melhor: onde acaba o absurdo e começa o sentido, onde se esgota o cinzento e emerge a paleta colorida do pintor?

Penso que isso se passa em momentos inefáveis que não se podem descrever, mas apenas viver. Sim, não se descreve uma relação amorosa, vive-se, está-se nela e ela é indescritível porque, constituída por emoções, olhares, silêncios, movimentos, está bem para lá da nossa linguagem verbal. Só outra língua — a língua de Iniji, como lhe chama Herberto Helder — a pode aflorar. Diz o poeta:

*"Mas há outra língua, que falávamos antes de nascer. Uma língua muito antiga, não servia para nada, não era a língua do comércio com os homens. Não era decerto uma língua de sedução, para subornar ou para dominar. Dela provinham as palavras, estas palavras: fluidos, vento, bilha, órfã, carris, dormir, coração, constelada, cisne, lasciate, vapor, contorno, opala, vem... Existiam ao mesmo tempo que a vida, não desligadas dela. Eram uma dança, uma natação, um voo, eram movimento".<sup>5</sup>*

A língua de Iniji não é a minha. Mas arrisco-me a contar um momento inefável, aglutinador das boas e das más experiências, que pressenti, ao contemplar Penélope e a sua mãe.

Naquela tarde Penélope choraminga. Eva não consegue acalmá-la. Não a pode alimentar e receia, pegando-lhe ao colo, que a agulha, que introduz soro naquele corpo pequenino, se desloque. Após várias manobras de apaziguamento abortadas, a mãe decide

vencer o seu medo e a sua culpabilidade. Senta-se na cama da bebé e puxa-a para o seu colo. Aconchega-a bem a si, na cova ampla que molda com o seu corpo, e balanceia-se, ritmicamente, para a frente e para trás. Fala-lhe com suavidade. A bebé fecha os olhos e deixa de chorar. Eva, com o olhar, percorre o rosto da filha. As duas são uma e só elas existem.

A bebé sente o corpo quente da mãe, o seu ritmo conhecido de há longos meses, o seu odor... Há, na sua mãe, que não é muito bonita nem muito feia, a textura, a tonicidade, o aconchego que ela sabe, que ela deseja.

A mãe contempla a sua bebé, esperada há tantos anos. Agora não é uma criança doente, pronta a morrer. Agora é uma bebé, pequenina, frágil, macia de pele, doce..., que a reconhece como mãe.

Naquele momento, breve mas existente, a mãe encontra a bebé que sempre desejou e uma serenidade imensa invade-a. Naquele momento, aquela mãe é infinitamente bela para a sua filha e aquela filha é infinitamente bela para a sua mãe.

São estes instantes, quanto a mim, que tornam pensável o impensável, que dão o significado inefável da nossa existência, ainda que, por vezes, ela nos surja absurda como o mito de Sísifo.

## A HARPA SILENCIOSA

O sol de verão bate na janela, brinca com as persianas e projecta riscas luminosas numa das paredes do gabinete. Está calor. É fim de tarde e um silêncio relativo paira no piso hospitalar.

Do lado de lá da parede meio envidraçada é a Unidade de Alto Risco, povoada de incubadoras, camas minúsculas, recém-nascidos, aparelhos sofisticados e um certo fervilhar de actividade. Para se entrar lava-se as mãos e veste-se uma bata impecavelmente limpa.

Ana vem ter comigo. Do lado de lá do vidro ficou o seu bebé, com doze dias, a quem acabou de dar de mamar. E é neste gabinete, (onde devassamos/somos devassadas), que me desdobra a sua história.

É uma mulher nova, cuidada, postura composta. Fala pausadamente, pesando bem as suas palavras, como que olhando-as dentro de si, antes que elas se soltem e invadam o espaço, corpos fluídos que ganharão existência em si próprios. O seu rosto não deixa transparecer sofrimento. Aparentemente tudo é calmo, confiante, suave. No entanto, nas águas do seu discurso habitam dúvidas, hesitações, questões, pequenos silêncios. Ela própria diz de si mesma: "Neste momento tudo o que tenho são incertezas porque eu não... não sei!"

Ana trabalha numa instituição para crianças deficientes. Associa a esse facto o grande receio que a invadiu, desde o princípio da gravidez, de que o seu bebé nascesse deficiente. Afirma:

"Que eu tenho lá casos assim, também...apareceram assim sem...não sabem bem... porquê. E eu tinha assim sempre um bocado de receio! Tanto que quando ia ao médico, perguntava sempre! E ao nível de ecografias! Como é que é?! Se tinha deformações?! Se não tinha?! Não sei quê! Diziam-me sempre que não! Que ele era um bebé... pronto! Normal! Que não tinha deformações nenhuma! Que estava completo!".

O diagnóstico de hidronefrose, às trinta e seis semanas de gestação, abala-a profundamente. Não consegue dormir, não pode ver um bebé que não comece a chorar, não pensa noutra coisa. Apenas no trabalho "se distraía": "era o sítio onde eu, às vezes, parava... não pensava tanto no assunto."

Entretanto Ana vai-se passeando, a medo, pela fronteira que ela própria traça entre o conhecido e o desconhecido. E modela o desconhecido em pequenos Adamastores, que lhe tornam possível falar das angústias que a ameaçam possuir.

"Imaginava... sei lá! O pior que podia existir! (...) Eu já imaginava tudo e mais alguma coisa! Outros problemas! Mesmo a nível de deficiências, assim! Como estes miúdos! Com hidrocefalia! E problemas...sei lá! Mentais! E não sei quê! Eu não sei! Eu pensei tudo! Pensei! A partir... a partir dessa altura comecei a pensar em tudo!".

Mas, Ana, ao desconhecido prefere o conhecido, e, como o cientista que aspira a controlar o real efémero e mortal, pergunta(-se), activamente, o como e o porquê:

"Eu perguntei qual era a gravidade do problema! Se... era muito grave?! Como é que ele ia nascer?! Como é que não ia?!"

"... [As médicas] também não sabem a causa!... Do que é que poderia ter sido. Eu não fumo! Eu não... não bebo! Nunca... pronto! Nunca tive assim nada na gravidez que pudesse provocar... sei lá! Em parte, num caso assim... elas dizem que também não sabem! Ainda não sabem!... Porque é

que surgem estes?! É uma deficiência qualquer que existe logo na formação do bebé e que tem... tem acontecido! Já há vários casos! Eu é que não sabia! Não é?"

O bebé nasce. Ana conta:

"Quando nasci foi a primeira coisa que eu perguntei foi se era deficiente?! Se tinha mais alguma deficiência?! Disseram-me logo que não! Porque não sei se estavam com medo de hidrocefalia! E a... disseram-me logo que não! Que não tinha problemas mais nenhuns! Pelo menos! E até aqui tem-se confirmado. Pronto!"

"Eu assim que olhei para ele, olhei, ele estava... claro, despido... estava todo ainda besuntado, em cima de mim, e eu olhei, olhei bem que era para ver, vi que... era... pelo menos a olho nu não tinha mais deficiência nenhuma, fiquei completamente... pronto, fiquei descansada!"

Mas, na realidade, Ana continua cheia de dúvidas, de medos que não consegue nomear, de "não sei!". Afirma:

"Estou preocupada! Não sei bem o que é que ele tem, apesar de agora aqui já me explicarem melhor o que é que ele tem, o que é que ele não tem. Mas... não me dão, assim nada... (...) E eu realmente estou assim um bocado... não sei! Estou a encarar melhor agora a situação do com... do que encarei no princípio. Não é caso de não o querer! Nem... nem nada disso! Portanto, o medo! O receio que ele tenha outros problemas além desses."

"A gente não deve fazer... não deve ser pessimistas, mas acontece uma coisa assim, a gente tem de andar sempre a prever ainda o pior! Nunca o melhor! Portanto eu tenho um bocado de receio! Não sei! Se ele ficará com problemas de não controlar o chichi! De... de... pronto! Esses problemas assim é que me estão assim a afectar mais um bocado ! Agora também não sei..."

"Estou assim com... é só incertezas! Muito sinceramente, não tenho nada de concreto para lhe dizer! Tudo o que tenho é incertezas porque eu ainda não

sei mais nada!"

Mas Ana sabe de si, dos seus sentimentos ambivalentes face ao filho, do seu "balanceamento"... E esforça-se por se ligar ao bebé real que lhe faz doer, a magoa no desejo de fazer nascer de si um bebé perfeito.

"E depois a trabalhar com eles todos os dias! A vê-los todos os dias! Imaginava: será que o meu vai ser assim? Será que eu terei um filho assim?! Eles são humanos como nós! Nós temos de lhes dar carinho e tratá-los bem como se fosse uma criança normal! Mas... Pronto! A pessoa fica sempre com...".

"Só que estou com uma incerteza ainda muito grande! E... pronto! Não estou... reajo bem! Perante ele! Claro! Ele coitadinho ainda não percebe, não é?"

"Ele é meu! Se tiver algum problema... Olhe! Terei que agir da melhor forma para ele! E para mim também! Não é? Mas mais para ele! Não sei!"

Ana sabe, também, da sua fragilidade, da sua pouca capacidade contentora, da sua falta de confiança nos objectos bons que a habitam, neste momento. E prefere que o filho permaneça no hospital, instituição maternal que cuidará dele e dela, simultâneamente.

Após o parto, esteve cerca de uma semana, em casa, com o bebé. Nesse período, em que ele "não estava com nada", "só tinha antibiótico para tomar", ela "só tinha na ideia que ele... só estava a ficar pior!". Entretanto, o médico hospitalar coloca uma algália no menino e afirma-lhe que pode continuar com ele em casa. Mas Ana não quer. O bebé fica internado e a mãe desloca-se, quotidianamente, ao hospital.

"Não! Se é para tratarem, eu prefiro que ele cá fique... do que eu levá-lo para casa, porque eu... não, eu não sei se me entendo... e se surgir algum problema ele está aqui, é logo socorrido... e eu em casa não tenho... nada pa... para socorrê-lo!"

"É preferível! Ele cá ficar do que ir para casa. Não ia fazer nada, não era? Ao menos aqui sempre... se surgir algum problema... tratam-no e ali em casa então é que não... não tinha mesmo... maneira de se tratar! (...) Com ele aqui acho que até me sinto mais... sei lá!... mais descansada!"

"... e depois se chora uma pessoa já não sabe se será uma dor qualquer! Se é com fome! Será do problema que ele tem?! Está sempre na incerteza! Está sempre com medo! A... e agora com a algália tenho medo de lhe pegar! Porque tenho medo de estragar alguma coisa!"

"A mim custava-me mais se ele tivesse três ou quatro anos... E penso que a ele também... Assim, agora, estar aqui ou em casa... ele não sabe... Mais velhinho, já lhe custa... e a mim também custava deixá-lo..."

Ana vai falando de si e das suas aflições, sem se afligir (e me afligir) em demasia, como se fosse e não fosse ela. Descreve-se como "não se sentindo muito bem", "preocupada", a "balançar", com "incertezas", "com ideias baralhadas", ou a "imaginar coisas piores do que elas são," "sempre a pensar no mesmo", "bloqueada". Sobre o bebé aponta um medo concreto: que ele não controle, mais tarde, as suas águas internas, o chichi. Mas, sobretudo, o seu discurso é povoado por hesitações, dúvidas persistentes, pausas, coisas sem nome, indizíveis...

\*

Sinto grandes dificuldades ao tentar reconstituir a história desta mãe. É como se a memória profunda do meu encontro com ela se tivesse apagado e restasse, apenas, um discurso gravado e breves notas rabiscadas numa folha de papel branco. Procuro, em mim, algum eco emocional a esta mulher. Nada vibra. Recordo-me do gabinete e da aparência de Ana, da sua compostura, da sua voz pausada, do seu discurso lógico, das suas razões, mas não encontro cores, música... Na memória da minha harpa nada ficou... Será que os dedos de Ana dedilharam a sua?

Penso que Ana me deu de si o que de melhor me podia dar. E, provavelmente, também, o que imaginou que eu gostaria de receber: pensamentos, ideias, um discurso a

que se esforçou por dar coerência, uma força vital constituída por "tem de ser!" e "é proibido sentir — se sinto morro (e mato)!"

Esta forma de estar comigo (e com ela) será, talvez, o modo como Ana, neste momento, consegue cuidar de si e do seu bebé. Anulando emoções e sentimentos profundos, imagina proteger o filho das suas angústias, potencialmente más e desorganizadoras. E consegue dar-lhe palavras, um seio, pedaços de si...

Ana cala em si a música primeva, aquosa e pungente da sua harpa. Lava as mãos, enfia uma bata impecavelmente asseada e está pronta para entrar na Unidade de Alto Risco.

## QUANDO A PRIMAVERA CHEGAR

Encontrei-me com Violeta três vezes.

No nosso primeiro encontro, na Unidade de Alto Risco, Violeta estava sentada com a sua bebé, de vinte e dois dias, ao colo. Esta, estendida de barriga para cima sobre as coxas maternas, pouco aconchegada, tinha uma face magra e comprida, cabelo rapado e carapuço de lã. Os seus olhos, abertos, pareciam perscrutar as paredes e as luzes da sala. Violeta, olhar vago, apresentava um sorriso beatífico.

Dez dias mais tarde, encontrámo-nos numa enfermaria do Hospital. Violeta, sentada junto da caminha da filha e debruçada sobre ela, contemplava-a. A bebé, deitada de barriga para baixo, tinha a face virada para a mãe e dormia, reconfortada, com uma chucha na boca e com o indicador direito materno entre os seus dedos da mão direita. A dada altura, Violeta ergueu-se para me dar o número de telefone do marido e, com suavidade, retirou a sua mão da da filha. A bebé abriu imediatamente os olhos e largou a chucha. Violeta, que a espreitava, comentou, com a sabedoria milenária das mães: "Dizem que eles não sentem..."

Abriu logo os olhos!..."

Passados onze dias, desloco-me a casa de Violeta, situada num bairro pobre da periferia de Lisboa. E é aqui que ela me desdobra a sua história.

Violeta é uma mulher pouco cuidada, com ar passivo, que aparenta cerca de quarenta anos. Fala com lentidão, num tom monocórdico e "comendo" alguns fonemas.

Conta de si que sempre desejou ter filhos. Mas os problemas económicos constituíram, até ali, impeditivo para a realização desse sonho. Agora já tem a sua menina, pequeno ser também esperado, há muito, pelo marido. Acerca dele narra a seguinte história:

"O pai, ainda a gente não tinha casado, nem pouco mais ou menos, já me dizia que havíamos de ter uma menina, com o nome Anabela!"

Este nome evoca em mim o de uma princesa que povoou um dos contos maravilhosos da minha infância. E imagino que o pai de Anabela — bebé de carne e osso — architectou, para ela, um futuro de princesa. E a mãe, pacífica e passiva, cujo desejo sobre a filha se ajusta ao do marido, diz:

"Nunca fui de o contrariar! Eu não me importo! (...) Eu acho que aquilo que é mais importante é a gente entender-se e procurar entender as pessoas, do que estar a... a contrariar e... com coisas que não interessam nada!"

Mas esta bebé sonhada que, quando começa a crescer no ventre de Violeta, a torna feliz e ao marido, vai enchê-la de receios, de tristeza, de desilusão. Médicos, com vestes de anjos maus, anunciam, por volta dos três meses de gestação, problemas nos rins da bebé. Incrédula com estes ventos funestos, Violeta acredita que os problemas renais não são com a sua criança mas sim com ela.

"Em princípio, eu pensava que era comigo..."

Mais tarde, a pouco e pouco, a partir dos sete/oito meses de gravidez, Violeta vai

conseguindo entender que "a criança não estava a desenvolver," "estava muito pequenina para o tempo que tinha," "que era melhor antecipar o parto porque depois também não conseguiam localizar o líquido amniótico", enfim, "o problema não era nada comigo, que era com a bebé".

E Violeta, com palavras simples, fala-me do sofrimento profundo que a invadiu:

"Depois comecei logo... comecei a imaginar que provavelmente que morreria logo... de princípio! Que era uma coisa que eu queria tanto! Que sempre sonhei muito! E depois... era um pesadelo! Muito grande! Enfim! Comecei a achar que não valia a pena a vida porque realmente... sei lá! Tudo o que a gente sonha!... Tudo o que a gente ambiciona... desaparece... assim dum momento para o outro!... Foi assim! Comecei a achar que não valia a pena a gente tentar nada!"

Então o fantasma da morte paira não só sobre a bebé mas também sobre Violeta, irmanando-as. E aquando do parto, Violeta mergulha num desejo de também ela morrer, de parar de lutar, de se deixar invadir pela doença e pela Morte. Diz, com os olhos marejados de lágrimas:

"Eu senti que morria com ela! (...) Não sei se foi recusa de mim própria ou do meu próprio organismo, se o que foi, tive uma recuperação na operação que fiz... uma cesariana muito difícil! Estive quinze dias internada!..."

Há, em Violeta, claramente, o receio de se ligar à sua bebé e de vir a ficar sem ela, o medo de se iludir, em relação à sua sobrevivência, e o desejo de se proteger duma possível desilusão.

"Aquele fase em que... ela nasceu e que... não sei! Como digo! Foi... fui eu... fui eu própria que... o meu próprio organismo que se recusava... a ir ter com ela! Que eu tive... só ao fim de oito dias é que eu fui vê-la! Eu não queria ir vê-la! Estava com receio de me pegar a ela e depois ficar sem ela! E tive uma recuperação muito difícil. Por isso é que eu digo! Deve ter sido isso... Também, porque depois que eu estava com antibióticos! E tantas coisas para o estômago! E tudo! E nunca mais tomei nada. Comecei a recuperar melhor!"

Hoje, Violeta, há onze dias em casa com a sua bebé, continua habitada por dúvidas, medos, penumbras... Diz:

"E agora estou assim! Agora estou contente porque já a tenho comigo. Vejo que já não é assim uma coisa tão grave... Como eu imaginava... Mas fico na mesma. Quer dizer, estou na mesma. Ao mesmo tempo apavorada porque..."

"Não sei. Não faço ideia. Não faço ideia, porque há aquela possibilidade de ficar bem! Há a possibilidade de... não sei! Será que a vou perder mesmo?! Não sei. É assim tudo muito... muito vago..."

"Tive uma fase mais ou menos. Tive outra muito má. Tenho esta agora assim que já estou outra vez... mais ou menos um pouco iludida. Mas... difícil!"

E Violeta inquieta-se, também, com a dor que a separação futura da filha lhe pode causar:

"Agora há-de haver a fase mais difícil que vai ter que ser aquela que vou trabalhar e tenho que a deixar! Essa é que vai ser outra fase muito difícil! Mas que vai ter que ser! Não posso estar sempre com ela!"

Violeta vai falando de si, junto a mim. Mas, às vezes, é como se soubesse e não soubesse que estou ali. São momentos em que o seu discurso se torna confuso ou, então, em que se retira e silencia. E Violeta-mulher transforma-se em Violeta-rochedo-inerte-e-frio, que me faz sentir, também, inerte e fria. Que se passa com Violeta?.. E temo por ela e pela sua menina...

A dada altura perpassa, na sala, como uma aragem, o som do choro da bebé, no quarto. Violeta, impassível, nem estremece. Ao fim de alguns minutos, como o choro persiste e eu receio que Violeta não cuide da sua filha, por se sentir obrigada a estar comigo ou por não a escutar, sugiro-lhe que trate dela, se quiser. Violeta vai, então, buscar a menina, que permanece ao seu colo até ao fim da entrevista.

A bebé, que cheira muito a leite bolsado, está mais rosada, mais gorda e mais bonita do que no hospital. Uma leve penugem começa a cobrir-lhe a cabecita. Activa,

movimenta-se bastante no colo da mãe, mantendo-se sempre acordada, apesar de atravessar momentos de grande sonolência. Com as costas predominantemente recostadas no peito materno, olha à sua volta: a televisão, a luz...

Pouco antes de eu partir, Violeta coloca a bebé face a si, sobre as suas coxas, com a cabecita e o tronco soerguidos e amparados pelas suas mãos e antebraços. Mãe e filha fixam-se nos olhos.

\*

Nos últimos dias, sempre à procura do texto, eu e Violeta não temos tido descanso. Agora sentámo-nos, em conversa amena. História quase concluída, sabe bem saborear a aragem leve das palavras ditas ao acaso. E é então que Violeta se desdobra em várias Violetas...

Violeta-Vendedeira-de-fósforos (da história de Hans Christian Andersen), menina fugaz, que se afasta do gelo que a cerca, criando as imagens feéricas do seu desejo. Sempre com um sorriso beatífico, "sonha", "ilude-se", não se distingue do marido nem da filha... É perita em expulsar a malignidade do mundo como, por exemplo, quando idealiza a sua gravidez e a sua bebé:

"Eu, a gravidez passei sempre muito bem. Tanto que eu quase que nem dava por que estava grávida. (...) Nunca tive nada! Nunca dei por nada!"

"Dá a impressão [a bebé] que espanta o sono! Abre de repente os olhos! Depois ri-se, é! É uma maluca! É uma maluca! Não é, filha? A rir-se! Com a chucha na boca e tudo!... Ela ri! Ela espreguiça-se! Ela chora! Ela faz tudo!"

Violeta-rochedo-inerte-e-frio, ou a Violeta do "pesadelo", da "desilusão", que, sem esperança, deseja morrer para não ser morta pela dor. Por ela passou o frio arrasador das estepes, que a povoou de campos desolados, aragens cortantes, gelo, branco, cinzento, tristeza... É também a Violeta que tem a voz dos Hamlets que habitam todos nós:

*"Deve uma alma nobre sofrer os golpes da adversidade, ou lutar contra eles?"*

*Morrer... dormir... — mais nada. Este sono faz cessar os sofrimentos do coração, as mil amarguras que a natureza legou à nossa carne. Eis o que devemos ambicionar, com ardor. Morrer... dormir... dormir".* <sup>6</sup>

Mas há uma terceira Violeta, personagem em esboço, ainda frágil. Detém, no entanto, a sabedoria milenária das mães, e deixa as suas lágrimas rolarem, junto a mim, e contempla, fascinada, o olhar da sua bebé... É a Violeta que, ao cuidar a sua filha, a conhece e se liga e transforma e aceita a incerteza e a precaridade da vida humana. Esta é a Violeta-semente-hibernada, que germina e rompe o gelo da Terra-mãe sempre que a amenidade da Primavera se aproxima.

Um dia... a Primavera chegará?

## PENSO COM O CORPO QUE ME DÓI E EU ARRASTO

Chove, faz muito vento, e é no meio deste tempo áspero e molhado que procuro Lídia. Habita numa "vila", série de portas com chaves de fora e numerações sobrepostas que me confundem. À segunda tentativa acerto. Surge-me um rosto conhecido, um sorriso que se abre e uma voz que convida: "Entre!"

Penetro numa casa pequena, com vãos e acrescentos e humidade intensa nas paredes. O aroma a comida, que apura ao lume, espraia-se no ar.

Lídia diz-me que está a fazer o jantar, para que possa ficar mais disponível quando o bebé acordar. Dá um toque no cozinhado e vem sentar-se junto a mim, num cadeirão de verga. Diz, afável: "A casa é pequena, mas cabemos!"

O bebé chora e Lídia vai buscar o filho ao quarto. João, um mês e vinte e um dias, tem a face redonda e rosada. Está enfiado dentro duma espécie de saco de lã, que lhe encobre o corpo e o protege do frio. A mãe comenta que não gosta de xales, porque fogem e a criança fica destapada. Além disso, assim, "agarra-se melhor!"

João, ao colo da mãe, chora fortemente. Sugiro-lhe que trate dele e conversaremos depois. Lídia diz que não, que ainda é cedo, que só bastante mais tarde é que o deve

amamentar. Narra-me, então, num rompante, a história da sua gravidez, o diagnóstico pré-natal de hidronefrose, por volta dos oito meses e meio de gestação, o parto... A sua memória guardou datas precisas, pormenores... Entretanto, o bebé continua a chorar e a mãe tenta acalmá-lo, segurando-lhe a chucha na boca.

Após me ter confiado todas essas recordações, numa enxurrada curta, de uma dezena de minutos, Lúdia decide oferecer o seio ao filho. Será que a minha escuta a torna mais capaz de cuidar do seu bebé?

Enquanto amamenta, continua a falar comigo. É como se não pudesse conter, por mais tempo, a sua voz sofrida, guardada em si há tantos meses...

Vou escutando Lúdia. E dentro de mim irrompe um rumor a chuva miúda, que tomba mansamente... depois... uma nora, a água que cai dos alcatruzes e a roda que geme...

"Bem, eu comecei logo a andar assim muito coisa logo que soube! (Silêncio) Porque eu sempre pensei, sabe, eu nunca pensei dele... do bebé sair como saiu... Sei lá!... Sempre... pensei pior, não sei!"

"Oh, pensei que ele não vivesse!..."

"Pensei... pensei sempre dele fi... ser uma criança muito doente...e e e... não po... assim não... ter que estar sempre ao pé dele e aquela coisa assim..."

"Ah, eu agora já nem imagino nada!"

Não é fácil, a Lúdia, encontrar palavras para descrever sentimentos. Narra-me, sobretudo, os seus males físicos (duas hérnias a que foi operada há oito anos e que reapareceram), os problemas de alergia da filha mais velha, as idas ao hospital com o bebé, a doença da mãe... E assim conta-me, sem o dizer, o seu profundo sentimento de solidão, o cansaço que o fardo da vida lhe causa, os sonhos quebrados, o seu desalento, o desejo que alguém a cuide...

" Fechei-me mais! Portanto... já não não tenho paciência para estar a ouvir as pessoas, assim... aquelas conversas, assim... e dantes eu ia muito ao café... portanto, sim, falava com as pessoas e... agora não, agora... fecho-me mais! Não tenho assim... Nem tenho paciência para as estar a ouvir!"

"Eu desde que fui operada é que fiquei assim mais... esquecida, não sei se foi das anestésias, se o que é que foi... É que fiquei assim mais... Mais esquecida!... (Silêncio) E deve ser também da pessoa... farta-se de trabalhar, cansaço!... (Silêncio). Já viu, eu vim de lá ainda cheia de pontos, ao fim de dois dias tive que ir com ele!... Ainda ia cheia de pontos, eu quase que nem me conseguia sentar no transporte!... (Silêncio) O meu marido, coitado, teve que ir trabalhar!... Tive que ir eu!..."

Páro de escrever. Imagens diversas cruzam-se em mim. Lília e personagens de romances que li há pouco tempo: Foulair (de "O americano tranquilo", de Graham Greene) e Klein (de "Ele e o outro", de Hermann Hess).

Thomas Foulair, repórter fotográfico instalado em Saigão, vive episódios da guerra da Indochina. Num momento em que corre risco de vida, é invadido pelo medo. Escreve: *"Li muitas descrições dos pensamentos que surgem nos momentos de grande medo: Deus, a família, uma mulher. Admiro-lhes a presença de espírito. Eu em nada pensei, nem mesmo no alçapão lá no alto. Durante aqueles segundos deixei de existir. Eu era o medo, nada mais. No cimo da escada bati com a cabeça porque o medo não sabe contar degraus, nem ouvir, nem ver."*

Klein, por seu turno, é um homem que rebusca a sua autenticidade e se debruça sobre os seus interiores mas, segundo Hermann Hess: *"Não havia dentro de si nada que não sangrasse, que não estivesse pôdre e doente e loucamente sensível à dor."* *"Quanto mais se esforçava a pensar, tanto pior; encontrava, em lugar de recordações e explicações, só buracos vazios, nada lhe ocorria, e, ao mesmo tempo, perseguia-o aquela angústia torturante de que estava a esquecer precisamente o mais importante."*

Porque encadeei Lília, Foulair e Klein? Talvez porque, tanto Foulair como Klein, sentem que o conhecimento, da realidade externa e da realidade interna, os magoa. E

Lídia? Não tem ela o saber-premonição que conhecer pode ser morrer um pouco — no desejo de ter um filho são e, também, no encontro com partes de si menos maternais, odiosas aos seus olhos? E sozinha, como pode ela carregar tanta verdade?

Assim, Lídia agarra-se aos aspectos bons da realidade que lhe permitem "apagar" os seus receios. Diz:

"Que era uma criança... quem não soubesse... que tinha aquele problema, era uma criança... saudável."

"E está está... portanto está a ir bem, mesmo de peso e tudo... Os médicos dizem que ele que está... está a evoluir... bem! (Silêncio) Agora não sei! (Riso) Vamos lá a ver!"

"E chichi também faz muito! Faz bastante até!... (Silêncio) Por isso não sei! Vamos lá ver! Está-se a desenvolver bem!..."

"Eu acho que ele até anda bem!... A... Perguntei à senhora doutora se isto não dava dores, ela diz que não! Que eu fazia-me confusão! Pois ele comia e dormia... nunca chorava! (Riso) Eu dizia assim: "E se calhar está tudo mal feito!..." Que os exames estavam mal feitos!..."

Por outro lado, Lídia tenta petrificar, em si, "áreas" que lhe são mais dolorosas, como, por exemplo, o desejo/temor da dependência do filho e os seus sentimentos de solidão. Assim, apesar de faltar cerca de mês e meio para recomeçar a trabalhar, introduz já, no seu discurso ao bebé, a separação...

"Pois, a minha mãe daqui a pouco vai trabalhar! É... E tu vais para a ama!..."

"A mãe tem que ir trabalhar!"

... e prepara o "desmame" do filho, através duma substituição de chuchas...

"Ele só gostava de uma chucha! Agora ando a ver se ele se habitua a esta!... Que a outra agarra-se muitos pêlos!... É toda de borracha, mas foi a que ele

gostou mais, que era mais parecida com o peito, era molezinha!!...".

... e acentua, de forma sofrida, a imposição do quotidiano:

"(...) que eu comecei logo a fazer as minhas coisas!... Então nesse dia que eu vim [do hospital, depois do parto] já fiz jantar e tudo!..."

"Agora ando bem!... Já! Já ando para a frente!"

"Também não gosto muito.. de estar parada!... Eu sou assim aquela... Gosto de me mexer!"

Mas a sabedoria de Lídia não é perfeita. Ela diz de si: "Acho-me muito esquecida, ando muito confusa, sei lá!...". E narra-me um episódio em que deixou queimar os biberões que colocara ao lume, a ferver. "Só quando me veio o cheiro da tetina queimada, a borracha, é que eu me lembrei!" E nesse momento, o João, que estava sossegado ao colo da mãe, a mamar, começa a chorar fortemente. Esta tenta acalmá-lo e diz: "Assustou-se! Pronto, pronto, assustou-se...".

E eu penso: esterilizam-se biberões para um bebé que vive, viverá e só se finará depois da morte do pai e da mãe. Mas Lídia não tem essa certeza em relação ao seu filho. E a sua memória que, como diz Stendhal, "não admite a hipocrisia", trai-a, tal como a sua postura, a sua tonicidade, que o João sente, naquele momento, como desconfortável e agreste. Para os Gregos antigos o Esquecimento era filho da Discórdia. Aqui, será fruto dum presente banalizado, porque despojado do sentido que só a ligação a sentimentos esperançosos lhe pode proporcionar.

Outra vez a roda da nora que geme... E, lá ao fundo, flautas dos Andes, melancólicas... Os ossos que doem, quando Lídia se mexe, as articulações que estalam... As hérnias reapareceram e doem... Lídia vai dando nomes aos seus males, à espera que alguém a escute e a cuide... Os médicos, eu... "Quando volta cá?..."

Parto, rumo à cidade. Lídia... Uma imagem, esfumada pelo tempo, surge na

penumbra dos meus olhos, por entre os automóveis que rolam na estrada... Lídia, companheira de escola, triste, passiva, vestida de escuro. Está de costas para mim e vejo-a afastar-se, silenciosamente, caminhando, com esforço, sozinha, para sua casa... Agora é um ponto, um ponto negro na minha memória, que deixou, no entanto, o rasto da sua melodia... Lídia...

## O JOGO DO ESCONDE-ESCONDE

Recordo Maria do Mar. Mulher grande, forte, saia xadrez e camisola de malha, fita no cabelo comprido e ligeiramente ondulado...

Maria do Mar, que tarda um pouco em abrir-me a porta e que, finalmente, surge na entrada de sua casa, ligada a um telefone sem fios. Rosto fechado, faz-me sinal, com a mão, para entrar.

Agora Maria do Mar acolhe-me na sua sala. E eu ofereço-me para recapitular, com ela, alguns momentos da sua vida. E sinto que Maria do Mar quer e não quer. Tem medo. Mãe dorida com a doença de sua filha, receia falar acerca do não-dito que teima calar em si? E eu, percebendo o movimento de protecção de Maria do Mar, também tenho medo. No fundo, as duas temos medo. Medo de se magoar/medo de a magoar.

### I

Uma imagem corre em mim. Maria do Mar e eu somos meninas, chapéus de palha e

fitas coloridas esvoaçantes, e brincamos na praia, entre barracas e barcos. Maria do Mar esconde-se... Saberei respeitar a sua ocultação e, ao mesmo tempo, estar junto dela?

Caminho, lentamente, com Maria do Mar pelo areal. E ela conta-se... Desejava ter filhos mas engravidou porque aconteceu. Hesitou muito. Um bebé provoca uma grande alteração na vida... Dantes podia dormir até quando queria, ir aonde lhe apetecia... Agora não!

Entretanto, durante a gestação, na terceira ecografia, os médicos encontraram uma dilatação no rim esquerdo e no rim direito da bebé. E a partir daqui, Maria do Mar torna-se objecto de decisões médicas:

"Então as duas [médicas] entraram em contacto uma com a outra e realmente... resolveram aonde é que ia ter [a bebé], aonde é que não ia ter, eu pensava primeiro que ia ter em A.,... a... a minha médica, a gi... a da ecografia disse que não, porque é que eu ia ter em A., porque é que eu não ia ter em B., depois falaram as duas entre C. e B. A doutora da minha ecografia disse que realmente... para ficar a bebé lá, algum tempo, era melhor B. do que propriamente A. Então eu resolvi ir para B".

"Mas uma grande confusão entre induz [o parto], não induz... uma... uma grande confusão e entretanto resolveram induzir às trinta e nove semanas. E então fiz a indução às trinta e nove semanas".

A bebé nasce. Choro imediato, colocam-na em cima do ventre de Maria do Mar. Ela olha-a e imagina que a filha não tem nada, afinal. No entanto,

"... depois fizeram uma análise à bebé e repararam que a bebé tinha uma inflamação... urinária. Acho que a urina, eu não vi, que era praticamente pus... tinha muita... tinha uma infla... uma inflamação bastante grande".

A bebé vai então para os Cuidados Intensivos, sendo separada da mãe. Nessa altura, Maria do Mar chora muito. Depois, vai pensando que a filha "estava bem lá em cima!..." Entretanto, como os seus pontos "correram para o torto", permanece no Hospital até à alta da bebé.

Vou escutando Maria do Mar, cuja voz se recorta sobre o fundo do oceano e, ao mesmo tempo, dentro de mim, uma personagem psicóloga observa como ela se esconde atrás dum discurso restritivo, concreto, despovoado de desejos e de afectos. São factos, números, a organização do quotidiano...

"... tanto que a bebé saiu, teve alta, e eu tive de acabar o tratamento cá em casa. Ainda tinha seis injeções para ela levar, então ia ali ao Centro, ao Posto, ao Centro de Enfermagem e... e ia-lhe dar de... sempre uma de doze em doze horas para completar o tratamento que estava a fazer no... no hospital. (...) E agora está com antibiótico! Um mililitro! Em xarope, todos os dias, de doze em doze horas. (...) O antibiótico, xarope, só paro quando, quando a doutora disser para parar. As injeções parei porque eram só seis."

... quotidiano esse onde é perigoso sonhar, desejar...

"Eu acho que nós temos de aceitá-la [à filha] consoante ela seja!... Não idealizo nada! Vai com o tempo! Os dias logo o dirão..."

É ... Maria do Mar correu pela praia e sumiu-se por entre o pano das barracas, riscas e riscas azuis, amarelas, encarnadas... Onde está Maria do Mar? Não sei como a procurar!... E porque foge, escolhendo o colorido banal das barracas para se ocultar?

7 Caminho sobre a areia molhada, buscando, com o olhar (e a mente) Maria do Mar. ✓  
E penso que o fantasma da doença e da morte da filha é algo que assombra o espaço mental desta mulher, e que ela tenta encobrir, matar em si e comigo, abafando os afectos e o choro que, apesar de tudo, teimam em irromper.

Depois foi em si, nos seus interiores, que tudo surgiu. Assim, Rita é a filha que não soube criar, que tem que lhe ser retirada — "... podia-se não se podia tratar dentro de mim..." — e afastada para cuidados especializados. É, no fundo, uma criança que a acusa de má mãe, ao que Maria do Mar procura refúgio no discurso médico:

"Eu perguntei directamente à minha médica, à obstetra, se realmente podia ser algum medicamento que eu tivesse tomado... Sei lá!... Mas eu não tomei absolutamente nada!... Eu só tomei os medicamentos que ela... que a doutora me tinha receitado, as análises estavam todas bem... passei uma gravidez

ótima... só vomitava no... nos... nos três primeiros meses... as análises todas bem... não tinha açúcar... não tinha... não tinha absolutamente nada, estava tudo correcto, tudo bem, as análises! Perguntei à médica, diz que podia ser um... um problema fisiológico, da própria bebé!... Mas que o... o li... o líquido amniótico estava óptimo, estava bom!... Até a minha médica da ecografia fez... aquele a... a... a... viu... o... o... o sangue através do cordão umbilical, a ver se a bebé estava bem, se estava a sofrer, a bebé estava óptima... Não sei!... Diz que é um bom sinal realmente o líquido amniótico estar bom..."

Agora Maria do Mar acena-me e aproxima-se. Preocupada com a filha, questiona-me directamente sobre o problema dela. Quer saber acerca do meu saber.

"A doutora já, já com certeza já... já entrevistou outras mães com estes problemas, o que é que... não sabe conclusões a... depois de... do resultado... se passa, se não passa..."

"Há muitos casos destes, doutora?"

Maria do Mar caminha, de novo, junto a mim. E, de vez em quando, como uma ponta de icebergue que emerge, parece-me encontrar nela o desejo de ser a bebé de alguém... do marido, dos médicos, de mim?... É um olhar que busca o meu, um sorriso de menina, a lágrima teimosa que rola, a voz que sobe em tonalidade afectada, fragmentos dispersos do seu discurso...

"Antes de induzir o parto era para ir ao supermercado, mas depois não comprei nada, nem havia carrinhos para as compras, e durante o fim de semana disse: Também não faço almoço, nem jantar, nem nada! Já que vou ser induzida!"

"Custou-me imenso o dia em que entrei para a indução... Que eu é que tive de ir fazer o internamento, eu é que tive de ir descer as escadas e não sei quê..."

"A bebé mama e toma biberão. Já no hospital era assim. Eu não ia dar a mamada da noite. A primeira noite também pedi para a bebé não estar ao pé de mim porque queria descansar."

## II

Agora estou de novo na sala de Maria do Mar. Piso o seu soalho, contemplo a superfície das paredes forradas a papel... mas poderei sentir os seus ritmos, a sua música, o seu aroma?...

A bebé chora e Maria do Mar vai buscá-la. Rita, dezasseis dias, é uma bebé bonita, gordinha, rosada, cabelo negro e liso. Veste um casaco azul e umas calças brancas, de malha. Para a proteger do frio, a mãe utiliza uma pequena manta de bebé, dobrada ao meio, que coloca sobre a filha, como um cobertor, sem a envolver.

Rita manter-se-á vigil durante grande parte da entrevista. A mãe muda-a constantemente de posição (deitada de barriga para baixo, de pé, encostada ao seu peito, ligeiramente sentada,...), mesmo sem manifestações de mal-estar da bebé.

Enquanto fala comigo, Maria do Mar olha-me fugidamente, olha a filha, volta a olhar-me de forma furtiva. Encontro nela um certo evitamento e olhar a bebé, ou dirigir-se-lhe verbalmente, surge-me, em certos momentos, como uma maneira de interromper o contacto comigo.

E pressinto, nesta mulher, uma certa dificuldade em lidar com a filha (e comigo), visível na forma distante como lhe pega e a não aconchega, como a muda constantemente de postura, como lhe oferece objectos externos para a acalmar, como a parece usar, entre nós, como instrumento que a salva da comunicação comigo.

Rita chora. Após várias manobras infrutíferas para a apaziguar, Maria do Mar mostra-lhe um cão de borracha, que chia. A bebé continua a chorar. Então a mãe puxa-a para si e oferece-lhe o seio. Rita, aconchegada no peito materno, mama.

Maria do Mar contempla, silenciosa, a filha. Ergue o rosto para mim e murmura:

"Sabe, o meu grande receio é a hemodiálise... A mãe duma senhora minha conhecida fazia hemodiálise, e acabou por falecer..."

Olhamo-nos. Uma bátega de água tomba dentro de mim e, pelos olhos de Maria do Mar, passa uma névoa, que lhes tolda o brilho. Depois, ela desvia o rosto para a face da filha, contempla-a e, com a mão direita, afaga a sua cabecita.

A bebé adormece. Maria do Mar recobre o seio e ajeita a filha no seu colo. Ambas emanam, agora, distensão.

Maria do Mar busca o meu olhar. E encontra-o. E pergunta-me:

"Encontrou facilmente a minha casa?"

Então, em mim, uma voz sussurra:

*"Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder  
tão firme e silencioso como só houve  
no tempo mais antigo.  
(...)*

*Falemos de casas, da morte. Casas são rosas  
para cheirar muito cedo, ou à noite, quando a esperança  
nos abandona para sempre.  
Casas são rios diurnos, nocturnos rios  
celestes que fulguram lentamente  
até uma baía fria — que talvez não exista,  
como uma secreta eternidade.*

*Falemos de casas como quem fala da sua alma,  
entre um incêndio,  
junto ao modelo das searas,  
na aprendizagem da paciência de vê-las erguer  
e morrer com um pouco, um pouco  
de beleza".<sup>7</sup>*

Uma aragem toca o rendilhado branco da cortina, da janela da sala de Maria do Mar, e solta-a, em movimentos leves. Traz consigo odores e segredos do fundo do mar...

## ADRIANA, A VEDORA

Adriana é uma mulher jovem e bonita, que contacto na Unidade de Alto Risco do hospital. Tem um robe vestido e caminha hesitante devido à cesariana recente. Trocamos algumas palavras e combinamos um encontro próximo. Os seus olhos são nascentes de água infindáveis, que os dedos tentam, obstinadamente, secar. Uma voz fininha, tornada aguda pela emoção, diz: "Desculpe!" À despedida, Adriana estende-me a mão num enlace fugidio.

\*

Escreve Adelaida Garcia Morales, no seu conto "O Sul":

*"— Chama-se Adriana e é a mais jovem vedora de Espanha.*

*Estavas de muito bom humor e eles sorriram com as tuas palavras. Mas a seguir mostraram um silêncio que a mim me pareceu de desconfiança. Peguei no pêndulo, procurando exhibir uma desenvoltura que tinha, sim, mas que, sob o olhar daqueles homens, me pareceu ter perdido por completo. Quando quis concentrar-me, reparei que estava a*

*tremer. Fechei os olhos para os esquecer e então veio a tua voz em minha ajuda. Era como uma suave melodia que me invadia a mente, esvaziando-a de pensamentos e de medos. E quando aquele timbre quente em que me chegavam as tuas palavras se foi apagando até que só ficou um silêncio perfeito, pareceu-me que todo o meu corpo se havia transformado em ar, tinha perdido o peso, e que a minha mente adquirira uma serenidade perfeita. Abri os olhos e tudo me pareceu extraordinariamente próximo e tranquilo. Recordo-me da erva amarela entre duros torrões por debaixo do pêndulo. Só de olhar para as coisas, sentia-lhes o toque. O pêndulo já começara a oscilação e o sossego que reinava entre nós era absoluto. Mergulhei então naquele rito que já conhecia, seguindo as direcções que o pêndulo me assinalava, parando de vez em quando, segundo as tuas indicações, até que comecei a notar as rotações esperadas, muito suaves no princípio e mais abertas e violentas para o fim. Então levantei a cabeça. Os homens contemplavam-me com curiosidade e assombro. Eu deixara de os recear. Lembro-me de que os olhei fixamente e, como se os tivesse vencido nalguma luta, anunciei-lhes que ali mesmo, sob os meus pés, se encontrava a água que desejavam."*

\*

Adriana, que se tornou mãe, há oito dias, do José. Adriana que, desde os oito meses de gestação, transporta, em si, o diagnóstico de hidronefrose no seu bebé. Adriana, vedora, porque encontra água em si. A raiz dos afectos, que circulam nos seus interiores, toca um veio de lágrimas. E Adriana chora... E a água irrompe, corrente... E Adriana que se apressa a enxugá-la... Os meus olhos (e os seus) podem achá-la excessiva...

"Desculpe lá! (Chora) Estou... instável!..."

Dentro de Adriana as águas sobem e balançam como o mar batido por vento forte. Adriana suspende o ar e aguenta, aguenta o choro. Mas ele escapa-se, a água cai em fio e um fio de gemido lhe sai... Adriana deseja que eu seja receptáculo das suas lágrimas. E eu que lhe peço palavras, um dizer organizado, uma história... Mas como falar de mágoas, de águas, sem ser chorando? Não são elas transparentes, límpidas? E eu que também não sei palavras, mas apenas o gosto, o peso e o frio das lágrimas... Que dizer, que dizer a Adriana, senão escutar o seu choro manso?

Mas Adriana vai esboçando (comigo) uma história...

"Depois, a partir de aí houve um empolamento da situação, de... mais que... pronto... um bocado um delírio, no fundo, a... acadêmico porque a... de... desde o princípio que me disseram que não era nada de significativo, para não me preocupar, até acharem que ele tinha uma hidronefrose e acharem que... que ele... poderia estar limitado para a vida, depois, ter uma insuficiência renal e... e portanto com todas as consequências, não é, que isso... que isso... acarreta... pronto, foi um passo... de anão, porque começaram a fazer exames, exames, e não sei quê, e urina asséptica, pronto, e foi a partir daí que ele, que ele foi para o Alto Risco... (...) De qualquer modo eu acho que foi um bocado precipitado, a sensação, agora vindo para trás, acho que foi um bocado, foi inútil terem-mo afastado de mim... Porque ele foi lá para cima só para fazer uma injeção... pronto, eu fiquei... tristíssima com com isso... a... (Chora) Agora está tudo bem... mas... foi... (Chora) na altura custou-me imenso! (Chora) (Silêncio)"

Fecho os olhos, esvazio a minha mente de pensamentos e, pêndulo na mão, procuro sintonizá-lo com o de Adriana.

"E depois, de facto... a... eu penso que foi mais a... a... não é tanto a situação em si, não foi tanto a situação em si... que me deixou a... deprimida e assim, mas mais o modo como as coisas foram surgindo... e a... o modo como a... a... como as pessoas abordaram as questões, quer dizer..."

"Há aqueles medos terríveis, depois começam as ecografias e começam a dizer que tudo bem, ai e tal, uma mãozinha, um pezinho, e mais não sei quê, aquelas... fantasias... a... Pronto! E começa-se a idealizar um bebé... perfeito, e que está tudo bem, e que não sei quê... e depois é um pouco a queda disso... não é... é por isso... independentemente da... da instabilidade da situação em si... Acho que é um pouco, é um pouco a queda disso..."

As rotações do meu pêndulo estão fracas, irregulares... Onde está Adriana, o veio de água que alimenta as suas lágrimas?

E, entretanto, Adriana roda à minha volta, e oferece-me café e chocolates e diz-me, no seu dizer, que é semelhante a mim... Sabe de racionalizações, idealizações, negações, complexos, investigações e gravações... É uma Adriana que procura dar de si uma imagem tranquila, que eu lhe devolverei tranquila, que ela me devolverá tranquila, e eu lhe darei tranquila numa duplicação infinda de tranquilidade.

Adriana terá aprendido assim? Ela conta da sua mãe, que adoeceu gravemente durante a sua gravidez:

"... está bem!... Não... não foi muito... abaixo, não é? Ela também é uma pessoa muito forte!... Muito... determinada e... essas coisas não... consegue... consegue ficar de pé... passar por estas coisas sempre bem... Um! Está, está, está bem, está como se nada fosse..."

Sim, Adriana lida, como sabe, com a dor que lhe dói e, nesse movimento, aplanase, e ao seu bebé, e a mim...

"Aa... porque de facto a a a... quando eles estão bem é porque está tudo bem! (Silêncio) Eles são... nesse aspecto são muito trans... nós todos somos muito transparentes, mas... Há um... uma relação muito... muito estreita entre... a parte física e a psicológica, não é... portanto... Se ele está bem, se come bem, se se... se aumenta de peso, se ri, se não sei quê, portanto é porque em princípio... a situação não é... não é tão grave assim... (Chora) Ai, eu estou parva de todo... não consigo mais!"

Mas, por outro lado, encontro uma Adriana-menina que chora no regaço da mãe e diz que não é nada, é apenas ela que é pequena e não sabe pensar. E, assim, sem o saber, não enlaça a trama entre o sentir e o sentido do sentir.

"Foi tudo junto!... Que... a... Pronto! Se calhar é mesmo uma tempestade num copo de água!..."

"Eu tenho uma tendência para viver o problema logo... Sou muito pessimista... E não doseio o... pronto, começo logo a imaginar... os problemas o problema na globalidade... e... e a sofrê-lo como se ele fosse para ser sofrido todo de uma vez só..."

"Eu sinto, eu sinto, eu senti na altura... que estava a... a... a valorizar demais... senti isso... Mas era... era-me... era superior a mim, quer dizer!... Eu não sei se são as tensões acumuladas, os medos todos que a gente tende a... a racionalizar e tal... E depois, vem tudo... vem tudo atrás!... É como uma... uma depuração, não é, por exemplo, chorar três litros (Riso) para ficar bem! (...) Não... pronto, já estou a ver a coisa de outra maneira! Sem dúvida!"

E foi então que comecei a notar que o pêndulo (meu? de Adriana?) se movia, em rotações muito suaves, no princípio, e mais abertas e violentas para o fim...

E foi então que encontrei, nas lágrimas de Adriana, uma fala, a fala da água que brota e jorra e murmura: "Tenho um nome! Chamo-me Adriana!".

\*

Adriana aprendeu assim. E assim se enleva com o seu bebé.

José, deitado no berço, está prestes a acordar. Agita as pernitais, em pedaladas vigorosas, abre a boca, enrugando os olhos e chora. O seu rosto, comprido, cobre-se de pintas vermelhas e o choro sobe de tonalidade... "Uaaá!" Adriana acorre, solícita. Pega no filho ao colo, aperta-o contra o seu peito e encosta a face à sua cabecita. Com voz suave diz "O que foi?... Pronto!... Pronto!..."

Depois, com José ao colo, afunda-se no sofá da sala. José adormece. Adriana olha-o. Ergue o rosto para mim e diz: "É como ver o mar... Nunca nos cansamos!" E fica-se numa contemplação serena do filho.

E eu também não me canso de os olhar...

O corpo de Adriana toca e sente o peso e o calor e o cheiro do corpo de José. E envolve-o num abraço apaixonado. Paixão de mãe, longínqua, originária, potente. Entre

ambos perpassa uma intimidade arcaica. José é Adriana, Adriana é José.

José está afundado, com o seu peso e a sua forma, no colo materno. Sente-lhe o calor, a tonicidade, o aroma, a música... E sonha... Adriana é José e José é Adriana.

*"E através da mãe o filho pensa  
que nenhuma morte é possível e as águas  
estão ligadas entre si  
por meio da mão dele que toca a cara louca  
da mãe que toca a mão pressentida do filho.  
E por dentro do amor, até somente ser possível  
amar tudo,  
e ser possível tudo ser reencontrado por dentro do amor." <sup>8</sup>*

## O ECO DO VENTO OUTONAL

Era uma tarde outonal, com uma luz transparente e dourada, que adoçava os contornos do horizonte.

E nessa tarde suave, em que uma aragem oceânica impelia as folhas amareladas dos arbustos contra o branco dos muros caiados, e uma sombra larga os ziguezagueava, nessa tarde, procurei Irene... Uma rua estreita, uma esquina, outra rua estreita e ali, perto de outra esquina, a sua casa...

Irene vem abrir-me o portão. Traja um fato de treino amarelo. Cabelo negro, curto. Perfil afilado. Expressão tensa.

E nesta outra tarde outonal em que tento escrever a história de Irene, vejo-me, de novo, percorrendo ruas, virando esquinas, buscando Irene, agora dentro de mim...

Acomodo-me, com Irene, na sua sala. E sinto-a agreste. Lá ao fundo o bebé chora, longamente, no quarto. A avó vem, do exterior da casa, dizer do seu pranto. Depois, Luís, ao colo da mãe, inconsolável, e Irene que fala alto, sobrepondo a sua voz ao choro do filho...

A história de Irene recomeçada, abandonada, recomeçada e abandonada de novo, até

hoje. Papéis soltos, notas rabiscadas... Porquê?

Estou sentada junto de Irene, escuto-a e sinto que ela representa, para mim, não sei bem o quê. Personagem de tragédia grega, máscara branca sobre a sua face, Irene fala-me de um sofrimento e de uma emoção que parece não sentir...

No fim da entrevista, diz-me que pensou que a minha ida a sua casa era para verificar se ela e o marido tinham capacidade para cuidar do bebé. E ocorre-me Antígona, Antígona que nasceu "para retribuir o amor e não o ódio"... Terá Irene nascido para se defender? De mim, do seu bebé, da tragédia que tomou sobre ela? É isso?...

\*

Luís é um bebé com um mês e dezanove dias que nasce três anos depois do seu irmão mais velho, Fernando.

A sua gestação foi "atribulada" porque a mãe "tinha muitos, muitos enjoos... muitas... muitas tonturas... Depois tinha muita fome, comia, comia, depois deitava tudo fora..." Aos sete meses de gravidez, Irene começa com ameaças de aborto e, assim, a partir dessa altura, tem de ficar de repouso. Recorda:

"Fiquei em casa, tive que logo ficar em casa, fiz o máximo tempo que pude de repouso, custou-me imenso porque apanhei aquela época do Verão, com aquele calor, que uma pessoa não podia estar deitada nem aqui nem... em lado nenhum! Mas estive, estive deitada o máximo tempo que pude! Não estava o dia todo! O médico queria que eu estivesse o dia todo, mas o dia todo era impossível! Impossível uma pessoa estar deitada o dia todo! Estive o máximo tempo que pude... segui à risca tudo o que me diziam para fazer, o que o médico dizia".

O parto correu bem. Irene conta:

"... Comecei com as dores (...) Fui ao hospital, só por ir, ao fim de quê, nem de meia hora, coisa assim, já tinha nascido!... E eu era assim: 'Oh! Que maravilha!' É o último, e foi uma maravilha! Mas afinal!... Coitado!..."

Após o nascimento, o Luís apresenta icterícia e Irene tem dificuldade em aceitar o que se passa com o seu filho...

"Teve que estar debaixo das luzes... já isso me fez, já isso, me... já isso me... baralhou porque eu era assim: mas porque é que o outro não esteve e este tem que estar..."

... e irrita-se com os técnicos, que subtraem o bebé ao seu controle materno:

"... e depois aparecia-me ao pé de mim picado... E eu sem saber porque é que ele estava a ser picado... Eu por acaso ainda falei lá na maternidade porque eu achava que se ele tivesse icterícia e que deviam pôr debaixo das luzes tinham que falar comigo!... Tinham que me explicar, dizer: 'Olhe o seu filho está com icterícia! Vamos fazer esta análise, vamos fazer'..."

Mais tarde, aos dez dias de vida, Luís "ataca" novamente a mãe na sua capacidade de produzir "bons" filhos. Irene leva o menino ao hospital, por ele apresentar febre elevada ("e tenho outro com três anos, nunca teve febre assim... tão pequenino...") e ele fica internado, durante quinze dias, para tratar uma infecção urinária decorrente de problemas renais detectados nessa altura.

E novamente Irene vê cerceado, pelo hospital, o desejo reparador de cuidar do filho, desejo esse capaz de reestabelecer alguma paz interna.

"Eu nem o queria deixar lá! 'Não, não, não fica! Não fica! Então e eu, vou para aonde?' O meu problema era eu querer acompanhar a criança..."

E Irene teme, também, descobrir, nos seus interiores, a fonte do mal do seu filho:

"Eu já pensei que fosse isso, que portanto houvesse qualquer problema durante a gravidez... levei as minhas análises e tudo mas não, não tinha qualquer tipo de problema... Nada... não... não faço a menor ideia... do... do que seja... portanto, se aquilo é de se nascer já assim... faz-me confusão porque que é que há uns que nascem assim com este tipo de problemas tendo a mãe durante a gravidez não... só apenas aos sete meses eu estava com

ameaça de aborto pré-termo, tive de ficar de repouso, até ele nascer, andei a tomar uns comprimidos que era para não fazer dilatações, mais nada!..."

Agora, há cerca de quinze dias em casa com o seu filho, é difícil a Irene encontrar, em si, espaço, tranquilidade, manta macia e felpuda que envolva e acalme o seu bebé e o embale e adormeça no sonho bom do seu regaço.

"Sinto-me mesmo mal porque é logo... É o suficiente para uma pessoa não saber tratar... Não saber como é que há-de lidar... Porque se uma pessoa, por exemplo, se dissessem assim: pode ser isto, pode ser aquilo ou... é isto, mas não sabemos a certeza e... e enquanto tiver o seu filho em casa faça-lhe isto assim assim se ele tiver dores ou assim, mas não, não... É só dar o antibiótico e mais nada! E esperar! É isso é que me custa! Porque não sei! Gostava de fazer mais qualquer coisa!..."

"O meu problema todo é se ele tem dores... Se ele tem dores, o que é que eu faço? Vou passar a vida a andar com ele ao colo? Não sei! Acho que devia de... (Bébé chora) Oi! Porque ele começa assim de vez em quando! (Bébé chora) Não sei se será dores!... (Bébé chora) Se ele não tivesse nada de complicado, dizia assim: isto é rabujice de não dormir! E deixava-o chorar que ele acabava por dormir... Agora realmente... (Bébé chora)"

Irene está de pé, face a mim, com o seu bebé ao colo. Balanceia-se, tentando sossegá-lo. E entrega-me a sua zanga, o choro aflitivo do Luís, o sentimento de incompetência em o acalmar, o desespero de um mal físico que escapa ao seu controle, o mundo "fora dos eixos" onde agora habita.

"É que saiu, saiu mesmo tudo de, da... saiu mesmo tudo fora dos eixos! Uma pessoa andava mesmo... baralhada! Eu não dormia..."

"Entro mesmo em pânico, quando ele chora! Que eu começo logo a pensar que é as dores! 'Isso é ele com dores!'..."

"Estou a pensar que ele está pior e que tem dores! Que as dores estão a piorar! É isso é que eu digo... Dá-me, dá-me a sensa... essa sensação!... Que ele está a piorar e que... cada dia que passa vai-se agravando mais!... É

isso é que realmente... E eu não gostava nada!... Uma pessoa ir ao médico, o médico dizer: 'Está pior, tem isto, tem aquilo...' Uma pessoa fica logo: 'Mas porque é que estas coisas não se fazem depressa?' É uma coisa que eu digo logo: 'Então mas porque é que não se fez isso há mais tempo?... ' Não é? Porque desde que ele foi para o hospital até lhe ser administrado o antibiótico passaram uns cinco dias! Cinco dias! Se fosse alguma coisa pior, eu penso que... piorava, ou... se fosse caso... sei lá!..."

\*

Lá fora, o brilho dourado do crepúsculo desce sobre os montes. O vento amainou. A Terra mergulha num entardecer silencioso.

O pai do Luís vem a casa, toma o filho dos braços de sua mulher, e embala-o, ao fundo da sala, cantarolando.

Despeço-me de Irene. E a sua voz ecoa baixinho, junto a mim, a imagem de um bebé, internado num hospital, todo ele tubos e talas, e a de uma mãe (ela), que julgou que o filho morria, e que chorou muito, e a quem as enfermeiras disseram que ali só se tratavam bebés e não as suas mães...

Terá Irene podido pensar, no fim da entrevista, que eu (e uma parte dela) estava ali, não para a atacar, mas para a acolher em mim (em si)?

E neste outro fim de tarde outonal, em que nuvens rosadas vagueiam pelo céu, empurradas por uma aragem fresca, dou por finda uma história interminável. E recordo uma vez mais Irene, vento outonal que me fustigou a face e atulhou o regaço (e a mente) com as folhas secas e amareladas da sua inquietação e da sua zanga.

## FERNANDA

Sento-me à secretária, com Bach ao fundo, à procura da sonoridade de um novo texto. Deixo-me inquietar pelo vazio da folha de papel, e rebusco, nas minhas memórias, impressões...

Fernanda, face larga, cabelo negro e liso, ar cansado e exausto... Segue-me, no corredor do hospital, arrastando-se, como uma sonâmbula, e diz-me que tem imenso sono.

Fernanda, 36 anos... Fernanda, que não queria ter filhos... Oitava numa fratria de dez, cedo começou a tomar conta dos sobrinhos... Engravidada para satisfazer o marido que apelida, no entanto, de "egoísta". E logo engravidou de gémeos... E logo o parto foi muito violento e doloroso... E logo um dos bebés nasce doente...

Fernanda, vida pacata e regrada de funcionária pública, contas certas pagas no fim do mês. E agora?... Agora o que vive é um pesadelo, depois há-de acordar e encontrar o real previsível... Agora, quer dormir... (ao pé de mim?)

Fernanda, outro nome real, Fernanda porque me recorda o inquieto Fernando Pessoa (Álvaro de Campos):

*"Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em Lisboa,  
Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa.  
Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem consequência,  
Sempre, sempre, sempre,  
Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,  
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida..."* <sup>9</sup>

Fernanda, que me diz que se sente "partida". E outra vez Álvaro de Campos:

*"A minha alma partiu-se como um vaso vazio.  
Caiu pela escada excessivamente abaixo.  
Caiu das mãos da criada descuidada.  
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso".* <sup>10</sup>

É-me difícil escrever a história de Fernanda... Pedacos dispersos na minha mente, fragmentos do quotidiano sem grande ressonância emocional, não sei como dar-lhes coerência... Recordo Bion: *"I cannot promise communication of pure non-sense without the contamination by sense"*... Uma sequência temporal?...

### 1º entrevista

Fernanda, sentada numa cadeira, está debruçada sobre a caminha onde a sua filha, Mariana, com um mês e dez dias, está deitada. Para não infringir as regras de higiene do hospital, assomo à porta e chamo-a.

Fernanda acompanha-me ao longo do corredor, até ao gabinete. Tem um ar cansado e exausto. Afasta o cabelo que lhe cai sobre a face e diz-me que tem imenso sono.

Quando nos acomodamos, Fernanda começa de imediato a falar, com uma voz potente e crua. Tenho de a interromper para lhe pedir autorização para gravar.

Fernanda imagina que eu venho a mando do cirurgião, para a informar acerca da operação a que a sua bebé foi sujeita. Ela receia que tenham retirado um rim à filha, mas não questiona ninguém.

"Eu depois da operação, eu... eu fiquei com tanto medo, mediante aquilo que vi, que não tive coragem para perguntar mais nada. Quando ela tiver alta... vou perguntar tudo".

"É tudo uma confusão tremenda! Não sei... eu sinceramente não sei... Como me sinto cansada, tenho medo de mim... Quero esperar pela final [a alta da bebé], porque... tenho medo de perder as forças pelo caminho."

Fernanda sente-se um muro prestes a desmoronar e prefere não (se) conhecer. Afirma, várias vezes, ao longo da entrevista: "Não sei mais nada!" Tenta, no entanto, agarrar-se às raízes das plantas que brotaram entre as suas pedras e, assim, manter-se coesa e cuidar dos seus filhos. Uma dessas raízes é o Hospital, instituição maternal, que cuida da sua bebé e, simultaneamente, mantém os gémeos (e o Mal e o Bem) separados.

"Eu não queria que ela tivesse já alta! Porque eu acho que ela é muito pequenina... e tenho um medo... louco de ela chegar a casa e ter que voltar para o hospital! Acho que para mim isso é que me... eu não aguentava..."

"Tenho medo... como são gémeos... que ela vá para casa pegar o mesmo vírus [duma diarreia que apanhou] ao outro. Chego a casa tenho que imediatamente tomar banho, trocar de roupa, depois é que pego no menino ao colo... Ao mesmo tempo, quer dizer, ele está constipadíssimo! Ela vai... apanhar a constipação do irmão... e vai transmitir o problema que tem de intestinos ao irmão. É muito complicado esta situação, veja bem! E não é só a situação... o problema dos rins, em si... como... não sei... é problemas que estão... a juntar... "

Mas, por outro lado, o hospital é também uma instituição hostil, perigosa:

"... com a agravante que... eu pensava que morria no parto... que morria no parto. Eu não ter aceitado de maneira nenhuma aquilo que me fizeram. Nunca me deviam ter posto a ter parto normal. Deviam-me ter submetido a

uma cesariana para não me terem torturado daquela maneira..."

"... Fui torturada!... Daí eu reagir mal em relação às criancinhas. Por minha vontade... Hoje reconheço que estava errada. Por minha vontade a Mariana teria ido para casa quando eu fui. Arriscava-se. Porque eu achei... já estudaram demasiado em mim e não têm que se aproveitar da criança..."

## 2ª entrevista

Seis dias mais tarde encontro-me, novamente, com Fernanda, no hospital.

Fernanda diz-me que está muito cansada e cheia de sono. Depois, fala-me da sua vida familiar. Ela não queria ter filhos... E logo vieram dois... E logo encontraram, na Mariana, aos dez dias de vida, "problemas urinários"... Sente muito a falta da mãe, que a acompanharia. Mas a mãe morreu há anos atrás... Agora, cumprindo o destino familiar, uma sobrinha, em sua casa, ajuda-a a tomar conta do outro bebé. Mas não gosta. Prefere estar sozinha. Quando tudo voltar ao normal, acha que consegue orientar-se sem ela.

Fala-me, também, do choque que teve quando, ao quarto mês de gestação, lhe disseram que tinha gémeos. "Desatei num pranto!" Devido a isso a gravidez foi sempre muito vigiada e nunca lhe falaram de problemas nos bebés. Ela é que, a partir do sétimo mês, começou a ficar muito inchada, muito cansada e com tensão alta. Foi internada, com grande relutância sua, cerca de oito dias antes do parto.

E, de novo, a aflição que o hospital lhe provoca:

"Detestei cá estar! Não aceitei de maneira nenhuma."

"Entretanto, dá-se o parto numas condições péssimas, em que eu fico num estado a a... doloroso! Passo para o serviço, portanto, da situação pós-parto. Aa.. entro num quarto de grande confusão. Nessa manhã, entro num quarto, portanto, só de duas camas. Estava lá uma senhora que eu detestei. Estava... entendia que a porta devia estar fechada, que a janela devia estar fechada. Eu...que, de certeza, que sofro de falta de ar (Riso), senti vontade de me mandar da janela fora. De sair dali! Não tinha forças para me levantar! O

argumento que me deram foi que eu estava hipersensível..."

Agora Fernanda bem gostaria de descansar. Um sono calmo, reparador, sem rumores. Mas não! Fala alto. Esbraceja. Não pode! Tem medo. Ao recolher-se dentro de si, o que encontraria? O Mal? O Bem? O Mal e o Bem misturados? Uma mãe-hospital-boia ou uma mãe-hospital-devoradora? E depois... cuidaria das suas crianças?...

[Depois do parto] "não vi os meus filhos, nem me lembro quando é que os vi pela primeira vez... Eu, que dantes tinha tantas preocupações com eles... (...) Não quis saber dos filhos, não me preocupei com eles e isso está mal!..."

"Ando muito cansada! Tenho medo de desmaiar na rua e de vir para o hospital e ficar cá internada. Tenho pavor do hospital... Isto funciona muito mal!"

### 3ª entrevista

Passaram-se três semanas. Mariana teve alta hospitalar há cerca de quinze dias. Fernanda recebe-me em sua casa. A sobrinha trata dos bebés e a sala é um espaço só nosso.

E Fernanda recorda, junto a mim, a inquietação que a invadiu durante o internamento de Mariana:

"Eu não sei explicar! Dava-me a sensação que a cabeça estoirava! Porque... insatisfeita! Não estava bem de maneira nenhuma! Portanto, eu estava... como as pessoas costumam dizer... estava no hospital... o coração estava em casa... porque tinha a criança em casa! Este em casa. Eu estava em casa e estava... estava no hospital! Por isso é tão mau! Tão mau! Tão mau!"

E agora, esse desassossego, que a habita ainda, é vivido também através dos seus filhos:

"Eles corr... correm todas as camas, cá em casa! (Riso) Não estão no mesmo sítio porque eu acho que eles se saturam e... Não estão! Correm tudo cá em

casa e estão perfeitamente bem!"

Partir, cair, são verbos que Fernanda emprega para me descrever o mal-estar que a percorre:

"Houve uma altura em que eu pensei que tudo partia, que não aguentava mais!"

"Houve uma altura que... que como disse... dava-me a sensação que tudo partia! De facto... houve ali como... como os economistas dizem: "ali uma conjuntura"... em que tudo... tudo estremeceu! O pior que eu atravessei foi de facto a operação da miúda! A seguir ao parto... eu estava muito doente! Estava... estava tudo, mas... mas era só comigo! Foi pior quando a miúda foi operada! Porque eu não estava bem ainda, e tive que resistir! Psíquica e fisicamente, e... com os problemas da miúda! Porque mesmo fisicamente eu não aguentava!"

"Sinto... tenho imensas dores nas costas! De noite, muitas vezes, portanto, vou-lhe dar o biberão e tenho a sensação que vou cair! Mas é mais aquela sensação de sono! Porque isso também é o normal!"

Fernanda vai falando e contando-me como lida com as suas inquietações, como tenta contornar o medo de destruição que sente em si:

"Não! A minha [filha] não é doente! Eu nem quero!... Quer dizer, não admito que me digam que a miúda é doente! Porque não é!!"

"Eu, de noite, para mudar a fralda e dar biberão aos dois o mínimo é meia hora! O máximo é uma hora! É mais ou menos aquilo que as pessoas dizem que... que o trabalho que dá um! É! Portanto, não! Sou mais enfermeira do que mãe! Mas tem mesmo que ser assim!"

"A mãe para poder resistir!... E acho que para a criança é mais importante ter a mãe com saúde, ao pé deles, do que a mãe estar... estar doente a um canto! Para a mãe poder resistir, a mãe tem que ser rápida! E tem que ser aquilo que eu digo! Mais enfermeira do que propriamente mãe!"

"Mas sou mais aquela mãe que impinge uma certa disciplina! Tem que ser! Tem que ser! Acho que estava bem na tropa! Sou tão contra as regras para mim e com eles eu sou um bocado exigente!"

Fernanda rebela-se (com as armas e a sabedoria que o tempo lhe ensinou) contra o destino que tombou sobre si. E na confusão de ódios (e culpas) que a avassalam, não sabe onde está o Bem e onde está o Mal. E nega. E despe-se de afectos. E tenta controlar, activamente, as personagens que habitam o seu teatro interno.

\*

A minha mente é um palco. Cenário negro. Luz amarela, que se acende e apaga. Fernanda que surge. Aparece, desaparece, aparece, desaparece de novo, tensa, em movimentos descontínuos... Fernanda em casa. Fernanda no hospital. Fernanda com Pedro. Fernanda com Mariana. Fernanda que deseja dormir. Fernanda que se bate para ficar acordada. Fernanda que gostaria de ser mãe. Fernanda enfermeira. Fernanda junto do rochedo liso e alcantilado de Cila. Fernanda e o vórtice de Caríbdis. Fernanda... qualquer coisa que falta... talvez a sombra que permanece imersa na escuridão...

Luz branca e fixa. Fernanda abeira-se da boca de cena. Foco vermelho. Está transfigurada. Cabelos compridos e desgrenhados. Túnica castanha. Olhos raiados de sangue. Geme. Grita:

*"A terra nutre seres horríveis, geradores de medo e dor, e os seios marinhos pululam de monstros, inimigos dos mortais. Entre céu e terra germina o fogo dos meteoros e tudo o que voa ou marcha sobre a terra pode falar da raiva eólica dos furacões."* <sup>11</sup>

Foco violeta dirigido para o fundo do palco. Aí, uma Fernanda, idêntica à anterior, deambula. Diz:

*"Bato em mim própria à maneira dos Ários e segundo o rito das carpideiras císsias. Podeis ver as minhas mãos aplicarem-se em golpes e puxões incessantes, agitarem-se continuamente, fazendo ressoar as pancadas, do*

*alto e de longe, sobre a minha cabeça massacrada e aflita!".* <sup>11</sup>

A luz apaga-se. Silêncio. Uma voz ecoa:

*"As crianças que há no mundo, vindas de lunações de objectos  
potentes, fechados,  
pulsando,  
suspensas pela alumiação que as toma braço a braço;  
que têm a despontar nas costas  
um astro de basalto do seu tamanho.  
Refulgem pela boca, ouvem as vozes.  
Devoraram um alimento ardente.  
Dormem.  
Só é preciso pensá-las, vê-las, pô-las  
à mesa com as mãos sobre a toalha, entre facas,  
louça, carne  
tóxica. Ou soprá-las para que divaguem numa força de ar.  
Transmutavam-se.  
Que aparência no sono, que ciência.  
Alguém as encontrou, não falam, queimam-nas  
o combustível astral, a nutrição  
violenta. A sua arte monstruosa  
é a atenção nos dedos:  
separar pelas fendas os planetas,  
torso mais torso, membros altos, o cérebro selado de todos  
os mortos. Mostram  
isto: que a arte que dá a vida  
mata.  
Ininterruptas. Assombrosas. Contempladas." <sup>12</sup>*

Será a voz de Fernanda?

## MARIA QUE NÃO QUER ESTAR MAIS SÓ

Terra pequena, antigo povoado ligado à agricultura, ruas estreitas com recantos e lajes no chão, desertas de gente e de automóveis, apesar de ser princípio de tarde. Está frio e paira no ar uma humidade intensa. Procuro Maria.

Bato à porta. Após uma breve pausa, surge Maria, enquadrada pela escada e o vão da entrada. É uma mulher muito jovem, quase menina, simpática. Traz a sua bebé ao colo, embrulhada numa pequena manta de lã. A menina, um mês e sete dias, é bonita, gordinha, algum cabelo negro, olho bem aberto. Enverga um "baby-grow" cor de rosa, com uma ampla gola bordada. Mãe e filha estão bem vestidas, cuidadas.

Instalamo-nos na sala. Não trocamos muitas palavras. Maria dá de mamar à bebé. Aconchega-a bem a si, envolvendo-a com os braços e as coxas. Está focalizada na filha e parece adequar-se ao seu ritmo. Ao olhá-las, invade-me um sentimento de calma e bem estar. Maria oferece, à bebé, primeiro o seio esquerdo, depois o direito e coloca-se sempre de forma a que eu possa ver a filha. É manifesto o seu enlevo por ela e a oferta, que me faz, do que ama.

Enquanto a mãe dá de mamar, o meu olhar vagueia pela sala. Casa antiga arranjada, paredes verde-seco, móveis de casa de jantar pesados, tipo século XVII, sofás de veludo

amarelo dourado, estante de canto com TV e vídeo. Imagino a passagem de Maria, de jovem solteira, menina em casa dos pais, para o estatuto de mulher casada, ali... Como terá sido? Lento? Festejado?

Mais tarde, ao longo da entrevista, Maria dir-me-á que engravidou em solteira, só depois é que se casou.

"Tanto que eu nem sequer estava-me a pensar casar já, nem nada! Mas depois já que isto aconteceu!... Fizemos tudo ao mesmo tempo, pronto!"

Assim, rapidamente, Maria tornou-se mãe e mulher. E penso nela, no seu discurso que permanece escrito numas folhas de papel, nas imagens e sentimentos que guardo em mim... Maria, que aparenta segurança na relação com a filha, e em cujos horizontes há festa, ouro, incenso e mirra... Como foi, como é a história de Maria?

Em pequena, sentia-se sozinha com o pai e a mãe e desejava muito ter uma irmã mais velha. Diz:

"Eu... gostava muito de um... assim uma irmã... assim maior que eu... Mas, não!... Nunca tive! A minha mãe nunca quis!... Eles nunca quiseram! Então, olhe!... Tive de ser filha única! (Silêncio). Mas eu gostava muito de ter assim irmãos!... Quando era pequena... estava sempre a dizer que gostava... que gostava muito de ter um irmão e uma irmã!... Mas... nunca me ouviram!... Nunca quiseram ter!... Agora também já não é!"

Hoje, a solidão continua a percorrer-lhe o interior do corpo, como um arrepio, — "Passamos as duas o dia inteiro sozinhas!... O pai só vem à noite!... " — mas terá encontrado na filha uma companheira:

"Sinto-me [com a bebé] sempre acompanhada!... É uma coisa como se fosse uma pessoa mais assim adulta! Tanto que eu falo com ela, às vezes, como se ela fosse assim maior! Mas que ela percebesse, não é? Começo a falar com ela!... Mas ela coitada já não percebe nada daquilo que eu digo!"

Esta menina teve, no entanto, uma gestação que afligiu a mãe. Aos três meses de gravidez é diagnosticada, no feto, uma hidronefrose. E Maria recorda, contando de uma

forma comedida:

"Ai, fiquei um bocado chocada!... Por saber que ela já vinha com um problema, não é, e a gente sem saber qual era... Sabíamos que era um problema do rim... mas também podia ter mais, não é?"

Ao longo da gravidez, Maria "andava sempre a pensar nisso!..." e receava que a bebé, para além do problema renal, "viesse com mais algum problema ou esse problema do rim fizesse que ela tivesse assim alguma... algum defeito..." Mas Maria encontra, no seu mundo interno, objectos que lhe permitem gerar sentido, manter a esperança e, no fim da gestação, sonha que está a ter uma menina, loura, que nasce bem.

Chega o momento do parto. E o olhar de Maria, sobre o corpo da filha, amaina as suas inquietações.

"Tanto que eu... assim por aquilo que eu vi que eu notei que não tinha assim nada, não é, além do problema do rim... Mas eu fiquei logo assim mais tranquila e tudo... Já nem pensava nisso, depois... Só pensava é que ela tinha o problema do rim... Assim de resto já não... Fiquei logo... tranquila, quando eu a vi..."

Hoje, Maria continua a encontrar, em si, forças que lhe permitem ter confiança no futuro:

"Ela tem andado bem! Passa... passa sempre o tempo bem! Come, dorme! (Riso) Passa bem!... E eu também! Já não... estou mais assim... Tenho que me... tenho que pensar nisso... pensar no problema que ela tem mas já não... não penso assim tanto!"

"Mas às vezes eu lembro-me!... Eu começo a pensar que depois de estarem os exames todos feitos... que está... assim que eles vão dizer que está tudo bem!... Vá lá... que tenham que fazer assim... lá ir... de vez em quando para eles verem... mas... não me lembro assim que eles vão dizer assim o pior!... É só o que eu me lembro é disto! Que eles vão dizer que está tudo bem!... Deus queira que digam!... Vamos lá a ver!... Mas é só o que eu me lembro!... Às vezes podia-me lembrar assim... que tivesse que ser operada,

essas coisas, mas não!... Não me lembro disso!... Não sei se é por estar a vê-la sempre assim bem!..."

E Maria, a propósito do nome que escolheu para a filha, fala-me da sua bisavó Rosa que, falecida há anos atrás, é, certamente, uma personagem interna dotada de grande força anímica e geradora de ligações esperançosas.

"Gostava!... Como ela brincava muito comigo, gostava muito dela!... Era uma bisavó que eu tinha... tanto que ela... eu era uma das bisavós... uma das bisnetas que ela estava sempre a brincar... Eu gostava muito dela como eu já tinha assim idade... Estávamos sempre assim as duas a brincar uma com a outra e gostava muito dela! Por isso é que depois eu meti-lhe Rosa a ela! [à filha]"

"Só que... uma a... a a aquele tempo que a gente estávamos ao pé uma da outra, eu gostava muito dela! E brincávamos muito as duas!... Foram poucos anos mas deram... para a gente estar bem! Para a gente brincar, para a gente se conhecer uma à outra!"

"Custou-me muito quando ela morreu, como era... era a única bisavó que eu tinha, era a única, foi a única que eu conheci... Custou-me muito quando ela faleceu!... Mas depois... como ela passou... aquilo passou e eu comecei a crescer... Pronto, a quase... que me esqueci... mas nunca me esqueci da... da afeição dela... Lembro-me sempre bem como é que ela era!... Como eu gostava muito dela!..."

E imagino Rosa-bisavó com Maria-menina. Estão face a face, riem-se e revêem-se no olhar uma da outra. E contemplo Maria-mãe que acalma Rosa-bebé. Semicerro os olhos e surgem imagens e murmúrios de crianças e vozes de mulheres que cantam canções de embalar, e tudo se funde e desdobra num caleidoscópio de cores e sons... Maria-mãe-menina-Rosa-bisavó-bebé...

Maria gosta de estar com a sua filha. Tudo corre bem entre elas. E vai deixar o trabalho, para ficar em casa, com Rosa. Mas não a imagina no futuro. Prefere-a pequenina, junto a si.

"Não me lembro assim de quando ela for... quando ela for maior! Só me lembro dela agora! Que é assim... é como eu a vejo... é me... estar a lembrar-me quando ela for grande... Essas coisas não... não me lembro!... Como estou sempre assim com ela... assim todos os dias, não é... estou sempre a vê-la pequena... Parece que gostava que ela fosse sempre assim!... E não me lembro quando ela for grande! (Silêncio) Gosto tanto dela assim pequenina! Está sempre ao pé de mim... agora quando ela for maior... depois já não está sempre!"

Maria quer parar o tempo. E assim anula a morte, a separação, a história... e suspende no ar o instante do idílio amoroso... Rosa, a avó que não morreu, a avó tornada bebé, a bebé sempre viva e bebé, ela, ficarão lado a lado, olhando-se e rindo, na terra do leite e do mel... E Maria sente-se bem...

Maria brinca com a sua filha no banho, toca-a, olha-a e olha-se e às mil imagens que a água lhe devolve...

"Ai! Isso isso é dar banho a ela! É o que eu gosto mais de fazer! Gosto muito de dar mama, mas ainda gosto mais de dar banho! Gosto de estar ali com ela dentro de água! Estar ali a brincar com ela! Mas agora está a brincar pouco tempo! Agora está frio! Para ela estar muito tempo dentro de água! Mas é o que eu gosto mais de fazer é dar banho! Gosto muito de mudar a fralda! Fazer tudo a ela! Mas dar banho é uma das coisas que mais gosto de fazer! (Silêncio) Gosto muito de estar... de estar a mexer nela! É uma das coisas que... que eu tenho que mais gosto! Uma coisinha pequenina... que eu gosto muito dela! Então gosto muito de estar com ela!"

"Agora quero estar sempre assim a vê-la, a esta!"

Maria é uma apaixonada pela fotografia. Abre o diafragma do seu olhar, a luz penetra e "clic!", a imagem fica retida. Ali está Rosa-bebé, que contém Rosa-bisavó-Maria-mãe-menina, numa fotografia interna que imobiliza o presente num momento eterno e fecundo. E recordo Jorge Luis Borges, em "A Escrita do Deus": *"Este [Deus], prevendo que no fim dos tempos ocorreriam muitas desventuras e ruínas, escreveu no primeiro dia da Criação uma sentença mágica, capaz de conjurar esses males. Escreveu-a de maneira que chegasse às mais distantes gerações e que não a tocasse o*

*acaso. Ninguém sabe em que ponto a escreveu nem com que caracteres, mas consta-nos que perdura, secreta, e que um eleito a lerá."* E pergunto-me se Maria, nessa imagem que constrói e retém, não intui a escritura divina, que Tzinacan, mago da pirâmide de Qaholom, tão afanosamente procura.

Agora é fim de tarde. A escuridão da noite começa a descer, invadindo a Terra de penumbra e medos. Maria, com a filha ao colo, canta:

Dorme, dorme meu menino,  
Neste berço adorado.  
Vai dormir com o Jesus  
E sonha sonhos dourados.

E na sua casa, no seu abraço que abraça a filha, em mim, reina a Harmonia. Maria-mãe, Maria-bebé, Maria que não quer estar mais só.

## COMEÇO A LEMBRAR-ME...

### Intróito

*"Começo a lembrar-me: eu peguei na paisagem.  
Era pesada, ao colo, cheia de neve." 13*

Começo a lembrar-me... Foi assim. Entrei na casa de Ema como quem desvenda, respeitosamente, um retábulo, à procura do encontro criador com memórias guardadas. Ema, mulher menina franzina, é a imagem central. Espera-me. E eu pego-lhe ao colo. E ela, no colo, tem o seu filho. E ao meu colo me desfia o peso do seu...

*"As letras cresciam em torno da terra,  
as telhas vergavam ao peso  
do que me lembro. Começo a lembrar-me:  
era o atum negro do teu nome,  
nos meus braços como neve de janeiro." 13*

Mas o meu colo é um colo que Ema não sabe. E, receosa, trémula, bate ritmicamente no rabito do seu bebé. Agora, hirta, e como quem não quer falar, aponta-me as imagens laterais do retábulo, que pinta como um mestre renascentista. Eu entro nelas e

deixo-me ir...

*"As praças estão resplendentes.  
As grandes letras descascadas: é novo o alfabeto."* <sup>13</sup>

### **1ª imagem lateral: A gravidez de Ema**

O ventre de Ema começa a crescer, mas o seu colo e a sua mente não estão prontos, porque um outro "bebé", o seu primeiro filho, os enchem plenamente.

"Pois! Eu... bem... fiquei grávida! Eu não... não era para ficar grávida! Que eu não queria ainda porque eu tinha um bebé... um... com três anos. Que vai agora fazer anos em Janeiro! Mas... Pronto! Fiquei grávida, sem... sem contar! Que eu não queria nesta altura!"

Ema olha-se (e ao seu ventre) no espelho, passa a mão sobre ele, em afago, e vai pensando no seu novo bebé, enquanto escuta o falar e o choro de Daniel, seu primeiro filho. Entre os dois, dentro de si, sente-se dividida... Como é o amor de mãe? Ama-se um, dois, quantos filhos? E de que maneira?...

"E este trazia a barriga muito pequenina. Foi muito diferente! A gravidez foi muito diferente, um do outro! Foi, foi! Eu, o outro, até eu comia melhor, do outro! Este não comia tão bem! E este acho que trabalhei mais... também! O meu trabalho... acho que levei mais trabalho deste do que levava do outro! Não sei! Foi... foi diferente!"

Entretanto, aos seis/sete meses de gravidez, no decorrer de uma ecografia, uma médica diz-lhe que o bebé apresenta uma dilatação no rim. Ema, menina aflita, anicha-se no colo que a médica lhe oferece, procurando protecção.

"Eu na altura senti... fiquei muito assustada! A médica da ecografia notou... logo que eu fiquei assustada! Ela disse-me: 'Você não se preocupe que isto não vai ser nada! Que... isto é uma coisa que em geral... há muitos bebés que nascem com isto. Geralmente rapazes! Mas isto vai... vai fazer uns exames! Vai fazer um tratamento logo ao nascer! E vai correr tudo bem!'

Pronto! Eu fiquei mais descansada! Mesmo assim, fiquei assim um bocado... claro!"

Mas não era só o problema renal. O bebé não estava a crescer...

*"Novembro — meu filho — quando se atira a flecha,  
e as praças se descascam,  
e os satélites avançam,  
e na lua floresce o enxofre. Pegaste na paisagem  
(eu vi): era pesada. " 13*

## 2ª imagem lateral: O internamento de Ema

O bebé estava muito pequenino e Ema é internada, no hospital, cerca de quinze dias antes do parto. Esse é um tempo que ela não quer lembrar mas, do qual, ao seu jeito, vai pintando novas imagens. E eu intuo Ema vagueando pelos corredores infintos do hospital, em bando, com outras mulheres ou, então, enrolada no seu leito, assustada e só... Em casa, lá longe, ficaram partes de si — o marido, o filho — e ali, despojada dela própria, como sentir-se?

"... e pensava no meu marido, no meu filho, aqui em casa, não é?... Porque os maridos não sabem vestir os filhos, é mais das mães, não é! (...) Pensava só no meu filho, como é que ele andava e... e como é que ele não andava, o meu marido também a vestir-se e não sei quê! Pronto, pensava nisso! Então, as noites custava-me muito a passar! As noites, então, era a coisa pior, porque durante o dia a gente lá... estávamos sempre aquela hora à espera de visita, que nos iam ver e... lá andávamos com as outras, lá íamos fazer as ecografias, lá íamos... Sei lá, não sei, era diferente! Mas de noite, então, custava muito! (...) Não, isso não quero lembrar! Isso... foi duas semanas que eu não quero lembrar! Custou-me muito!"

*"Era tudo uma máquina com as letras  
lá dentro. E eu vinha cantando  
com a minha paisagem negra pela neve.  
E isso não acabava nunca mais pelo tempo*

*fora. Começo a lembrar-me.  
Esqueci-te as barbatanas, teus olhos  
de peixe, tua coluna  
vertebral de peixe, tuas escamas. E vinha  
cantando na neve que nunca mais  
acabava." 13*

### **3ª imagem lateral: O parto — A Morte / A Vida**

Ema está assustada. O bebê vai nascer. E o seu corpo transmuta-se. As dores são ondas estranhas e violentas que sobem no seu ventre. O seu sexo jorra água e sangue. Ema vai e vem ao sabor de forças telúricas que a avassalam. Uma lua negra incha dentro de si.

"... e só tinha medo era que me metessem ferros e que mo... me abrissem, sei lá!"

"Não tinha mesmo nada, tinham que me rasgar toda, se não me tivessem tempo para pôr para cesariana, tinham que me rasgar toda! Era isso só que eu tinha medo!"

O corpo de Ema não dá passagem ao bebê. Uma cesariana impõe-se e Ema treme.

"É uma coisa, que eu... lembrei-me só do meu filho e do meu marido, na altura em que eu fui para lá metida! Eu era... e depois pensava assim... Eu vou acordar? Não sei! Sei lá! Uma sensação! (...) Mas... mas, sei lá, mas quando a gente vai para a sala de operações, é uma coisa!... Nem quero imaginar!..."

Mas, no outro dia de manhã, ao abraçar o filho, Ema reencontra a Vida.

"Gostei muito de pegar nele! Peguei logo nele! Não sei! Abracei-o! Sei lá! Não sei! Porque a gente sofre tanto! Depois quando a gente os vê... Não sei! (Riso) É muito bom a sensação! Muito boa! (...) A gente depois, quando vê os bebês, é é bom!"

*"Eu ia lembrar-me: os satélites todos  
resplendentes na praça. Era a neve.  
Era o tempo descascado  
sonhando com tanto peso no meu colo." 13*

#### **4ª imagem lateral: A mãe de Ema**

É uma senhora velhinha, miúda como a filha. Face enrugada, olhar vivo. No passado teve oito filhos. Criou-os a todos. Ema foi a quinta, depois dela outros vieram... Ema terá perdido, assim, o colo da mãe mas, segundo diz, nas suas memórias de menina nada guardou.

"... eu não sou... eu sou a mais nova... abaixo de mim ainda há três!... Há três, o resto é tudo já para cima! Mas... eu não, não, não me lembro dos meus irmãos quando eram bebês, não me lembro de pegar neles, (...) não me lembro de nada, nada, nada dos meus irmãos quando eram bebês!..."

Mas Ema-mulher transporta as memórias de Ema-menina. E, suavemente, elas irrompem e transfiguram-na... Ema-Daniel, desapossada do colo da mãe. Ema-filho-mais-novo-e-último, que o terá longos anos. Ema-mulher que, apesar de tudo, ocupará sempre um lugar no colo de sua mãe.

"Quando é preciso ela vem cá e... logo que eu preciso de qualquer coisa... que eu esteja doente! Assim... a minha mãe vem! Também é... só a minha mãe! (...) Também era só a minha mãe que... que me vem ajudar! E que me... quando eu estou doente ou quando... tenho... coisas que eu precise dela e não sei quê ela vem!... Vem!... Eu a ela também é a única que tenho!"

*"— mãe — nunca mais acabava pelo tempo fora". 13*

#### **Imagem central: Ema e o "Bebé maravilha"**

Voltamos à imagem central. Eu que pego em Ema ao colo que, ao colo, tem o seu

bebé. Ema que não sabe o meu colo. Ema ainda tensa. Ema que desconhece que o seu menino adormeceu e que continua a bater-lhe, ritmicamente, no rabito. Ema que me fala dos seus filhos. O primeiro, em bebé, só queria a mama, não a deixava dormir, era chorão, exigente, insatisfeito e ávido. O segundo, que ela não desejou e que, na sua fantasia, não alimentou o suficiente, no seu ventre, e gerou doente, é um bebé bondoso, calmo, pachorrento, que aguarda que a mãe lhe ofereça o colo para nele se acomodar.

"Era o primeiro, eu não tinha tanta experiência, e e e... era muito mau e eu tinha medo, e depois ele chorava muito, às vezes ficava assim... ia com o choro... Ficava assim, às vezes até ficava negro... eu eu até gritava aqui sozinha em casa! Sei lá! Sentia-me mais coisa! Agora com este, não ! Com este ele, ele é tão bom, ele é mansinho, não, não... Gosto de estar em casa com ele!"

"Este encho-lhe a barriga... deito-o... fica a dormir... para aí umas três, quatro horas! Passa a tarde inteira a dormir! Acorda! Dou-lhe outra vez de mamar! Mudo-lhe a fralda! Pronto! Deito-o outra vez na alcofinha, fica outra vez a dormir! Este é uma maravilha!"

"Coitadinho! Tem feito uns exames!... Que... que ele... só que ele é muito paciente! Fica ali quietinho a olhar para mim! Ele nem chora nem nada! Os outros bebés choram! Choram! Ele não! Ele não chora! Este é uma maravilha..."

Este menino, que Ema cria e recria, é, na realidade, uma criança que a "protege" das suas angústias e reassegura das suas capacidades maternas, bebé-mãe que pega ao colo na sua mãe-bebé.

E Ema quer prolongar este tempo idílico. E, num movimento que se esforça que seja convincente, coloca o filho bem no centro do seu colo, envolve-o em faixas douradas e diz-me, "salvando-o" (e a si e a mim) do medo da doença:

"Eu não penso assim... eu não penso nada assim de mal! Eu acho que vai correr tudo bem! Que o... que o meu bebé que não tem nada! Não sei! Eu não sou assim... não penso mesmo! Não penso assim do... do pior! Pronto!"

Eu acho que vai correr tudo bem! Que ele que não vai ter nada! Pronto! Não... não penso nada assim de... de... sei lá!... que não possa mesmo pensar! Não sei!"

*"Avança, memória, com a tua bicicleta.  
Sonhando, as árvores crescem ao contrário.  
Apresento-te Novembro: avião  
limpo como um alfabeto. E as praças  
dão a sua neve descascada.  
Mãe, mãe — como janeiro resplende  
nos satélites. Filho — é a tua memória." 13*

## Epílogo

O olhar de Ema desvia-se do "Bebé maravilha", passeia-se pela imagem do rosto materno, aflora o corpo do filho, sobre o seu colo, e busca o meu. Juntas visitámos (e recriámos) recônditos do seu (e do meu) espaço mental.

Agora Ema já sabe o meu colo. E saímos do retábulo. Ema está sentada, junto a mim, no sofá da sua sala: Ao seu colo, Manuel, vinte e um dias, dorme. É um bebé pequenino, tez ligeiramente avermelhada, envolto em lãs azuis claras. Deitado de bruços, repousa sobre as coxas maternas, com a cabecita na minha direcção. Ema olha o seu menino. Reconhece que ele adormeceu. Acha que está muito calor e retira-lhe, com suavidade, o casaco de malha. Aconchega-o no seu colo, sentando-o ligeiramente. Sempre a dormir, o bebé sorri. Ema diz: "Está a ver alguma coisa bonita!"

Depois, com o Manuel ao colo, conduz-me ao seu quarto, onde me mostra fotografias do filho mais velho. "Não é bonito?"

*"Começo a lembrar-me: a bicicleta  
vergava ao peso desse grande atum negro.  
A praça descascava-se.  
E eis o teu nome resplendente com as letras  
ao contrário, sonhando  
dentro de mim sem nunca mais acabar". 13*

**O TEMPO ANTES DO TEMPO DEPOIS**

---

Foste tu, eu sei, quem ergueu a minha carne,  
quem lentamente me urdiu no ventre de minha mãe.  
Maravilho-me ao pensar no enigma criado.  
De há muito já decifravas labirintos da minha alma,  
e vias erguer-se a máquina dos meus ossos obscuros.  
Minha vida estava inscrita no teu livro encoberto.  
Ainda antes do tempo fixaras os meus dias.  
Mas os teus, os teus enigmas, quem os pode decifrar?

(Herberto Helder)

---

## 1. INTRÓITO

Encontrei-me com as Musas e guardei, em mim, esse encontro. E descrevi-o, procurando recriar a identidade de cada uma delas numa Personagem-ficção, fruto do cruzamento, num ponto do espaço e do tempo, das nossas histórias de vida distintas.

E, agora, que tenho que subir um novo degrau, partir para um outro texto, porque não deixar que essas personagens, que circulam no espaço cénico da minha mente, falem de si e do sentido que as liga, no tempo antes do tempo depois?

Transformação de transformação de transformação, ó Ciência quem és tu? Ou melhor: que invariantes garantem que a minha escrita representa e interpreta a experiência emocional de que parti?

## 2. O TEATRO DA MENTE

### I ACTO - ANTEMANHÃ

*A cortina corre lentamente. Cenário azul escuro. Luz branca a despontar na parte inferior esquerda. Amanhece. Toca "Prélude à l'après-midi d'un faune", de Debussy.*

*Agora reina o silêncio. As Musas, túnica branca vestida, entram duas a duas, pela lateral esquerda (e direita), atravessam a cena cruzando-se a meio, e saem pela lateral direita (e esquerda). Enquanto caminham, falam. Dada a precocidade da hora, e o facto de haver muita humidade, os seus vultos são pouco nítidos.*

EVA

Sonhei longamente com a minha bebé... Preparei-lhe, desde a minha meninice, um lugar em mim...

ADRIANA

O meu bebé, pedaço de mim... É tão bom estar com o meu bebé...

VIOLETA, *face dirigida para baixo, voz murmurada*

A minha filha, corpo que sai do meu corpo, carne da minha carne, encarnação de mim... Como não amá-la (e odiá-la)?...

FERNANDA, *um pouco agitada*

Eu não queria ter filhos, não queria... Vieram logo dois!... E eram belos e frágeis...

EMA

Tão bom ver o meu bebé!

*No cenário, a luz subiu um pouco, e ilumina, em sombras chinesas, o vulto de uma mãe com o seu bebé ao colo.*

VOZ FEMININA, *pausada*

"Estava tão embebido,  
tão absorto e alheado,  
que ficou o meu sentido  
de todo o seu sentir privado,  
e o espírito dotado  
de entender não entendendo,  
toda a ciência transcendendo".<sup>14</sup>

## II ACTO - LABIRINTOS

*As Musas estão prostradas pelo chão, amontoadas no centro do palco. Vestem túnicas acastanhadas. Um foco amarelo ilumina-as, deixando o resto da cena imerso na escuridão.*

VOZ MASCULINA, *metálica e entrecortada*

O seu bebé... O seu bebé... tem as vias urinárias dilatadas... Não sabemos bem o que é... Hidronefrose... Hidronefrose...

*As Musas parecem despertar dum sono letárgico. Soerguem o tronco e agitam-se em movimentos descoordenados, mas em uníssonos. Gemem. Gritam.*

VOZ FEMININA

"Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste  
e te afastas dos meus gritos?  
Brado em vão e sem repouso.  
Encho os dias e as noites com as vozes desta angústia,  
e o teu silêncio me cerca." <sup>15</sup>

*As Musas estão agora de pé, cabisbaixas, braços caídos. Espalham-se pelo palco, caminhando ao acaso, como perdidas num imenso labirinto.*

EVA

A minha filha, longamente construída na minha mente e no meu corpo, brotou tão diferente... tão diferente...

FERNANDA

Não, eu não sei, não sei nada!... E neste não saber, não sou, não penso, não existo... mero autómato...

VIOLETA

A minha filha transporta em si, como uma sombra, a sua (e a minha) destruição.

IRENE, *esbracejando*

"De dia grito e gemo à noite, à tua frente:  
abre-te aos meus soluços. Que te atinja minha dor." <sup>15</sup>  
Estou irada! Irada! Que fizeram de mim?

MARIA, *que se afasta do grupo e sai de cena*

Parei o tempo e vivo o instante e extasio-me com a minha bebé. E digo para mim:  
"O dia brilha alegre e sereno, as nuvens e as tempestades afastaram-se... uma calma súbita surgiu para o justo... Com as mãos cheias, ofertai guirlandas e lírios." <sup>16</sup>

EMA

"Piedade, ó Deus, piedade!  
Agacho-me debaixo da sombra das tuas grandes asas  
Em ti espero a passagem dos flagelos." <sup>15</sup>  
Entretanto, não penso, não penso nada que não possa mesmo pensar!

MARIA DO MAR

"Que tens, ó minha alma que padeces de melancolia?" <sup>15</sup>

Em vão tento controlar, saber, controlar-me...

VIOLETA

Amar é possuir... se não posso possuir não posso amar, não posso viver...

ANA

É proibido sentir... Penso! Penso!... Mas a minha alma estremece...

ADRIANA

"Salva-me, ó Deus, sobem-me as águas até à alma." <sup>15</sup>

Não, não há enigmas, tudo é claro e transparente!... E o meu bebé está bem...

FERNANDA

"Por ti eu conheci o tempo da confusão, e uma face tenebrosa  
se encostou à minha face.

Eu agora sou estranho em casa de minha mãe,  
eu agora já não caibo na minha própria casa." <sup>15</sup>

E fujo dos meus filhos... fujo...

LÍDIA

"Cada manhã meu clamor se levanta para ti:  
porque afastas tua face do cerco da minha voz?" <sup>15</sup>  
Estou confusa!... Sinto com o corpo que me dói e que eu arrasto!...

## EVA

"Onde está o Deus vivo, que não se esgota  
o tempo das trevas? Sobre os montes do exílio, tremo  
e peço que revele a sua luz." <sup>15</sup>

Às vezes não conheço a bebé que nasceu de mim... Há nela qualquer coisa de  
obsuro, de desconhecido, de sinistro... Às vezes não conheço a bebé que nasceu de  
mim...

### AS MUSAS EM UNÍSSONO, *voltadas para a boca de cena*

"Ai!, quem pod'rá sarar-me?  
Não queiras enviar-me  
Mais nenhum mensageiro,  
Que não sabem dizer-me o que requeiro." <sup>17</sup>

## III ACTO

Corresponde ao tempo depois (do tempo antes do tempo depois).

Não o posso escrever porque não o sei e em mim tolero a incerteza de o não  
conhecer.

### 3. O SENTIDO GERADO PELO TEATRO DA MENTE

Meltzer (1988) fala-nos do impacto que a beleza da mãe provoca no seu bebé. Sugere também que o bebé provoca um impacto estético na sua mãe e que ambos podem usufruir de momentos de êxtase amoroso, tão bem descritos por S. João da Cruz, e representados, ao longo dos séculos, em pinturas e esculturas que perenizam essas vivências de beatitude.

E ainda que eu possa pensar que este pensamento (ou essas representações construídas pelos artistas) correspondem ao desejo (humano) de reencontrar na sua história passada um Paraíso, um momento em que se foi infinitamente amado, penso que, na generalidade, e felizmente, houve um colo que nos aconchegou, um mamilo que preencheu o vazio da nossa boca e nos inundou o interior do corpo com um leite quente que afastava as dores, um seio onde a mão em movimento inseguro encontrava calor e macieza, um par de olhos brilhantes que se cruzava com o nosso olhar e lhe dava profundidade, uma voz que era um outro corpo que nos embalava...

Essas mães, que nos amaram, transportavam em si "une antique passion, première, originaire, (...) celle de l'incarnation, celle qui les avait liées au corps de leurs enfants comme à leurs propres corps, la seule qui puisse aimer dans la chair de l'autre la sienne propre. Passion archaïque, du commencement, antérieure à la tendresse, forgée dans le

corps à corps des corps, dans l'étreinte passionnée de la Mère et de l'Enfant." (Mango, 1992, p. 14)

Essas mães que nos abraçaram e cuidaram também foram abraçadas e cuidadas por nós. Os nossos braços envolveram-lhes o colo, a nossa boca conteve e sugou os seus mamilos, o nosso olhar e o nosso sorriso deslumbraram-se com os seus olhares e os seus sorrisos, o nosso choro só se acalmou com os seus abraços...

Nestes momentos, em que o abraço da mãe abraça o filho que a abraça a ela, nesses momentos em que a mãe se perde no calor da intimidade e da beleza do filho, que se perde no calor da intimidade e da beleza da mãe, nesses momentos, dizia, a nossa existência ganha sentido, a partícula de poeira cósmica que é cada um de nós diferencia-se electivamente.

"Significado é, mais do que tudo, a manifestação fundamental das paixões nas relações íntimas com a beleza do mundo", afirma Meltzer (1990 b). Bion (1963), por seu turno, sugere-nos que pensemos o significado das nossas relações como vínculos emocionais, que têm de ser transformados em formas simbólicas para poderem ser pensados e comunicados. As emoções, isto é, o impacto dum vínculo relacional num objecto, estão unidas numa resposta complexa de Amor, Ódio e desejo de Conhecer (A, O, C). A aversão a qualquer tipo de emoção corresponderia, então, a uma aversão à significação (anti-significado -A, -O, -C).

Mas voltemos às mães e aos bebés...

Agora o seio da mãe esconde-se atrás da muralha do "soutien", o seu olhar já não brilha, a música de órgão da sua voz foi-se... Repentinamente, um frio intenso rodeia o bebé...

Agora o bebé fecha os olhos ao sorriso da sua mãe, desvia a face à aproximação do seu rosto. Não quer pegar no seu mamilo e continua a chorar... E a mãe pergunta-se onde está o seu bebé...

*"É tudo quanto sinto, um desconcerto;  
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;  
Agora espero, agora desconfio,*

*Agora desvario, agora acerto.* " 18

Provavelmente é assim, ou talvez doutra forma, mais cedo ainda, durante a gravidez, que começa o tempo antes do tempo depois... O tempo da inquietação, da incerteza, da dúvida... O tempo em que as mães deixam de ser apenas Graças e se transformam em Fúrias, Estátuas, Musas Inquietantes, e os bebés deixam de ser Anjos e são também pequenos Demónios.

Mas ouçamos Meltzer: "No hay impacto de belleza sin conflictos. La naturaleza de este conflicto es el conflicto entre la experiencia de belleza exterior del objecto y el mistero interior no observable (...) Así confrontado con la percepción del exterior hermoso, habrá necesariamente sufrimiento por la incertidumbre acerca de la concordancia o no con el interior inobservable" (Meltzer, 1990 c, p.128).

Assim, o poder de o objecto estético gerar emoções é equivalente à sua pujança de suscitar angústias, dúvidas, desconfiança. E se a sua beleza exterior se oferece aos sentidos — "o que é belo, é belo aos olhos — e basta" (Safo) — o mesmo não se passa com o seu interior, que é enigmático, misterioso e desperta o desejo de conhecer.

*"De noite, no meu leito, procurei  
aquele a quem ama o meu coração.  
Levanto-me agora, e vou pela cidade.  
Em vão o procurei.  
Pelas ruas e pelas praças  
buscarei aquele a quem ama o meu coração".* 19

Então, o tempo antes do tempo depois, o tempo da inquietação e da incerteza, pode tornar-se no tempo do Conhecimento, se a dor dessa incerteza for tolerada. Caso contrário, o tempo antes do tempo depois transforma-se no tempo da anti-significação (-A, -O, -C) ou no tempo do "evitamento do impacto da beleza do mundo e da intimidade apaixonada com outro ser humano" (Meltzer, 1990 b, p. 24).

E era uma vez uma mãe cujo bebé nasceu com hidronefrose. E a mãe olhou o seu bebé e ficou espantada e perplexa porque ele era bonito, e perfeito, e tinha uma pele lisa, branca e macia e dentro dele — diziam-lhe — uma mal-formação podia consumir a sua Beleza e a sua Vida... E a mãe, que pensava que o seu bebé era a obra-prima que ofertava

ao mundo, não suportou perder assim a sua Beleza... Semicerrou os olhos e encontrou, dentro de si, muita tristeza.

*"E o poço negro que é a minha alma  
Gerou imagens de noites tenebrosas,  
Animadas por anónimos cantos  
E o sopro eterno de forças ominosas". 20*

*gravidar*

Durante a gravidez a mulher vive um estado mental específico, a que Winnicott (1956) deu o nome de *preocupação maternal primária*, e que descreve da seguinte forma: "Cet état organisé (qui serait une maladie, n'était la grossesse) pourrait être comparé à un état de repli, ou à un état de dissociation, ou à une fugue, ou même encore à un trouble plus profond, tel qu'un épisode schizoïde au cours duquel un des aspects de la personnalité prend temporairement le dessus" (p. 170). Outros autores, nomeadamente Grete Bibring e colaboradores (1965) e Brazelton e Als (1981), referem, de forma semelhante, a especificidade e plasticidade dos processos psicológicos vividos pela mulher, durante a gravidez. Todos parecem unânimes em afirmar que "l'anxiété prénatale et la distorsion de l'univers fantasmatique faisaient partie d'une réaction saine: elles permettaient à la femme de quitter son ancien équilibre homéostatique et lui permettaient d'accéder à une nouvelle adaptation" (Brazelton e Als, op. cit., p. 398).

Então é como se as mães, ao longo da gravidez, se preparassem, mentalmente, para a imprevisibilidade enigmática dos seus bebés, através de re-arranjos nos seus universos mentais. Estas novas reorganizações possibilitam-lhes, certamente, uma maior capacidade empática, o desenvolvimento da capacidade de "rêverie" e, retomando conceitos de Bion (1963), o delinear de *pré-concepções* em que a parte não saturada ou transformável está disponível para a viagem do conhecimento do bebé real.

...E a mãe, cujo bebé nasceu com hidronefrose, tinha feito, dentro de si, um longo percurso em que reencontrara a sua mãe, o seu pai, ela própria bebé-menina-adolescente-mulher, o seu marido e o desejo criador que os unia, e o seu mundo mental ficou prenhe de pré-concepções dispostas a vincularem-se ao seu bebé. Mas nenhuma, nenhuma sabia da linguagem da Beleza que fenece, da Morte que paira como a sombra de um condor, porque todas elas só conheciam o idioma da Vida.

*"Vi-me num sonho de folhas caindo,*

*De lagos escuros num bosque perdido,  
De tristes palavras ecoando —  
Mas não sabia entender-lhes o sentido.* " 21

\*

### Ocorre-me de novo Antígona

Polinices morreu. Lança na mão contra a lança do irmão, Polinices mata Etéocles que mata Polinices.

Antígona reconhece Polinices morto. Contempla-lhe o rosto lívido e o corpo ensanguentado, sente o peso e o frio que desprende, ajeita a sandália solta... Depois, escava no solo árido uma cova onde o acomoda e cobre-o com sucessivas camadas de terra fina. Com um vaso de bronze bem lavrado três vezes coroa de libações o amado falecido. Agora, solta gritos agudos, expressão da sua dor.

Para Antígona o irmão está morto e está vivo. Está morto, porque lhe presta ritos fúnebres para que ele seja honrado entre os mortos. Está vivo, porque lhe prepara um berço, o envolve em areia fina e quente, olha o mundo com os seus olhos que já não vêem. Sim, Polinices morto e vivo, ou um Polinices que existiu e morreu e agora perdura guardado na memória de sua irmã.

Antígona apoia-se nos liames com que a cultura lhe permite ler a Morte, outorgar-lhe um sentido, integrá-la numa História, a História do Homem que, consciente dela, lhe tenta assim escapar. Antígona, nascida "para retribuir o amor e não o ódio," pugna pela integridade de um "texto" (ou um continente — os ritos fúnebres) onde a inclusão da "palavra" (ou a "ideia nova" — a morte de Polinices) pode ser pensada.

E algumas questões me surgem:

Pode uma mãe construir um sentido para a hidronefrose do seu filho recém-nascido?

E se pode, com que fios a enlaça? Fios nebulosos, hesitantes e quebradiços? Fios,

apenas fios? Fios de exaltação? Fios de ocultação? Fios palpitantes de gelo e fogo?... E que coloração lhes atribui? A ausência de cor? O cinzento? O vermelho-sangue? O verde, da esperança? Ou várias cores?...

E quais são os fios com que eu própria capto e enlaço as histórias (sobre as Musas) que construí?

\*

A partir de Melanie Klein que podemos conceptualizar o nosso mundo interno como uma espécie de teatro, habitado por diversas personagens interagindo entre si. E será através desse teatro que as nossas relações com o mundo externo são percebidas. E será nesse teatro que elas ganham sentido, espessura, significação...

Os artistas, ao longo dos séculos, têm-nos falado, longamente, acerca das misteriosas e prodigiosas capacidades desse mundo em gerar cintilações de sentido. Thom Gunn, com a simplicidade dos poetas, di-lo assim, em "O concerto ao ar livre": <sup>21</sup>

*"Na orla  
da compreensão:  
está o segredo.*

*Reconheces não  
o seu conteúdo, mas  
o facto que está  
lá para ser reconhecido.*

*O pó levantado  
por vendedores e dançarinos  
lança reflexos no ar calmo  
onde fica suspenso  
como se nunca fosse pousar.*

*O segredo  
é ainda o segredo*

*não é uma proposição:  
está em encontrar  
o que liga o homem  
à música, aos  
ouvintes, ao nevoeiro  
no topo do eucalipto,  
ao pó descoberto no bocal  
e, depois, em viver um instante  
nessa luminosa intercepção,  
difundida no centro  
como uma aranha branca de jardim  
tão tranquila  
que a julgas  
ter-se tornado a sua própria teia,  
  
um deus existindo  
apenas na sua criação. "*

Sim, "na orla da compreensão está o segredo". Não sabemos como é que, às vezes, reconhecemos o que "está lá para ser reconhecido" e outras, tantas, isso não sucede. Não sabemos como, nem porquê, o "nevoeiro no topo do eucalipto" se liga "ao pó descoberto no bocal", o vibrar de um nome nos confunde, o rasto de um aroma se transforma num sussuro de lembranças perdidas... Como? Porquê?...

Talvez, talvez porque o prodigioso computador que é o nosso cérebro tenha, num dado momento da sua evolução (e quando, como?), "saltado" do nível neurofisiológico para o fenomenológico, constituindo a mente, cuja função principal é "pensar" as experiências emocionais que vivemos, e criar, a partir delas, símbolos idiossincráticos que tornam possível, então, "o pó levantado por dançarinos" captar "uma aranha branca de jardim."

Meltzer, com a linguagem poética que lhe é habitual, fala-nos assim da mente: "The mind (...) operates upon the emotional experiences of our lives to give them a representation through symbol formation that makes thinking about these experiences

possible. And it is clearly this 'thinking about' which generates the 'learning from experience' whose consequence is the structural alterations and reorganizations by which the mind grows. This 'growth', in complexity, integration and richness, would seem, judging by the innate open-endedness of the system, to have no finite boundaries. The history of our truly great creative men and women bears witness to this through their works. It is, after all, not only the poets, but the handful of creative people of each era who are Shelley's 'unacknowledged legislators of the world'." (Meltzer, 1988, pp. xii - xiii).

Então, no âmago da nossa existência, como humanos, encontra-se a experiência emocional que requer, no entanto, ser transformada para poder "alimentar" e fazer crescer a nossa mente. Meltzer, apoiando-se em conceitos de Bion, descreve esse processo da seguinte forma: "la composición de los datos obtenidos de una experiencia emocional no es algo meramente mecánico como, por ejemplo, ajustar la banda sonora a una película, se trata más bien de esta misteriosa función alfa que Bion ha bautizado para nosotros. Mediante un misterioso acto creativo de la mente los datos proporcionados por los diferentes sentidos son introducidos dentro del continente ("la cámara oscura del pensamiento virginal" — Keats) donde la sed de conocimientos (vínculo K) y la dinámica de la preocupación por los propios objetos amados ( $Ps \leftrightarrow D$ , catalizados por el hecho seleccionado) son capaces de producir una imagen onírica donde queda atrapado el sentido, tomando prestada la imagen de Bion, como la luz en un diamante." (Meltzer, 1990 a, p. 112). A partir dos símbolos assim criados, torna-se-nos possível, então, guardar na nossa memória as experiências emocionais vividas, e pensá-las e comunicá-las.

Assim, a experiência emocional busca, no dentro do dentro de nós, uma imagem, uma palavra antiga, um novo sinal para a expressão do seu pulsar. Busca...É um longo e sinuoso caminho, que Bion tão bem conjecturou ao longo da sua obra. Mas ouçamo-lo: "It is tempting to suppose that the transformation of beta-elements to alpha-elements depends on container-contained and the operation of paranoid-schizoid and depressive position ( $Ps \leftrightarrow D$ ) depends on the prior operation of container-contained. (...) Before container-contained can operate, container has to be found and the discovery of container depends on the operation of  $Ps \leftrightarrow D$ . It is obvious that to consider which of the two, container-contained or  $Ps \leftrightarrow D$ , is prior distracts from the main problem. I shall suppose the existence of a mixed state in which the patient is persecuted by feelings of depression and depressed by feelings of persecution. These feelings are indistinguishable from bodily sensations and what might, in the light of later capacity for discrimination, be described as things-in-themselves. In short beta-elements are objects compounded of things-in-themselves, feelings of depression,

persecution and guilt and therefore aspects of personality linked by a sense of catastrophe. (...) The beta-elements are dispersed; this dispersal should be terminated by Ps $\leftrightarrow$ D and a selected fact unless the patient seeks a container that compels cohesion of the beta-elements to form the contained. The dispersed beta-elements, in so far as they seek the container, may be regarded as an abortive prototype of a container. (...) They may equally be regarded as the abortive prototype of the contained, a loosely structured contained before compression to enter the container. (...) If the dispersed beta-elements find no container (the model corresponding to container is presumably the breast) the dispersed beta-elements, functioning as we have seen as a loosely-knit reticulum (contained in search of a container) become, as it were, far more actively depressed-persecuted and greedy" (Bion, 1963, p. 39).

Mas nem sempre uma vivência emocional é transformada numa forma simbólica. Nesse caso "the emotional experience must undergo some other process in order to unburden the psychic apparatus of accretions of stimuli. Some of these processes are essentially evacuatory; some stimulate digestion but evolve a system of lies which are the poison of the mind and inhibit its growth; others produce a kind of encystment or encapsulating containment and occupy areas of the mental apparatus which thereby becomes unavailable for integration in the growth process" (Meltzer, 1984, p. 114).

E porque é que estas situações ocorrem? É provável que a tolerância à dor desencadeada pelos processos mentais desempenhe um papel decisivo na transformação das experiências emocionais. Podemos pensar, com efeito, que a atribuição de uma significação à experiência emocional constitui um processo elaborativo dentro da imagem geral do mundo construída pela imaginação. Então, sempre que uma emoção "origina" uma ideia nova, a imagem do mundo tem que ser reorganizada para a incluir, isto é, o novo pensamento requer um continente onde possa ser pensado. E, se existem ideias leves como sementes de álamo, outras, pelo contrário, podem ser sentidas, pela mente, como catastróficas, por "agitarem" toda a estrutura cognitiva e emocional que as deveria integrar. E, então, a mente pode mobilizar a pesada armadura de soluções, forjadas ao longo da história individual de cada um de nós, para evitar que as experiências anteriores sejam revisitadas e reorganizadas.

Bion, na sua obra "Attention and Interpretation" (1970), desenvolve o conceito de mudança catastrófica, que nos fala, precisamente, da agitação e mudança que a irrupção de uma ideia nova provoca na mente. Concretizando, mudança catastrófica é, para Bion, a

modificação de uma conjunção constante, com base nas seguintes características: alteração, ou subversão do sistema prévio, invariância (há partes desse sistema que não variam), sentimento de ameaça de catástrofe e violência. Será, no fundo, a tolerância à mudança catastrófica que viabiliza o crescimento mental, o conhecimento.

Dario Sor e Maria Rosa Gazzano debruçaram-se, na sua obra "Cambio Catastrofico" (1988), sobre algumas das vicissitudes do encontro entre a "ideia nova" e a mente disposta a acolhê-la. Ouçamo-los: "Imaginamos entonces que entre el hecho nuevo y la mente, se genera una zona que podríamos llamar de "turbulencia emocional". A nuestro entender, esto se debe en líneas generales, a que la función  $Ps \leftrightarrow D$ , que forjara la relación entre el hecho seleccionado y la conjunción constante previa, es sentida como inadecuada para ser continente de la nueva situación, que por su misma índole requiere un cambio en la estructura de la red que va a aproximarse al hecho nuevo (...). La turbulencia se asienta entre el hecho nuevo y la red dispuesta a acogerlo, formando un raro puente de conexión incierta y desconexión imminente. En cierta manera, ayuda a la ruptura de la conjunción constante. (...) Se perderá, entonces, la seguridad que ya parecía lograda, y en el caso más afortunado, superada la turbulencia, la mente se habrá enriquecido con la incorporación de otra idea nueva y el cambio subsiguiente. Sospechamos que la actitud invariablemente reiterativa de los hechos del mundo psíquico, trae una y otra vez aproximaciones de ideas a las márgenes de la mente. (...) Podríamos decir aquí: uno de los aspectos — entre otros — que impidió la aproximación en el primer ciclo, fue la intensa turbulencia que se interpuso. Creemos que hay una correlación entre la magnitud del hecho nuevo y la turbulencia que genera" (op. cit., pp. 109-110).

Esses autores afirmam, ainda, que a turbulência que desvia a aproximação da "ideia nova" é gerada por diversas "resistências endopsíquicas e endogregárias" como, por exemplo, a resistência à dor depressiva, a resistência à revisão de concepções antigas, a resistência às vidas impossíveis de serem vividas, a resistência a fantasmas do passado e a fantasmas do futuro, e tantas outras...

Pois é. O facto está lá para ser reconhecido. Mas, às vezes, é nada. Outras, apenas pó levantado por vendedores e dançarinos. Outras, ainda, "um deus existindo na sua criação".

O segredo? O segredo é ainda o segredo.



... E era uma vez uma mãe cujo bebê nasceu com hidronefrose. E essa ideia nova e inesperada — "o meu bebê com hidronefrose" — uma e outra vez tocou a mente da mãe... Aproximava-se sempre que ela sentia a sucção da boca do bebê no seu seio, ou aflorava a pele, em escamação, da sua mãozita, ou olhava os pontos brancos do seu nariz... A ideia nova era persistente e buscava um ventre que a acolhesse, uma mente que a sentisse e pensasse e lhe desse vida e gesto...

Mas a mãe desviava a mente à sua aproximação... Às vezes até se ria, com um riso de laranjeira enlutada, e afastava-a com um aceno breve da mão... E pensava: "O meu bebê não é doente!".

Outras vezes, a mãe dizia, para si, que nada daquilo tinha importância. Que essas ideias que buscam um sentido são sem sentido. Que o seu bebê não tinha sentido, era apenas um bebê. E, nesses momentos, recordava Alberto Caeiro, um grande poeta:

*"Porque o único sentido oculto das coisas  
É elas não terem sentido oculto nenhum,  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que os sonhos de todos os poetas  
E os pensamentos de todos os filósofos,  
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada que compreender.*

*Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:—*

*As coisas não têm significação: têm existência.*  
*As coisas são o único sentido oculto das coisas." 22*

Outras vezes, a mãe pensava que era o dentro do dentro de si que não tinha existência nem sentido... Uma pedra caindo, caindo, um mal espalhando-se pelo corpo, dizeres ditos por outros... Ela, ela até podia ser uma máquina... E ocorriam-lhe palavras de Heiner Muller, no seu "Hamlet-Machine": "*Je veux être une machine. Bras pour saisir, jambes pour marcher, aucune douleur, aucune pensée*".

Mas a ideia, que pairava como uma nuvem de desconhecido brumoso, era uma ideia peregrina e abeirava-se de novo, uma, duas, três vezes...

E, às vezes, encontrava uma velha embarcação, onde se anichava, e que lhe permitia, ainda que provisoriamente, navegar pelos recônditos da mente da mãe.

Outras vezes, a ideia atravessava as fronteiras que a mãe lhe oferecia e transformava-se em vento enfurecido, golfadas de lava e nuvens de cinza, que ofuscavam o pensamento e gemiam como um sino ecoando nas trevas...

E um dia, uma senhora, que era psicóloga, veio falar com a mãe acerca do que ela imaginava que se passava com o seu bebé. E, então, em vez de uma mente eram duas, e a ideia abeirou-se de novo, com grande intensidade, pensando que, agora, naquele campo tornado mais vasto, talvez encontrasse um pouco mais de tempo e espaço significantes e palavras regeneradoras, apesar de agrestes. (Pelo menos foi isso que a senhora, que era psicóloga, pensou).

E, então, a mãe e a senhora debruçaram-se sobre a ideia e, às vezes, pensavam nela, outras afastavam-na, outras, ainda, afloravam-na superficialmente. Às vezes estavam assustadas pelo desconhecido, a incerteza e a dor e, outras, estavam contentes pelo bebé que nascera da mãe. E a mãe falava de si e do seu bebé e pintava, na tela que era a sua mente e a da senhora, cenários e personagens. Pintava, pintava com as tintas e os pincéis forjados ao longo da sua história e com a arte que a vida lhe ensinara. E na tela surgiam arabescos esfuziantes, ou linhas sóbrias, ou coisa nenhuma. A mãe pintava, ao seu ritmo, o seu quadro que era único. E, nele, a ideia ganhava, também ela, uma significação única.

E foi a partir daqui que a senhora, que era psicóloga, construiu uma história, sobre cada uma das mães que encontrou, e sobre ela. E, quando estava a escrever a parte final, recordou uma poesia de Herberto Helder, que achava muito bonita e que dizia assim:

*"Ela é a fonte. Eu posso saber que é  
a grande fonte  
em que todos pensaram. Quando no campo  
se procurava o trevo, ou em silêncio*

*se esperava a noite,  
ou se ouvia algures na paz da terra  
o urdir do tempo —  
cada um pensava na fonte. Era um manar  
secreto e pacífico.  
Uma coisa milagrosa que acontecia  
ocultamente.*

*Ninguém falava dela, porque  
era imensa. Mas todos a sabiam  
como a teta. Como o odre.  
Algo sorria dentro de nós".<sup>8</sup>*

E, então, semicerrando os olhos, a senhora encontrou dentro de si uma mãe imensa, como a teta, como o odre, uma mãe-Musa, geradora e dadora de vida (e de morte), enigmática, bela e violenta, habitada pelo vento e pela acalmia, pelo gelo e pelo sangue, pelo ódio e pelo amor, capaz e incapaz de ligações. E nela havia o amarelo colérico de Irene, o roxo enlutado de Violeta, o azul metálico de Ana, o verde das árvores a crescer de Eva, o branco orvalhado de Adriana, a mistura violenta das cores da terra de Fernanda, o cinzento da sombra e do fumo de Lídia, o bege da carícia seca de Maria do Mar, o rosa-amarelado das catedrais góticas de Maria, o dourado do colo de Ema. E havia imensidão e cheiros e ritmos e sabedoria e dor e alegria e esperança e Terra e Água e Fogo e Ar.

**EPÍLOGO**

---

As estátuas foram as primeiras a partir. Depois  
foi a vez das árvores, dos homens, dos animais. O local  
tornou-se deserto. Não havia senão vento.  
Jornais e lixo corriam pelas ruas.  
À noite, as lâmpadas acendiam-se sozinhas.  
Um homem chegou, deitou um olhar em redor,  
tirou uma chave, enterrou-a no chão  
como se a devolvesse a qualquer mão subterrânea  
ou plantasse uma árvore. Depois ergueu-se, subiu  
a escadaria de mármore e demoradamente olhou a  
cidade.  
Uma a uma, com parcimónia, as estátuas regressaram.

(Yannis Ritsos)

Está um fim de tarde primaveril, envolto numa luz suave e dourada. Paira no ar um cântico gregoriano... Há quanto tempo o não ouvia?

As folhas brancas chegaram ao fim. Vou soltar o fio de Ariadne e caminhar, um pouco, algures, entre o azul do rio e o do céu. Lá mais à frente talvez o retome. Afinal, o fio de Ariadne pode não ser um fio contínuo...

## **BIBLIOGRAFIA**

---

- Abreu, M. V. (1990). Construção da Psicologia como ciência e dessubjectivação dos processos psicológicos, *Psychologica*, 3, 15-28.
- Agra, C. M. (1982). Epistemologia, ciência e patologia mental, desviância juvenil e toxicomania: um analisador epistémico, *Análise Psicológica*, 4, II, 529-547.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições 70, 1988.
- Bibring, G.; Dwyer, T.; Huntington, D.; Valenstein, A. (1961). A study of the psychological process in pregnancy and of the earliest motherchild relationship, *The Psychoanalytic Study of the Child*, 16, pp. 9-92.
- Bion, W. R. (1963). *The Elements of Psycho-analysis*, London: Heinemann. ✓
- Bion, W. R. (1965). *Transformations — Passage de l'apprentissage à la croissance*, Paris: P.U.F., 1982.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and Interpretation*, London: Tavistock Publications. ✓
- Brazelton, B. e Als, H. (1981). Quatre stades précoces au cours du développement de la relation mère-nourrisson, *Psychiatrie de l'enfant*, XXIV, 2, pp. 397-417.
- Castarède, M-F. (1983). L'entretien clinique à visée de recherche, in C. Chiland (Ed.), *L'entretien clinique*, (pp. 118-145). Paris: P.U.F., 2<sup>a</sup> ed., 1985.
- Colodny, A. (1987). Antenatal diagnosis and management of urinary abnormalities, *Pediatric Clinics of North America*, 34, 5, pp. 1365-1381.
- Devereux, G. (1967). *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*, Paris: Flammarion, 1980.
- Dias, C. A. (1988). *Para uma psicanálise da relação*, Porto: Edições Afrontamento. ✓
- Dias, C. A. (1990). § e a Polis, conferência proferida no Porto: Colóquio "A Psicanálise e a Cidade", texto dactilografado.

- Freud, S. (1900). *La interpretación de los sueños*, Madrid: Alianza Editorial, 11ª ed., 1980.
- Freud, S. (1916-1917). *Introduction à la psychanalyse*, Paris: Payot, 1951.
- Freud, S. (1919). Lo siniestro, *Obras Completas*, III, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 3ª ed.
- Freud, S. (1937). Construcciones en psicoanálisis, in *Introducción al narcisismo y otros ensayos*, Madrid: Alianza Editorial, 3ª ed., 1983.
- Green, A. (1990). *La folie privée, psychanalyse des cas-limites*, Paris: Éditions Gallimard.
- Guillaumin, J. (1992). Jugement de non-représentabilité et renoncement à la maîtrise de la pensée, *Revue Française de Psychanalyse*, 1, LVI, pp. 9-21.
- Heimann, P. (1950). On counter-transference, *International Journal of Psycho-analysis*, 31, pp. 81-84.
- Klein, M. (1955). Sobre a identificação, in *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1985.
- Lagache, D. (1949). *A unidade da Psicologia*, Lisboa: Edições 70, 1978.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*, Lisboa: Moraes Editores, 5ª ed., 1979.
- Levi-Strauss, C. (1978). *Mitos e significado*, Lisboa: Edições 70, 1989. ✓
- Longaker, M. T.; Golbus, M. S.; Filly, R. A.; Rosen, M. A.; Chang, S. W.; Harrison, M. R. (1991). Maternal outcome after open fetal surgery. A review of the first 17 human cases, *JAMA*, 265, pp. 737-741.
- Mango, E. G. (1992). La place des mères, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 45, pp. 7-15.

- Mathieu, H. (1973). Atteinte rénale au cours des uropathies malformatives, in P. Royer, R. Habib, H. Mathieu, M. Broyer (Ed.), *Nephrologie Pédiatrique* (pp. 156-169). Paris: Flammarion Medicine-Sciences, 3<sup>a</sup> ed., 1983.
- Meltzer, D. (1984). *Dream-life — a re-examination of the psycho-analytical theory and technique*, Clunie Press.
- Meltzer, D. (1990 a). *Metapsicología ampliada — aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*, Buenos Aires: Spatia Editorial.
- Meltzer, D. (1990 b). O conflito estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento, *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, pp. 5-29.
- Meltzer, D. (1990 c). Conferência pronunciada por el Dr. Donald Meltzer en AP de BA, *Psicoanalysis*, XII, 1, pp. 123-134.
- Meltzer, D.; Bremner, J.; Hoxter, S.; Weddell, D.; Wittenberg, I. (1975). *Explorations dans le monde de l'autisme*, Paris: Payot, 2<sup>a</sup> ed., 1984.
- Meltzer, D. e Williams, M. H. (1988). *The Apprehension of Beauty — the role of aesthetic conflict in development, violence and art*, Clunie Press.
- Pereira, F. (1980). A análise dos discursos sábios: algumas considerações teóricas e metodológicas, *Análise Psicológica*, 2, I, pp. 205-217.
- Pereira, F. (1990). Significação e representação, *Análise Psicológica*, 3, VIII, pp. 327-338.
- Pereira, F. (1992). Relações interpessoais, construção do conhecimento e educação, *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 10/11, pp. 153-167.
- Santos, B. S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*, Porto: Edições Afrontamento, 3<sup>a</sup> ed., 1990.
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Porto: Edições Afrontamento, 2<sup>a</sup> ed., 1990.

Sor, D. e Gazzano, M. R. (1988). *Cambio catastrófico — Psicoanálisis del darse cuenta*, Buenos Aires: Ediciones Kargieman.

Winnicott, D. W. (1951). Objets transitionnels et phénomènes transitionnels, in *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris: Payot, 1975.

Winnicott, D. W. (1956). La préoccupation maternelle primaire, in *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris: Payot, 1975.

**NOTAS**

---

1. Chirico citado por Gaetan Picon in "Le Surréalisme 1919-1939", Éditions d'Art Albert Skira, S. A., Genève, 1988.
2. C, A e H (ou K, L e H): Bion refere-se aos vínculos Conhecimento, Amor e Ódio.
3. Maria Gabriela Llansol, "O raio sobre o lápis", Livro de Artistas, Comissariado para a Europália.
4. Ruy Belo, "Segunda Infância", in "Obra Poética", Editorial Presença, Lisboa.
5. Herberto Helder, "As Magias", Assírio & Alvim, Lisboa.
6. W. Shakespeare, "Hamlet", Lello e Irmãos, Porto.
7. Herberto Helder, "Prefácio", in "Poesia Toda", Assírio & Alvim, Lisboa.
8. Herberto Helder, "Fonte", in "Poesia Toda", Assírio & Alvim, Lisboa.
9. Fernando Pessoa, "Ao volante do *Chevrolet* pela estrada de Sintra", in "Poesias de Álvaro de Campos", Edições Ática, Lisboa.
10. Fernando Pessoa, "Apontamento", in "Poesias de Álvaro de Campos", Edições Ática, Lisboa.
11. Ésquilo, "Coéforas", Edições 70, Lisboa.
12. Herberto Helder, "Última Ciência", in "Poesia Toda", Assírio & Alvim, Lisboa.
13. Herberto Helder, "A bicicleta pela lua dentro - mãe, mãe -", in "Poesia Toda", Assírio & Alvim, Lisboa.
14. S. João da Cruz, "Coplas feitas sobre um êxtase de elevada contemplação", in "Poesias Completas", Assírio & Alvim, Lisboa.
15. Herberto Helder, "Poemas do Velho Testamento", in "Poesia Toda", Assírio & Alvim, Lisboa.

16. Recitativo do bailado "Exultate Jubilate", Lar Lubovitch Dance Company.
17. S. João da Cruz, "Cântico Espiritual", in "Poemas Completos", Assírio & Alvim, Lisboa.
18. Luis de Camões, "Sonetos" in "Versos e Alguma Prosa", Moraes Editora, Lisboa.
19. Herberto Helder, "Cânticos dos Cânticos, de Salomão", in "Poesia Toda", Assírio & Alvim, Lisboa.
20. Georg Trakl, "Três Sonhos", in "Outono Transfigurado", Assírio & Alvim, Lisboa.
21. Thom Gunn, "O concerto ao ar livre", in "A destruição do nada e outros poemas", Relógio d'Água, Lisboa.
22. Fernando Pessoa, "Poemas de Alberto Caeiro", Edições Ática, Lisboa.

## INDÍCE

---

PRELÚDIOS .....	5
<b>SOBRE O FAZER, O SABER E O SABER FAZER .....</b>	<b>12</b>
1. Sobre o fazer .....	14
2. Sobre o saber .....	17
2.1. Da Ciência .....	18
2.2. De uma Ciência chamada Psicologia .....	23
2.3. De alguns dos contributos da Psicanálise para a Psicologia, em particular, e para a Ciência, em geral .....	25
2.3.1. A Psicanálise e o seu objecto de estudo .....	25
2.3.2. A Psicanálise e uma nova conceptualização da relação sujeito/objecto .....	27
2.3.3. A Psicanálise e o seu questionar constante .....	29
3. Sobre o saber fazer .....	31
3.1. Da entrevista .....	31
3.2. Da construção das "histórias" .....	35
AS MUSAS .....	40
Ser mãe no reino do impensável .....	42
A harpa silenciosa .....	50

Quando a Primavera chegar .....	56
Penso com o corpo que me dói e eu arrasto .....	62
O jogo do esconde-esconde .....	68
Adriana, a vedora .....	75
O eco do vento outonal .....	81
Fernanda .....	86
Maria que não quer estar mais só .....	94
Começo a lembrar-me .....	100
<b>O TEMPO ANTES DO TEMPO DEPOIS .....</b>	<b>107</b>
1. Intróito .....	109
2. O teatro da mente .....	110
3. O sentido gerado pelo teatro da mente .....	116
<b>EPÍLOGO .....</b>	<b>129</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>132</b>
<b>NOTAS .....</b>	<b>137</b>
<b>ÍNDICE .....</b>	<b>140</b>